

COLEÇÃO APLAUSO **TEATRO BRASIL**

O TEATRO DE
ANTÔNIO BIVAR

CORDÉLIA BRASIL

**ABRE A JANELA E DEIXA
ENTRAR O AR PURO E O
SOLDAMANHÃ**

**O CÃO SIAMÊS OU
ALZIRA POWER**

imprensa oficial

Antonio Bivar
As Três Primeiras Peças

Antonio Bivar
As Três Primeiras Peças

Cordélia Brasil
Abre a Janela e Deixa Entrar
O Ar Puro e o Sol da Manhã
O Cão Siamês ou Alzira Power

|imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

Imprensa Oficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador-Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

As Três Primeiras Peças

Antonio Bivar tem a qualidade de ser o detonador de um tipo de teatro contestador dos anos 60. Criou entidades unissex, personagens distantes do realismo e que possibilitam um jogo fascinante.

Fernanda Montenegro

Em entrevista a Arnaldo Jabor, Suplemento Folhetim da Folha de S. Paulo, 22 de setembro de 1991.

Minhas três primeiras peças foram escritas entre 1967 e 1970. À primeira delas dei o título de *O Começo é Sempre Difícil, Cordélia Brasil, Vamos Tentar Outra Vez*, logo abreviado para *Cordélia Brasil*. Escrevi-a em 1967, no meu último ano de faculdade. Cursava Arte Dramática no Conservatório Nacional de Teatro da Universidade do Brasil – hoje UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Estudante de teatro e já tendo despontado como ator amador em *Esperando Godot* (a estreia) e *Sonho de uma Noite de Verão* em 1963 e 1964, respectivamente, e na faculdade orientado pelos professores, estudado e atuado em textos dos medievais a Machado de Assis, foram anos de treino e aprendizado na vasta gama da carpintaria teatral de todos os tempos – os gregos, Nelson Rodrigues, Tennessee Williams,

os *angry young men* ingleses, as experiências *off Broadway* americanas e o espírito da coisa no Brasil e o teatro do absurdo em geral.

12

Os anos finais da década de 1960. A guerra no Vietnã, maio de 1968 em Paris, a Contracultura (herdeira direta da *Beat Generation*) explodindo dos Estados Unidos para o mundo, o homem na Lua. A arte "*faça você mesmo*" do Underground; o *Flower Power*, o *glamour* na propaganda dos novos experimentos, o acesso às ervas expansoras e drogas alucinógenas, pôsteres de Che Guevara em quartos de comunidades psicodélicas e nas paredes de repúblicas estudantis em simultaneidade com o *dropping out* (as fugas em massa das universidades), a revolta juvenil contra a caretice repressora do *establishment*, a queima dos sutiãs em Washington a céu aberto, as revoluções sexuais e raciais – um novo espírito anárquico-dionisíaco alastrava-se pelo planeta. Os guardiões do Sistema, as facções conservadoras, viam nessa movimentação mera degeneração da eterna irresponsabilidade juvenil. Outros, militantes antenados ou simplesmente hedonistas inebriados entregavam-se às novas atitudes como algo a ser vivido intensamente ou, no mínimo, algo a ser observado com interesse e, dependendo da circunstância, experimentado. Este espírito, claro, chegou também ao Brasil, onde uma outra realidade tomava conta.

Desde 1964 o País vivia sob o regime de ditadura militar provocando revoltas estudantis e a luta armada contra a repressão. O teatro do lado dos oprimidos era uma das trincheiras mais ativas, manifestando-se com desafio e garra tendo, como pior inimigo, a censura federal.

Estamos no eixo Rio – São Paulo. Como autor jovem, entusiasta e sem nenhum medo, fui instintivamente ao cerne do espírito da época: a nova dramaturgia, por medida econômica, devia ter poucos personagens. No meu caso contaria ainda com certa fantasia no conflito realista – porque se teatro tinha que ter conflito realista eu era também inspirado pela fantasia. E na mistura dos elementos, o absurdo. Porque a realidade era, no mínimo, absurda. Creio ter aprendido a escrever teatro com Samuel Beckett, tendo que decorar *Esperando Godot* em seis meses de ensaio em 1963, dirigido por Maurice Perpignan. Na peça eu interpretava o Estragon. Se Beckett escrevia daquele jeito, escrever me pareceu fácil e eu também podia. E escrevi *Cordélia Brasil* que em 1967 – logo na leitura dirigida por Fauzi Arap em um seminário carioca de dramaturgia – impressionou o público que lotava o Teatro Santa Rosa em Ipanema. Um ano depois, dirigida por Emilio di Biasi *Cordélia Brasil* estreava no Teatro Mesbla, Rio e encerrava vitoriosa (e tempestuo-



Norma Bengell Em Cordélia Brasil

sa) carreira em São Paulo no histórico Teatro de Arena. Por ela recebi o Prêmio Governador do Estado como autor do ano, em São Paulo.

Na pequena arena, circundada por uma espremidida e abarrotada arquibancada, a atuação de Norma Bengell, com Emílio di Biasi e Paulo Bianco, era arrebatadora. E meu texto e minha trilha sonora tinham por clímax o suicídio de Cordélia ao som do grito primal de Jim Morrison em *When The Music's Over*. Terminada a peça, o público deixava o teatro em estado de choque e estado de graça. Foi um dos grandes acontecimentos teatrais da temporada.. No mesmo ano e ainda em São Paulo recebi os outros dois prêmios teatrais mais importantes do período, o Molière e o da Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCT), pela segunda peça encenada no mesmo ano.

15

Inspirado a escrever a segunda peça enquanto a primeira era ensaiada escrevi *Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro* e o *Sol da Manhã* no meu quarto em uma casa de fundos em Ipanema, casa que dividia com outros atores (nossa fiadora era Tônia Carrero!). Fauzi Arap, ao ler o primeiro ato, achou-o uma obra-prima e me arrebatou à sua residência na Avenida Paulista para eu continuar escrevendo a peça enquanto ele ia ensaiando o primeiro ato no Teatro Maria Della

Costa com a própria e mais Thelma Reston, Jonas Mello e Yolanda Cardoso nos outros papéis.

16

A terceira das peças incluídas neste volume a escrevi em 1969 depois de ter perdido a cópia da primeira versão de *A Passagem da Rainha*. Então, em uma noite, inspiradíssimo escrevi *O Cão Siamês de Alzira Porra-Louca* que iria acabar conhecida como *Alzira Power*. A primeira montagem, ainda com o título original, aconteceu num pequeno teatro no complexo Ruth Escobar tendo por diretor Emilio di Biasi. Yolanda Cardoso e um muito jovem Antonio Fagundes eram os intérpretes. Teve carreira curta com um alternativo sucesso de estima. Todos queriam interpretar o personagem Alzira. De Raul Cortez em nova montagem a Dercy Gonçalves no cinema dirigida por Rogério Sganzerla. Nenhuma dessas ideias foi realizada. Aconteceria no ano seguinte depois que Antonio Abujamra me encontrou em Londres e levou-me a Nova York para conversarmos e eu escrever a toque de caixa alguns trechos para a nova montagem da peça, que ele ia dirigir no Rio. E foi no lendário Hotel Chelsea em Nova York, inspirado por todos os *powers* e movimentos libertários vigentes que escrevi a *Alzira Power* que consta deste volume. A montagem dessa peça – dirigida por Abujamra, com Yolanda Cardoso e Marcelo



*Maria Della Costa, Jonas Mello e Thelma Reston em
Abre a Janela...*

Picchi – foi o estouro da temporada de verão carioca, no Teatro Gláucio Gil em Copacabana. E recebi o Governador do Estado como o melhor autor de 1971 no Rio.

Fazia parte da tropa de choque da Nova Dramaturgia. Eis que surgiram, vindos de origens várias, cinco autores, jovens na casa dos 20 anos, com estilos diversos, mas independentes da tradição dramatúrgica que se vinha fazendo até então na cena teatral brasileira. Assim que essa força nova revelou contornos mais explícitos, recebeu da crítica a alcunha de Nova Dramaturgia. Os autores são, por ordem de estreia de peças, Antonio Bivar, José Vicente, Leilah Assumpção, Consuelo de Castro e Isabel Câmara.

18

Um ano antes, num posto solitário, Plínio Marcos fizera sua impressionante aparição – o que o posicionará, para sempre, como o originador da nova onda. Mas a verdade – atestada pela diferença de apenas um ano, ano e meio no máximo, entre a aparição de Plínio e o surgimento dos outros – é que esses autores já vinham municiados, cada um com suas próprias ideias e bagagens. E até se conhecerem nem faziam parte do mesmo *milieu*. Sobre o grupo escreveu um pesquisador: *Estes cinco autores eram jovens tocados pelo espírito da época e nesse espírito ligados. A explosão desse grupo rompe com as estruturas*

que dominavam nosso teatro até 1968. Um ano antes, Plínio Marcos causara furor com Navalha na Carne; no ano seguinte, Antonio Bivar com Cordélia Brasil e Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã, seguido, em 1969, de José Vicente com O Assalto, Leilah Assunção com Fala Baixo Senão eu Grito, Consuelo de Castro com À Flor da Pele, e As Moças, de Isabel Câmara.

Um autor importante e jovem estreado alguns anos antes, em entrevista publicada na *Folha de S. Paulo*, a respeito da Nova Dramaturgia, fez um interessante comentário, hoje digno de relembração. Lauro César Muniz nessa entrevista em dezembro de 1969 disse: *Na impossibilidade de explodir para fora, os novos autores foram buscar matéria-prima para suas peças dentro de si mesmos, circunstanciados às suas mais íntimas experiências pessoais. Peças de caráter confessional, onde as personagens já não são enfocadas em função de condicionamentos sociais, mas em face de seus problemas individuais, existenciais. O que primeiro chama a atenção nas peças desses autores é a economia. Economia de personagens e cenário. Porém os diálogos e os conflitos... Ao contrário das peças que dominaram a fase anterior, as peças da Nova Dramaturgia desenvolvem-se em ambientes fechados. Personagens evoluem do entendimento ao ódio*

visceral, enjauladas fisicamente num ambiente opressor, sem saída. Ou saídas drásticas.

No caso de minhas três primeiras peças, acredito, quatro décadas depois de escrevê-las e vê-las encenadas, o que impactou foi nelas a falta total de pudor no humor cruel, demolidor e profundamente crítico com que os personagens se entregavam ao público. A censura, fazendo tudo para impedir a explosão desse humor, acusava o autor de *um amoralismo sem precedentes na história da dramaturgia brasileira*.

20

De modo que neste volume estão as minhas três primeiras peças. *Cordélia Brasil, Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro* e *o Sol da Manhã e Alzira Power* (ou *O Cão Siamês*). Constantemente encenadas aqui e fora do País já portam a aura de clássicas do moderno repertório teatral brasileiro.

Antonio Bivar

São Paulo, julho de 2010



Cacilda Becker, Norma Bengell, Bivar e Nydia Licia, em entrevista logo após o sequestro de Norma Bengell

Cordélia Brasil

Peça em dois atos



Norma Bengell e Paulo Bianco em Cordélia Brasil

Cordélia Brasil estreou em 17 de abril de 1968, no Teatro Mesbla, Rio de Janeiro, produção de Oduvaldo Vianna Filho, Gilda Grillo e Luís Jasmim. Elenco: Norma Bengell (*Cordélia Brasil*), Luís Jasmim (*Leônidas Barbosa*) e Paulo Bianco (*Rico*). Direção de Emílio di Biasi.

Em 17 de setembro de 1968, uma nova montagem estreia no Teatro de Arena, em São Paulo, com Emílio di Biasi substituindo o ator Luís Jasmim.

Personagens

Leônidas Barbosa – 28 anos, espírito anarquista, alienado, inventivo, brincalhão, sonhador, romântico.

25

Cordélia Brasil – 28 anos. Realista, mas ingênua. E absurda. Mas coerente. Seu carma é o da batalhadora sem chances nem oportunidades, que repentinamente se torna mulher de pavio curto que explode e acaba com tudo.

Rico – 16 anos. Descobrindo a vida.

Cenário

Uma quitinete bem apanhada, mas decadente, em algum fundo da Zona Sul, Rio de Janeiro. À

esquerda, bifurcadas, as portas da cozinha e do banheiro. À direita, a porta de saída. O apartamento, apesar da miséria, mostra certo estilo – uma certa excentricidade boêmia coerente com o estilo da época em que foi escrita (1967) e encenada (1968). Poucos móveis – uma cama de casal, uma estante-armário onde se guardam desde livros a roupas; uma mesa, duas cadeiras, um baú, um toca-discos portátil e uma cadeira de balanço.

Época

26

Na estreia da peça no Rio de Janeiro, em 1968, o autor recebeu do crítico Yan Michalski (*Jornal do Brasil*), o julgamento: *Antonio Bivar é o pensamento mais moderno do teatro brasileiro*. Vinte anos depois, recebeu de outro crítico, Sábato Magaldi, o seguinte veredicto: *Cordélia Brasil já é um clássico do moderno repertório teatral brasileiro*. Por *Cordélia Brasil* e por outra peça sua, *Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã*, Antonio Bivar recebeu todos os prêmios de Melhor Autor de 1968, em São Paulo (Molière, Governador do Estado e APCA). Por sua interpretação de Cordélia, Norma Bengell recebeu o Prêmio Governador do Estado de Melhor Atriz de 1968 no teatro paulista.

Primeiro Ato

CENA 1

Leônidas na cama, brincando com um ursinho de pelúcia. Entra Cordélia, furiosa, de lenço na cabeça e uma bolsa a tiracolo. Por volta das sete horas da noite.

CORDÉLIA (Furiosa) – Ora, sim senhor! Só faltava essa!

LEÔNIDAS (Tremendo) – Que aconteceu?

CORDÉLIA – A francesa reclamou. Outra vez.

27

LEÔNIDAS – Reclamou do quê?

CORDÉLIA – Que toda vez que você passa pela porta dela, toca a campainha.

LEÔNIDAS (Inocente) – Mentira.

CORDÉLIA – E se esconde.

LEÔNIDAS – Mas é mentira!

CORDÉLIA – Que mentira, que nada! Você toca mesmo. Passa lá e toca.

Você tem a mania de tocar todas as campainhas que encontra. Viu uma campainha, tocou. Até

parece criança. Você se esquece que já tem quase trinta anos?

LEÔNIDAS (Maníaco, tapando os ouvidos) – Para de falar da minha idade! Você sabe que detesto isso.

CORDÉLIA – Sei sim. Sei que você morre quando alguém lembra a sua idade. Fecha os olhos e se julga um menino de doze anos. Você não se manca? Olha no espelho!

LEÔNIDAS – Para com isso!

CORDÉLIA – Olha no espelho! Fica uns quinze minutos em frente do espelho.

28

LEÔNIDAS – Fico até mais.

CORDÉLIA (Imitando) – Fico até mais, fico até mais... (Pequena pausa).

Você não é mais uma criancinha não, meu caro. Você já está mais pra lá do que pra cá.

LEÔNIDAS – O espelho não me diz isso.

CORDÉLIA – Não diz porque você não pergunta. Pergunta pro espelho:

(Madrasta) *Espelho, espelho meu, existe alguém mais pra lá de Bagdá do que eu?*

LEÔNIDAS – Você morre de inveja. Eu posso passar por vinte anos. Você é que tá um caco. Sua cara tá cheia de barrancos, papadas... Seu corpo cheio de pneus... Suas pernas, varizes, varizes, varizes...

CORDÉLIA (Assumida) – E você pensa que eu ligo pra isso? Eu assumo a minha idade.

LEÔNIDAS – Isso é fácil. Quero ver você assumir a idade que aparenta.

CORDÉLIA – Tenho 28 anos e aguento a mão. Não tô nem aí se pareço ter mais ou menos.

LEÔNIDAS – Devia querer. Toda mulher tem que se preocupar com a aparência.

29

CORDÉLIA (Cortando) – E daí? Todo homem não deve se preocupar e no entanto... você...

LEÔNIDAS – Mas eu sou um caso à parte.

CORDÉLIA – Isso você nem precisa dizer.

LEÔNIDAS – Da minha aparência depende o meu futuro.

CORDÉLIA – Que futuro?

LEÔNIDAS – Meu futuro de... cartunista.

CORDÉLIA (Prática) – Ah! Foi bom você falar de futuro, porque eu já ia me esquecendo. A gente precisa ter uma conversinha séria. (Pausa). Já é tempo de a gente fazer um acerto de contas (Pausa. Leônidas fica preocupado). Por causa da sua falta de responsabilidade, quem acaba sempre entrando bem sou eu. (Silêncio) Você não fala nada, não é? Isso quer dizer que você sabe do que é que estou falando.

LEÔNIDAS (Desconversando) – Não é nada disso. Eu não...

CORDÉLIA – Manias. Manias. Manias. É só isso o que você tem: manias.

30

LEÔNIDAS (Olhando pro céu) – Vai começar o sermão?

CORDÉLIA – Parece maluco. Os vizinhos vivem gozando a gente.

LEÔNIDAS – E você liga pra vizinho?

CORDÉLIA – Casal esquisito. Casal pirado. Gente doida... É o que falam da gente por aí.

LEÔNIDAS – Mas Cordélia, você nunca ligou pra isso! Você até gosta de parecer meio doida. Antes da gente se casar você adorava quando todo mundo se virava pra olhar pra gente.

CORDÉLIA (Nostálgica) – Isso era antes...

LEÔNIDAS – Você ficava feliz quando riam da gente!

CORDÉLIA – Antes da gente se casar eu era uma. Agora, casada com você, acabei virando outra.

LEÔNIDAS – Não vejo onde.

CORDÉLIA – Antes da gente se casar eu era jovem, inexperiente, bobona... É claro que gostava de chamar à atenção.

LEÔNIDAS (Irônico) – Hoje você não gosta de chamar a atenção...

31

CORDÉLIA (Nostálgica) – Quem, quando moça, não gosta de chamar a atenção? Toda aquela bobagem de posar de *existencialista*...

LEÔNIDAS – Não estou te reconhecendo. Por que é que, então, você usa essas roupas estranhas?

CORDÉLIA (Realista) – Porque não tenho outras.

LEÔNIDAS (Apontando) – E naquele baú? Tá cheio de vestido antigo, da sua avó. Que você usava quando a gente se conheceu. Por que você não reforma?

CORDÉLIA – E eu lá tenho tempo pra isso?

LEÔNIDAS – Porque não quer. Tempo a gente sempre arranja.

CORDÉLIA – Por que você não reforma pra mim? Você não faz nada o dia inteiro...

LEÔNIDAS – Eu sei costurar, por acaso?

CORDÉLIA – Pois devia aprender. Hoje em dia é preciso estar pronto pro que der e vier.

LEÔNIDAS – Eu?! Costurar?!!!

32 CORDÉLIA – Sei lá, se você fosse homem de verdade, você dava era um jeito na sua vida. Todo mundo fala que quem sustenta esta casa sou eu. Que o meu maridinho fica o dia inteiro deitado, cuidando da *beauté*... (Leônidas faz cara de desentendido, Cordélia insiste) É isso mesmo que você ouviu, cuidando da beleza, da *botê*, conservando a juventude, enquanto eu...

LEÔNIDAS (Irritado) – Saco! Quando é que você vai parar com isso? Já não aguento esse papo de idade, beleza, juventude...

CORDÉLIA – No dia em que o meu maridinho acordar e tomar uma atitude de macho.

LEÔNIDAS (Desviando) – Ah, você casou comigo porque quis. Eu nem tava a fim. Foi você que forçou o nosso casamento.

CORDÉLIA – Ah, foi?

LEÔNIDAS – E depois, eu nunca trabalhei. Você já me conheceu como um *inválido*, um aposentado nato. (Pequena pausa) Não consigo trabalhar. Há muito tempo que já desisti de me esforçar porque o resultado é sempre o mesmo: eu e o trabalho não nascemos um para o outro.

CORDÉLIA – Ah, não?!

LEÔNIDAS – Não. Você sempre soube disso. Foi a primeira coisa do meu currículo, que eu te falei, quando você cismou com a minha cara e resolveu pegar no meu pé.

33

CORDÉLIA – E sendo assim, pra sustentar o meu maridinho, eu tenho que fazer, entre outras coisas, a vida. Ser nada mais nada menos que uma biscate.

LEÔNIDAS – Não fale assim.

CORDÉLIA – Uma putinha.

LEÔNIDAS – Não suporto quando você fala assim... tão... tão vulgarmente! Parece uma mulher à toa.

CORDÉLIA – Ah, é?! Como é que você quer que eu fale? Feito uma cabaço de colégio interno? (Pequena pausa) Seu ordinário! Você por acaso duvida que eu faço a vida?

LEÔNIDAS – Não duvido.

CORDÉLIA (Decepcionada, furiosa) – Não duvida?!

LEÔNIDAS – Sei lá se duvido. Não interessa se duvido ou não duvido. É você que tá cada dia mais grossa, mais vulgar... Você me agride!

CORDÉLIA – Tão sensível! Que lindo! Até parece um rapazinho afeminado.

34

LEÔNIDAS (Professoral, irritante) – Não se diz a-feminado, Cordélia, mas e-feminado. Há uma diferença entre afeminado e efeminado.

CORDÉLIA (Direta) – Veado.

LEÔNIDAS (Agredido) – Que coisa desagradável!

CORDÉLIA (Seca) – Quando eu voltar, vamos ter uma conversa séria. Não durma, não. Fique acordado, bem acordadinho, me esperando. Você pensa que eu vou aguentar muito tempo, ainda, trabalhar oito horas diárias num escritório e fazer a vida à noite, você pensa?

LEÔNIDAS – Cordélia, paciência... Um dia a coisa muda.

CORDÉLIA – E esse dia vai ser bem antes do que você gostaria.

LEÔNIDAS (Preocupado) – Antes? Por quê?

CORDÉLIA – Depois a gente vai conversar sobre isso. (Ressentida) Me deixando fazer esse papel...

LEÔNIDAS – Que remédio? Não tem outro, no momento...

CORDÉLIA – Sabe de uma coisa, Leônidas, qualquer dia eu me mato.

35

LEÔNIDAS – Não fique assim, é só agora! Amanhã melhora.

CORDÉLIA – Se você não tomar uma atitude, eu juro que me mato.

LEÔNIDAS – Não demora a coisa muda.

CORDÉLIA – Quanto a isso não tenha dúvida. Quando eu voltar, vamos conversar sobre isso.

(Cordélia dá a impressão de estar enrolando para não sair. Leônidas parece preocupado. O instante parece muito difícil. Cordélia recomeça.)

CORDÉLIA – Que é que você vai fazer enquanto eu estiver fora?

LEÔNIDAS (Distraído) – Não sei... ainda não pensei... Talvez desenhe... Mas acho que eu vou fazer é nada.

CORDÉLIA (Boa) – Você jura que não toca a campainha da francesa? (Leônidas faz gesto que jura) Nem da outra vizinha?

LEÔNIDAS – Juro, que ideia!

CORDÉLIA – Vê lá, hein?! (Com ternura e dúvida Cordélia vai até Leônidas e dá-lhe um beijo. Ela vai sair.)

36

LEÔNIDAS (Chamando-a) – Que é que você quer que eu prepare para o jantar?

CORDÉLIA (Gostando) – Eu é que vou saber?

LEÔNIDAS – Só tem aquela sopa de cogumelo...

CORDÉLIA – Maggi?

LEÔNIDAS – Maggi.

CORDÉLIA (Brusca) – Então por que pergunta? Faz sopa. Põe dois litros d'água que rende mais.

LEÔNIDAS – Mas no invólucro diz um litro.

CORDÉLIA – E daí? Um litro, dois litros, que diferença faz? Bota dois litros que rende mais. A vida tá difícil, a gente é pobre. Tem que economizar. Tem que fazer render.

LEÔNIDAS – Depois fica dizendo que cozinheiro mal.

CORDÉLIA (Compreensiva) – Esquece o que eu digo. Pra falar a verdade, não gosto de deixar você sozinho. Seria tão bom se eu pudesse ficar te fazendo companhia...

LEÔNIDAS – Ué, então por que não fica?

CORDÉLIA (Cética, mas para cima) – Que pergunta!? E amanhã? A gente vai comer o quê?

37

LEÔNIDAS – Pra falar a verdade, eu também não me sinto bem sozinho. Começo a pensar, a pensar, a pensar... Me dá um cagaço!

CORDÉLIA (Suspirando e para sair) – Só sei que não é fácil. (Abrindo a porta) E fecha a porta com chave, tá?

LEÔNIDAS – Tá.

CORDÉLIA – E nada de tocar a campainha dos outros, ouviu bem? (Atira um beijo e sai)

(Leônidas espera um tempo e, com cara de menino levado, leve, solto, alegre, abre a porta, sai e fica um tempo fora. Ouvem-se sons de campainhas fora. Leônidas volta correndo e fecha a porta com chave. Suspira aliviado. Riso nervoso. Vai até o armário, abre uma gaveta, pega um cigarro e acende. Dá uma longa tragada. Luz vai baixando.)

CENA 2

38

Leônidas sozinho em casa diverte-se com os penduricalhos de Cordélia: brincos, colares, broches, pulseiras. Entra Cordélia acompanhada de um rapazola, muito jovem e bem mais alto que ela. Cordélia fica furiosa ao dar com Leônidas mexendo com as suas bijuterias. Leônidas é pego de surpresa colocando um enorme brinco pingente na orelha. Rico, o rapazola, parece inibido.

CORDÉLIA – Ah, peguei! Seu ordinário! Xeretando as minhas coisas. Filho da mãe! (Estabanada, vai até Leônidas, arranca o brinco da orelha dele e pega as outras bijuterias) É por isso que outro dia dei por falta do camafeu da minha mãe. Onde foi que você enfiou?

LEÔNIDAS – Eu não peguei.

CORDÉLIA – Eu quero.

LEÔNIDAS – Já disse que não peguei, saco!

CORDÉLIA – Me diz onde foi que você enfiou o camafeu da minha mãe?

LEÔNIDAS – Ai minha santa Anastácia!

CORDÉLIA (Desistindo) – Tá bom, deixa pra lá. Daqui pra frente você não vai ter mais tempo de brincar com as minhas joias. Pode ir se preparando desde já. Amanhã vou faltar ao escritório. Vamos sair juntos. Vamos procurar emprego para você.

LEÔNIDAS – O quê?!

39

CORDÉLIA – Exatamente o que você ouviu. Procurar emprego para você. De auxiliar de escritório.

LEÔNIDAS – Nem pensa nisso...

CORDÉLIA – A única coisa de prático que você aprendeu na vida foi datilografia. Na esperança de se tornar um romancista. Agora você vai trabalhar num escritório. De datilógrafo.

LEÔNIDAS – Ah, mas não vou mesmo.

CORDÉLIA – Ah, mas vai sim.

LEÔNIDAS – Pelo amor de Deus, Cordélia!

CORDÉLIA – Deus, Deus, que coisa abstrata.

LEÔNIDAS – Prefiro a morte.

CORDÉLIA – Tá bom. Mas se você não morrer até amanhã cedo, a gente vai atrás desse emprego.

LEÔNIDAS – Mas Cordélia, com a MINHA sensibilidade! É um crime eu passar o dia socado num escritório...

40

CORDÉLIA – Crime é você ficar o dia inteiro à toa, enquanto eu, que sou a mais frágil, eu, que sou mulher, ficar me matando em dois empregos.

LEÔNIDAS – Mas um é só provisório. Um dia a sorte muda.

CORDÉLIA – E vai mudar amanhã.

LEÔNIDAS – Então eu vou embora.

CORDÉLIA (Apontando) – Vai. A porta está aberta. (Rico pigarreia)

LEÔNIDAS – Quem é esse moço?

CORDÉLIA – Nossa! Eu tinha me esquecido completamente!

LEÔNIDAS – Que falta de educação! Que é que ele não vai pensar da gente?

CORDÉLIA (Para Rico, exagerada, tentando consertar) – Desculpa, meu bem, a gente tava resolvendo um assunto da maior urgência. (Sorri, meio sem graça) Tadinho. Não fica com vergonha do Leônidas, não! (Pequena pausa) Como é mesmo o seu nome?

RICO – Rico. Quer dizer... Ricardo Stevenson Hulswitt.

CORDÉLIA (Bem impressionada) – Nossa! Seus pais são americanos?

41

RICO – Meu bisavô.

CORDÉLIA – Era americano?

RICO – Inglês.

CORDÉLIA – Inglês? Que diferente!

LEÔNIDAS (Para Rico) – Você já leu *Orlando*, da Virginia Woolf?

CORDÉLIA (Censurando) – Leônidas!

RICO (Para Leônidas) – O quê?

LEÔNIDAS (Para Cordélia) – Mas Cordélia, esse rapaz é quase um menino! Pergunta a idade dele.

CORDÉLIA – Você acha que vou ficar perguntando a idade de cada pessoa que encontro?

LEÔNIDAS – De cada pessoa, não; mas de ALGUMAS eu acho que é preciso.

CORDÉLIA (Cortando) – Conforme eu fui educada, perguntar a idade dos outros é falta de educação.

LEÔNIDAS – Se o Juizado de Menores e a Polícia te pegam... Você pode ser presa como pedófila.

42 CORDÉLIA – E eu lá sei o que é isso? (Para Leônidas) Você gosta, por acaso, quando perguntam a sua idade?

LEÔNIDAS – Cordélia, às vezes você me parece meio burra...

CORDÉLIA (Para Rico) – Sabe quantos anos ele tem?

LEÔNIDAS (Ameaçando) – Cordélia!

CORDÉLIA – Vou dizer, sim. Agora vou dizer a sua idade pra todo mundo.

LEÔNIDAS – Experimenta.

CORDÉLIA (Para Rico) – Você não acha ele meio... estranho? Imagina, ele esconde a idade! Mas eu vou dizer.

LEÔNIDAS – Mas não vai mesmo.

CORDÉLIA – Vou sim. (Para Rico) Ele fica o dia inteiro em casa. Na cama. Deitado. Sabe pra quê? (Pequena pausa) Pra se conservar. Ficar sempre jovem.

LEÔNIDAS – Você vai se arrepender.

CORDÉLIA – Pra quando chegar a hora de *explodir* ter cara bonita. Pra sair bem nas fotografias. Ele acha que duma hora pra outra a sorte vai mudar. Vai sair do anonimato. Vai ficar famosíssimo. Sucesso total. Cartunista. (Para Rico) Você aguenta? (Para Leônidas) Muito creme de abacate na cara... pra ficar com as faces bem... (Gesticula com as mãos, como que botando o rosto pra cima) Bem assim, né? (Pequena pausa) Muita entrevista na tevê... (Para Rico, sarcástica) Seja sincero, me diga uma coisa: você acha que aos 28 anos alguém ainda pode ter esperanças?...

43

LEÔNIDAS (Furioso) – Cordélia, sua vaca, você disse a minha idade!

CORDÉLIA (Se fazendo de santa) – Ai, desculpa, foi sem querer, juro!

LEÔNIDAS – Disse, não disse? Agora você vai ver.

CORDÉLIA – Juro. Tava só brincando.

LEÔNIDAS – Não, agora você vai ver.

CORDÉLIA (Implorando) – Leônidas...

LEÔNIDAS – Vou dizer, sim. E depois que eu disser, ele não vai querer nada com você.

CORDÉLIA (Para Leônidas, em tom baixo) – Ele vai me dar cem cruzeiros. Você vai estragar tudo.

44 LEÔNIDAS (Para Rico, direto) – Ela já teve gonorreia.

RICO (Apavorado, apertando o pau) – Gonorreia?

CORDÉLIA (Tentando tirar de letra) – Imagina! (Para Rico) É ciúmes. Ele morre de ciúmes. Não gosta de me ver com ninguém.

LEÔNIDAS – Era gonorreia sim.

RICO (Preocupado) – Que horas são?

CORDÉLIA – Juro que não era. Era cisma. É que eu sou muito cismada e cismeí. Mas você pensa que não me precavi? Fui ao médico do INPS e ele jurou que não era gonorreia. Mas eu continuei

cismada, né? Por via das dúvidas, tomei 500 miligramas de Benzetacil. E passou tudo, inclusive a cisma. Sem contar que isso foi no ano passado e de lá pra cá não senti mais nada. (Para Leônidas) Nem coceira, se você quer saber.

LEÔNIDAS (Enigmático, para Rico) – Eu, fosse você, não confiava nela. (Silêncio tenso) Eu, que sou marido, não confio...

RICO (Dividido, preocupado, apertando o pau, distraído) – Que horas são?

CORDÉLIA (Mudando de assunto, para Rico) – Que tanto você aperta o pinto?! (Pequena pausa) Vontade de fazer pipi? (Aponta) O banheiro é ali.

45

LEÔNIDAS (Para Rico) – Eu, fosse você, ia embora.

CORDÉLIA (Para Leônidas) – Cala essa boca.

LEÔNIDAS (Para Rico) – Você vê, eu, que sou marido dela, não tenho coragem... (Pequena pausa) Aliás, eu NUNCA tive coragem. Sei nem por que ela casou comigo. (Tom assustador) Ela é uma tarada. Uma ninfomaníaca.

RICO (Apreensivo, apertando mais ainda o pau) – Tô ficando nervoso, acho que vou embora...

CORDÉLIA (Calma) – Daqui a pouco você vai, não tenha pressa. (Para Leônidas) Ele sabe que eu faço a vida porque tenho que sustentar um marido *deficiente*. Já expliquei tudo pra ele, na rua, antes de vir pra cá.

LEÔNIDAS – A gente vê que ele é ingênuo...

CORDÉLIA (Mudando o tom, ligeira, exagerada na ternura) – Leônidas, meu bem, você não quer descer pra comprar o pão e o leite pro café da manhã?

LEÔNIDAS – A padaria tá fechada.

46

CORDÉLIA – No botequim você consegue. Todo mundo sabe que você é meu marido.

LEÔNIDAS – Pra vocês sujarem a minha cama? Nada disso. Daqui não saio. Eu já estava quase dormindo quando vocês chegaram.

CORDÉLIA (Para Rico) – Vê como ele é mentiroso? Quando a gente chegou ele não tava brincando de mulherzinha? Não tava usando o meu brinco?

LEÔNIDAS – Eu estava fazendo uma experiência. Estava pesquisando um novo personagem que tô bolando.

CORDÉLIA (Cortando) – Aqui, ó. Vê se no meu olho tem catarata. Depois vamos ter uma conversinha a respeito do camafeu da minha mãe.

LEÔNIDAS (Na cama) – Ah, sem essa. Se você tá a fim, apaga a luz e devora o rapaz aí no chão.

CORDÉLIA – Indecente.

LEÔNIDAS (Ocupando toda a cama) – Só faltava essa. Na minha cama, nunca!

RICO (Incomodado, sofrendo, apertando o pau) – Onde fica o banheiro?

LEÔNIDAS (Para Cordélia) – Taí uma ideia: por que vocês não trepam no banheiro?

47

CORDÉLIA – Você sabe que não dá, no banheiro. Tá cheio de roupa estendida, secando...

LEÔNIDAS – Morar em quitinete é um sufoco. (Tendo outra ideia) E na cozinha?

CORDÉLIA – Você quer dizer... de pé? Parece que não enxerga, Leônidas! Olha o tamanho do rapaz e olha o meu!

LEÔNIDAS – Você sobe no banquinho!

CORDÉLIA – Depravado. (Decidida, pega Rico pela mão e o leva para a cozinha)

(Leônidas, sozinho em cena, pula da cama, corre até a saída para a cozinha, tenta ouvir um pouco à porta. Em seguida corre de volta à cama e se enrola numa colcha. Luz vai baixando.)

CENA 3

Em cena, Leônidas e Rico. Ouve-se Cordélia cantando no banheiro.

RICO – É verdade aquele negócio de gonorreia?

48

LEÔNIDAS – Não, seu bobo, brincadeira. Era só pra irritar a Cordélia. (Pequena pausa) Foi bom?

RICO (Satisfeito) – Foi muito bom.

LEÔNIDAS – Foi a primeira vez?

RICO – Com uma coroa, foi.

LEÔNIDAS – Cordélia não é coroa!

RICO – Pra mim, passou dos 20 é coroa.

LEÔNIDAS – Nossa! Que preconceito!

RICO – Que preconceito?! Não falei que foi legal?
(Pausa) A sua mulher sabe das coisas...

LEÔNIDAS – Exemplo?

RICO – Não vou ficar entregando, né?

LEÔNIDAS – Por que não? Aqui entre nós... Entre homens!

RICO – Não, não vou não.

LEÔNIDAS – Paciência. (Pequena pausa) Você come muitas meninas?

RICO – Gostaria de comer mais. (Desabafando) Pô, cara, só penso em sexo! Fico de pau duro o dia inteiro.

LEÔNIDAS (Intelectualmente interessado) – É mesmo? Então você é um priápico!

RICO (Assustado) – Que é que é isso?

LEÔNIDAS (Professoral) – Uns dizem Príapo, outros, Priapo. Na Itália, parece que é Príapo. Na Grécia e no Brasil, Priapo. Eu falo Priapo, mas já me corrigiram várias vezes. Enfim...

RICO (Ansioso) – Sei, mas o que é isso?

LEÔNIDAS – Priapo é um deus da mitologia grega. O deus dos jardins. Ele é filho de Dionísio, que é o deus do tesão, e de Vênus, a deusa do amor.

RICO – Mas por que você disse que eu sou priápico?

LEÔNIDAS – Você não disse que fica de pau duro o dia inteiro?

RICO – Falei, mas e daí?

LEÔNIDAS – Então, esse deus, o Priapo, ele também. Ele já nasceu de pau duro. E tem gente que é meio assim. Você, por exemplo. Daí que a escola freudiana inventou que priápico é quem fica de pau duro 24 horas por dia.

RICO – Isso é mau?

50

LEÔNIDAS – Só quem pode responder é você. (Pequena pausa) Mas na época do deus Priapo, a vida devia ser bem mais fácil. Naquela época tinha as ninfas dos bosques, as náiades das fontes... Elas viviam peladas, tudo era mais saudável, bem mais livre...

RICO – É, porque hoje não é nada fácil.

LEÔNIDAS – Sofrendo de priapismo você deve se masturbar muito...

RICO – Pô, cara, você também quer saber de tudo, hein?

LEÔNIDAS – Não... É que eu realmente me interesso pelas pessoas. Me interessa saber como elas são, o que pensam, o que praticam...

RICO – Pra quê? Só pra saber?...

LEÔNIDAS – É que um dia eu ainda vou ser um grande quadrinista. Al Capp, Lee Falk, Alex Raymond, Walt Disney, Robert Crumb... (Pequena pausa) Sabe? Os criadores do Ferdinando, do Mandrake, do Flash Gordon, do Mickey Mouse... (Pequena pausa) E para ser um cartunista razoável é preciso, além da imaginação, ter uma certa cultura, psicologia e experiência. E um bom traço. Imaginação eu tenho até demais. O que me falta é experiência. É por isso que eu faço perguntas.

51

RICO – Não consigo te entender.

LEÔNIDAS – É simples. Você é um priápico e priápico é tudo o que eu não sou. Eu, pro meu pênis ficar de pé, você não calcula o sacrifício. Sou uma pessoa totalmente assexuada. Sexo jamais passa pela minha cabeça.

RICO – Não acredito.

LEÔNIDAS – Ninguém acredita. Mas é a pura verdade. (Objetivo) Bem, minha vida sexual não interessa, voltemos à sua. Eu perguntei e você não respondeu: você se masturba muito?

RICO – Me falaram que faz mal pra saúde.

LEÔNIDAS – Quer dizer que você não se masturba?

RICO (Impacientando-se) – De vez em quando, não toda hora.

LEÔNIDAS – Toda hora, concordo, não deve fazer bem. (Mudando de assunto) Você estuda?

RICO – Parei.

LEÔNIDAS (Chocado) – Não gosta de estudar?

52 RICO (Tentando consertar) – Não, é que tô dando um tempo. Meu negócio é ficar no sítio, ajudando meu pai, fazendo galinheiro...

LEÔNIDAS – Onde?

RICO – Em Jacarepaguá.

LEÔNIDAS – Tem namorada?

RICO (Começando a se irritar) – Pô, meu, 'cê tá querendo saber de tudo!

LEÔNIDAS (Como quem desiste) – Você não tá a fim de colaborar, paciência.

RICO – Eu gosto de uma menina que mora do lado. Mas ela não quer nada comigo. Só quer o cara do outro lado.

LEÔNIDAS – É sempre assim. (Mudando) E a Cordélia?

RICO – Que é que tem?

LEÔNIDAS – Como foi que vocês se conheceram?

RICO – Foi ali perto do cinema.

LEÔNIDAS (Consigo mesmo, encucando) – Que esquisito... Ele disse que mora em Jacarepaguá... (Voltando-se bruscamente para Rico) Como é que você veio parar aqui no Leblon?

53

RICO – É que eu tenho uma tia que mora aqui perto.

LEÔNIDAS – Mas você não estava na sua tia, estava perto do cinema...

RICO – Pra falar a verdade eu tava era mesmo a fim dum piço. Daí ela me viu e me chamou.

(Cordélia volta do banheiro cantando e se perfumando com um *spray*. Ela joga um pouco de *spray* na sala e nos dois. Cordélia procura alguma coisa.)

CORDÉLIA (Feliz, falando sem olhar para os dois) – Nada como um cigarro depois do banho. (Pequena pausa) Falando mal de mim?

LEÔNIDAS – Ele estava me contando como conheceu você.

CORDÉLIA (Distraída) – Ah, é? (Pequena pausa) Que é mesmo que estou procurando? (Abre uma gaveta, procura, não encontra, volta-se para Leônidas) Leônidas...

LEÔNIDAS – O quê?

54 CORDÉLIA – Você pegou meu Continental que deixei aqui?

LEÔNIDAS – Pra quê?

CORDÉLIA – Me dá.

LEÔNIDAS – Eu fumo, por acaso?

CORDÉLIA – Me dá meu cigarro.

LEÔNIDAS – Ai meu saco!

CORDÉLIA – Leônidas, eu tava guardando aquele Continental aqui na gaveta fazia uma semana! Quem ia pegar?

LEÔNIDAS – Eu é que vou saber?

CORDÉLIA (Gritando) – Me dá meu cigarro.

LEÔNIDAS (Mesmo tom dela) – Já disse que não peguei!

CORDÉLIA – Eu quero meu cigarro.

LEÔNIDAS – Ai minha santa paciência!

CORDÉLIA (Desistindo) – Deixa pra lá. Mas você me paga.

RICO (Apressado) – Eu vou embora. Tenho aula amanhã cedo.

55

LEÔNIDAS – Mentiroso.

RICO – Quê?!

LEÔNIDAS – Você falou que não estuda! Te peguei, hein!

RICO – Tenho aula com meu pai. Ele tá me ensinando fazer uma coisa.

LEÔNIDAS – Que coisa?

CORDÉLIA (Despachando) – Deixa o menino ir embora. Já é tarde e ele mora longe. Nós tam-

bém precisamos dormir. Amanhã vamos acordar mais cedo e procurar emprego pra você. (Leônidas apavorado com essa ideia salta da cama e corre ao banheiro)

(Cordélia leva Rico até a porta de saída)

CORDÉLIA – Gostou, filhinho? Puxa, você tava numa!

RICO (Entregando um dinheiro a Cordélia) – Puxa! Fazia um mês que eu não dava um piço.

56 CORDÉLIA (Enfiando o dinheiro no peito) – Então volta daqui um mês e dá outro. (Abre a porta e dá um beijo em Rico; ele sai. Cordélia fecha a porta. Leônidas volta do banheiro) Estou exausta. (Cordélia senta na cadeira de balanço) Que gracinha...

LEÔNIDAS – O quê?

CORDÉLIA – Esse menino... (Enfia a mão no peito e tira a nota de cem, olha-a orgulhosa) Sabe, Leônidas, às vezes eu acho que vale a pena fazer a vida... (Sonhadora) A juventude é uma coisa tão bonita!...

LEÔNIDAS – E como foi que vocês resolveram lá na cozinha?

CORDÉLIA (Recatada) – Você acha que eu vou ficar contando?

LEÔNIDAS – Ah, conta... conta... conta.

CORDÉLIA (Alegre, embalando-se na cadeira) – O menino... Como é mesmo o apelido dele?

LEÔNIDAS – Rico.

CORDÉLIA – O Rico tava tão aflito... Coitadinho. Daí eu usei um macete e ele não queria mais parar! Esse menino, pra idade dele, é um prodígio, um fenômeno! E tem uma ginga! (Pequena pausa) Duas vezes! Também fazia um mês que ele não dava um piço. Que gracinha! Tão safadinho! (Pequena pausa) Existe coisa mais linda que a juventude? Esse menino... Ele podia até ser feio... Mas aos 16 anos qualquer pessoa é bonita. E ele é tão bonito, meu Deus!

57

LEÔNIDAS – Ficou gamada, é?

CORDÉLIA (Disfarçando) – Não é isso...

LEÔNIDAS – Ficou sim.

(As palavras de Cordélia vão surtindo um efeito desagradabilíssimo em Leônidas: a consciência de que já não tem mais 16 anos. E Cordélia continua no devaneio.)

CORDÉLIA – Não é isso, juro. Eu fico assim... apaixonada... é pela adolescência... (Pequena pausa) Nós, por exemplo, que já temos quase 30 anos... (Leônidas tapa os ouvidos) Nós somos, de uma certa forma, jovens, ainda. Nós ainda somos capazes de inspirar algum sentimento... Talvez até amor... (Ponderando) É difícil, mas pode acontecer. Mas o que eu acho triste, no nosso caso, no meu e no seu, em particular, é que a gente já não tem mais nenhuma ilusão...

LEÔNIDAS – Você não sabe o que está falando. Eu ainda tenho muita esperança...

58 CORDÉLIA (Ignorando a fala dele, continuando) – E quando a gente já não tem mais ilusão... (Muda o tom, com garra, acreditando) Leônidas, esse menino me amou! Eu senti isso. E o que me deixa mais feliz é que, além dele ter me amado, ele ainda me pagou! Cem cruzeiros! Cem cruzeiros só pra me amar! (Excitada, brandindo a nota) Esse dinheiro pra mim é sagrado. Se eu pudesse, eu nem gastava. (Orgulhosa) Eu ainda sou capaz de me fazer amar, de me fazer pagar, por uma criança de 16 anos!

LEÔNIDAS (Constrangido) – Que vergonha, meu Deus!

CORDÉLIA – Vergonha de quê?!

LEÔNIDAS – Cordélia, pra mim é uma tortura quando você fica *mexicana*.

CORDÉLIA (Ainda sonhadora) – Se você compreendesse...

LEÔNIDAS – Eu até compreendo. Mas você fica tão patética, bancando a puta de coração doce...

CORDÉLIA – Será que ele volta, um dia?...

LEÔNIDAS – Quem sabe?

CORDÉLIA (Firme) – Tenho quase certeza que ele vai voltar... (Pequena pausa. Certa) Ele vai voltar. (Mudando o tom, objetiva, acordando) Ah, até me esqueci do seu emprego. Vamos dormir que amanhã é outro dia.

59

LEÔNIDAS – Não estou com sono.

CORDÉLIA – Mas eu estou.

LEÔNIDAS – Eu ainda vou ler um pouco.

CORDÉLIA – Nada disso. Nós vamos dormir é agora.

LEÔNIDAS – Mas eu não estou com sono! Tô com a pressão alta.

CORDÉLIA – E eu com a pressão baixa. Você está querendo me enrolar. Pra gente perder a hora, não acordar cedo e não procurar emprego pra você, pensa que eu não sei?

LEÔNIDAS – Não é nada disso.

CORDÉLIA – Pensa que me engana?

LEÔNIDAS (Emburrado) – Tá bom, vamos dormir. Mas se eu ficar me virando na cama a noite inteira, azar o seu.

60

CORDÉLIA – O meu não, o seu. Se tem uma coisa que eu não sofro é de insônia. É só eu cair na cama pra logo puxar o ronco.

LEÔNIDAS (Insistindo) – Vamos deixar esse negócio de emprego pra depois de amanhã. Só até eu me acostumar com a ideia.

CORDÉLIA – Nada disso.

LEÔNIDAS – Puxa, Cordélia, eu fiquei até hoje sem trabalhar...

CORDÉLIA (Decidida) – Amanhã nós vamos procurar emprego pra você.

LEÔNIDAS – Que é que custa, um dia a mais, um dia a menos? Que diferença faz?

CORDÉLIA – Não me interessa saber.

LEÔNIDAS – Mas Cordélia...

CORDÉLIA – Não interessa.

LEÔNIDAS – Cordélia...

CORDÉLIA – Vá dormir, já.

LEÔNIDAS (Indo pra cama, resmungando) – Que ódio! Vão me destruir nesse emprego. Tenho certeza. Mas eu me mato. Juro que me mato.

Blecaute

Segundo Ato

CENA 1

Entram Cordélia e Leônidas vestidos com roupa de quem saiu procurando emprego. Leônidas entra rindo. Cordélia está furiosa.

CORDÉLIA – Não ri não, que eu tô puta da vida. Fiquei quieta na rua pra não dar vexame. (Pequena pausa) Que papel você me faz! A gente entra no elevador com aquela mulher e você aperta o botão de todos os andares! (Pequena pausa) Ora, sim senhor! (Leônidas para de rir e baixa a cabeça, culpado) Eu morro de vergonha, finjo que não te conheço e você me cutuca, rindo da mulher, que ficou uma onça! A mulher ficou uma arara! E ela era tão distinta. Quase mandou a bolsa na nossa cara. (Pequena pausa, dramática) Vinte andares! Parecia que a gente não ia chegar ao térreo nunca! Tava na cara que a mulher tava atrasada! (Pequena pausa) Puxa, Leônidas, será que você não aprende a se portar como adulto?

LEÔNIDAS – Eu te avisei.

CORDÉLIA – Avisou o quê?

LEÔNIDAS – Eu te avisei que não queria procurar emprego.

CORDÉLIA – E daí? Aqui quem manda sou eu.

LEÔNIDAS – Você sabe que eu não tenho resistência física para trabalhar.

CORDÉLIA – Você é um covarde.

LEÔNIDAS – Sou mesmo.

CORDÉLIA – Falei com o cara da agência. Ele te arranhou um emprego de auxiliar de escritório. Você vai trabalhar oito horas. Sábado e domingo livre. Dois mínimos, de salário. É pouco, mas pra quem nunca trabalhou... (Pausa para Leônidas meditar) Custava você se esforçar um pouco pra gente fechar o dia com chave de ouro?

LEÔNIDAS – Eu tenho medo.

63

CORDÉLIA – Medo de quê?

LEÔNIDAS – Você sabe que eu morro de medo.

CORDÉLIA – Eu também tinha medo, idiota. O começo é sempre difícil. Depois, com o tempo, a gente acaba se acostumando.

LEÔNIDAS – Prefiro a morte.

CORDÉLIA – Você prefere eu sei o quê. (Pausa). Pra falar a verdade, não sei como tenho tido saúde pra te aguentar. Com mais uma dessas que você me deu hoje, eu te expulso na hora.

LEÔNIDAS – Duvido. Você não teria coragem.
Você sabe que outro você não arranja...

CORDÉLIA – O quê?

LEÔNIDAS – Você não vai achar outro pra te aguentar como eu te aguento.

CORDÉLIA – Não vou?

LEÔNIDAS – Não.

CORDÉLIA – Imagina! É só eu querer.

LEÔNIDAS – Quem, por exemplo?

64

CORDÉLIA – Bem, tem uns que você não conhece. Mas um que você conhece... (Pausa para mistério)

LEÔNIDAS – Quem?!

CORDÉLIA – Quer que eu diga?

LEÔNIDAS – Quero.

CORDÉLIA – Quer mesmo?

LEÔNIDAS – Vai, diz logo.

CORDÉLIA – Tá bom. O Rico.

LEÔNIDAS – Aquele menino?

CORDÉLIA – Por que não?

LEÔNIDAS – Ora, não me faça rir.

CORDÉLIA – Pois é, ele mesmo.

LEÔNIDAS – Aquilo foi só uma vez e *never more*.

CORDÉLIA – Isso é o que você pensa.

LEÔNIDAS – Você só valeu pra tirar o atraso dele. E se eu te conheço, fogosa do jeito que você é, deve ter esquentado tanto a coisa que aquele não vai precisar tirar outro atraso tão cedo.

65

CORDÉLIA – Você é que não tava lá no lugar dele. (Suspira prazerosa). O menino saiu daqui gamado.

LEÔNIDAS – Tanto que já deve ter encontrado outra no mesmo ponto. Aquele você não vê mais.

CORDÉLIA – Imagina. Até parece que não me conhece. A mamãe aqui é de deixar saudade.

LEÔNIDAS – Deixa de ser vulgarona.

CORDÉLIA – Mas que volta, volta. Certeza absoluta.

LEÔNIDAS – Não se iluda. Ele me contou. Ele é

vidrado na garota do portão ao lado.

CORDÉLIA – Não vai ser por isso que ele vai deixar de aparecer. (Campainha) Quem seria?

LEÔNIDAS – Quem será?

(Cordélia abre a porta. Leônidas, rápido, corre e ocupa a cama. Entra Rico)

CORDÉLIA – Leônidas, olha só quem está aqui.

RICO (Menos tímido, um pouco mais à vontade)
– Boa-noite.

66 CORDÉLIA – Fica à vontade, a casa é sua, querido.

LEÔNIDAS (Em devaneio, ligeiramente teatral.)
– Humm, essa coisa de não sair de casa, ter horário pra nada, passar a vida na cama, não ver o tempo passar... Isso me deixa numa confusão! Nunca sei o mês, nunca sei a hora... (Para Rico)
Você sabe que dia é hoje?

RICO – Da semana ou do mês?

LEÔNIDAS – De ambos.

(Cordélia sai para o banheiro)

RICO – Da semana, é segunda... Agora, do mês...

CORDÉLIA (Gritando, do banheiro) – Amanhã é terça, seu primeiro dia de trabalho!

LEÔNIDAS (Respondendo a Rico) – Segunda-feira? E eu que pensava que fosse quarta! Pra mim é assim: segunda é quarta, quarta é quinta, sexta é sábado, domingo é segunda... (Pausa) Eu tenho uma tia, sabe? Ela é uma das médiuns que mais recebem lá na minha cidade. E essa tia me disse que eu sou assim porque esta é a minha última encarnação. Aqui na terra, bem entendido. (Pausa) Depois eu vou começar tudo de novo, só que num outro planeta. (Pequena pausa) Talvez com umas antenas na testa... (Desolado, existencialista) Você já pensou, começar tudo de novo?... (Reconsiderando) Se bem que de antena na testa... Será que vou me adaptar? Com as antenas, com o planeta... (Pequena pausa). Uma, duas, três, várias encarnações... Aí, de novo mandado a outro planeta. E depois outro, mais outro... Acho que isso não tem fim, enquanto a gente não atingir a perfeição cósmica. Daí quem sabe voltar à Terra... Numa condição diferente... Não como ser humano, mas... pássaro, peixe... (Tomado) Se, quando eu atingir a perfeição, algum Ser Supremo me der a liberdade de escolha e a chance de voltar à Terra... Digamos que eu escolhesse voltar como pássaro... Mas que pássaro? Andorinha, gavião, pintassilgo, beija-flor... (Decidido) Amanhã mes-

mo vou começar estudar Ornitologia.

CORDÉLIA (De volta do banheiro) – Você falando bobagem, o Rico vai pensar o que da gente?

LEÔNIDAS – Já decidi. Escrevo à minha tia para esclarecer algumas dúvidas sobre reencarnação e amanhã mesmo vou pegar firme em Ornitologia.

CORDÉLIA (Para Rico) – Meu bem, você, por acaso, teria um cigarro?

RICO – Claro. (Tira um cigarro do maço e oferece a Cordélia)

68 CORDÉLIA – Hummm, de filtro! Que chique! (Arranca o filtro, vira o cigarro do lado contrário, coloca-o na boca, oferecendo-se para Rico acendê-lo) Não aguento cigarro de filtro (Dá uma longa baforada) Nada como um cigarro para relaxar os nervos.

RICO (Para Leônidas) – Você quer um?

LEÔNIDAS – Não, muito obrigado, não fumo.

CORDÉLIA (Para Rico) – Meu bem, será que você pode me deixar uns dois?

RICO – Eu também não fumo. Eu trouxe este maço pra você.

CORDÉLIA – Não diga! Que gracinha! (Mais que rápida, pegando o maço) Viu, Leônidas, quando eu disse? (Para Rico) Meu anjo, você já fumou quantos?

RICO – Eu disse que não fumo, mas fumei um, para experimentar.

CORDÉLIA (Fazendo a conta de cabeça) – Um só? (Pequena pausa). Um seu e um meu: dois. Ficam sobrando dezoito. (Olha para Leônidas, desconfiada) Deixa eu guardar. Leônidas, aqui tem dezoito cigarros, contadinhos. Se você pegar um, eu acabo com a tua raça. (Silêncio).

69

RICO (Sentando-se na cadeira de balanço) – Tô atrás de uma informação. Será que é fácil arranjar emprego em navio mercante?

LEÔNIDAS – Sei lá, você me parece muito novo para trabalhar em navio mercante. Os marinheiros vão querer te faturar.

RICO – Que nada. Eu tenho um tio. Hoje ele mora na Pensilvânia. Ele começou na minha idade. Marinha mercante. Viajou o mundo inteiro.

LEÔNIDAS – Qual é o seu signo?

CORDÉLIA – Puxa, Leônidas, você vai começar de

novo esse papo furado de horóscopo?

LEÔNIDAS (Corrigindo-a) – Astrologia.

RICO – É...

LEÔNIDAS (Cortando) – Espera um pouco... não fala... deixa eu ver... (Concentra-se, a mão na testa) Deixa eu pensar... (Pausa. Observa Rico) Aquário.

RICO – Nasci no dia 5 de fevereiro...

LEÔNIDAS – Batata. Segundo decanato. Viu, Cordélia, viu só?

70 CORDÉLIA – Você chutou.

LEÔNIDAS (Para Rico) – Ela não me leva a sério quando falo de Astrologia.

CORDÉLIA – Eu não te levo a sério nunca.

LEÔNIDAS (Entusiasmado, para Rico) – Você sabe que o signo de Aquário é o mais evoluído? As pessoas do seu signo são cem anos adiantadas sobre as pessoas dos outros signos e, quem sabe, até mesmo sobre as do próprio signo, sabe como é? São geralmente altas...

CORDÉLIA – E aquele seu primo?

LEÔNIDAS – Eu disse *geralmente*. E depois, ele não é meu primo. Além do que, ele é do primeiro decanato e, se você me permite, estou falando do segundo. (Isto posto, inspira fundo e continua) Lincoln, Júlio Verne, Mozart, Bertolt Brecht, e até mesmo aquela atriz, a Jeanne Moreau... (Pequena pausa) Você certamente já ouviu falar dessas pessoas...

RICO – Não. Nunca.

LEÔNIDAS – Ótimo. Nota 10 em autenticidade. Sinal de que você ainda tem tudo pela frente. (Começa) As pessoas do teu signo são confusas, revolucionárias, egoístas, impacientes, ciclotímicas...

71

RICO – Que é que é isso?

LEÔNIDAS – Ciclotímica?

RICO – É isso mesmo. Que é que é isso? Outro dia você falou que eu era priápico... e agora tá falando isso aí...

LEÔNIDAS – Numa outra oportunidade eu explico. (Continuando) Apesar de ser o signo, do futuro, é também o do passado, o que pode parecer ambíguo, mas não é. E logo você vai compreender por quê. (Muda o tom) Aquário é

o signo da amizade. Nada de amor. Por causa da ciclotimia, você é o tipo da pessoa destinada à independência total. Livre para enfrentar todos os riscos maravilhosos que a vida atual oferece. Escapar, fugir, você não é de ficar preso. (Pequena pausa) Certo? O seu signo se dá perfeitamente com o meu, Escorpião. (Olhando para Cordélia) Agora tem uma coisa: você deve fugir das pessoas de Peixes, que são muito negativas...

CORDÉLIA – Hummm, Leônidas, tu fica tão fresco quando começa a falar de horóscopo!

LEÔNIDAS (Corriginda-a) – Astrologia.

72 CORDÉLIA – Foda-se. (Para Rico) Sabe com quem ele aprendeu essa bobagem?

LEÔNIDAS (Reverente) – Com o grande Krishna logue lá em Friburgo.

CORDÉLIA – Imagina! Um boliviano metido a hindu. Um depravado que vive em função do *Kama Sutra*. Um indecente, que vive com uma piranha romena, que tem uma parenta ex-amante de um deputado cassado. Esse grupo é conhecido lá em Friburgo como a *família Trepas*. Foi no meio desse povo que ele aprendeu a tirar mapa astral.

LEÔNIDAS – Ele nem ouviu o que você disse.

CORDÉLIA (Para Rico) – Ainda por cima tá te chamando de tapado.

LEÔNIDAS (Místico) – Ele é um iluminado. Um santo.

CORDÉLIA (Debochando) – É mesmo? Que interessante!

LEÔNIDAS – Ele sintoniza coisas que você, com sua mente suja, não percebe.

CORDÉLIA – Ah é? Então pergunta se ele tá me sintonizando lá na esquina? (Prática) Sim, porque vou deixar vocês sozinhos, concentrados. Vou fazer a vida. Aqui nesta casa, tô percebendo, um é pouco, dois é bom, três é demais. A demais, agora, sou eu. Vamos ver se quando eu voltar a coisa muda. (Para Leônidas) Acho bom você dormir cedo. Amanhã você vai ter que enfrentar o batente. (Começa a se preparar e vai ao banheiro)

RICO (Apertando o pau, para Leônidas) – Eu vim aqui pra dar um piço. Você pode dar um toque aí, na Cornélia?

LEÔNIDAS (Corrigindo-o) – Cornélia, não, Cordélia.

RICO (Consertando) – É, Cordélia.

LEÔNIDAS – Acho que agora não convém. (Pequena pausa) Você não acha ela vulgar, às vezes?

CORDÉLIA (Voltando) – Que é que vocês dois estão aí cochichando?

LEÔNIDAS – Não é de você.

CORDÉLIA (De saída) – Acho bom mesmo. Bem, já vou indo. Vou ver se descolo alguma grana pra quebrar o nosso galho amanhã e depois. (Dá um beijo no rosto de Leônidas e outro em Rico. Sai desanimada.).

74

LEÔNIDAS – Essa minha mulher não regula! Será que ela não percebeu que você veio pra fazer programa com ela? (Pequena pausa) Você trouxe dinheiro?

RICO – Trouxe.

LEÔNIDAS – Quanto?

RICO – Cem cruzeiros.

LEÔNIDAS – Nossa! Onde é que você consegue tanto?

RICO – Transei um galinheiro de arame que tava jogado fora lá no sítio. Vendi pro sítio do lado.

LEÔNIDAS – Então vamos fazer um negócio. Você me dá os cem cruzeiros que tô precisando pra comprar revistas e material, trepa com a Cordélia e pode ficar aqui quanto tempo você quiser. (Pequena pausa) Topa?

RICO – Você acha que ela vai topa?

LEÔNIDAS – Claro, seu bobo. Ela te adora!

RICO – Então topo.

LEÔNIDAS – Que ótimo! Vou até fumar um cigarro. (Vai até o lugar onde Cordélia guardou o maço, pega um e acende).

75

RICO – Ah, então também quero um.

LEÔNIDAS (Prudente) – Vamos nesse aqui mesmo. Eu fumo um pouco e te dou. O maço está cheio, ela não vai sentir falta de um. (Pausa. Contente) É inacreditável a gente ter visita por uns dias. Acho essa ideia muito estimulante. Nunca ninguém vem visitar a gente, sabia?

RICO – Vocês não têm família?

LEÔNIDAS – A minha família nem sabe onde eu ando. Quando saí de casa, lá no sul de Minas, eu disse pro meu pessoal que não ia mandar notícia enquanto não tivesse me acontecido uma coisa

muito importante. Pra eles não ficarem preocupados, sabe? (Pequena pausa) Como até agora não me aconteceu absolutamente nada, até hoje não mandei nenhuma carta. E pelo jeito eles nunca vão receber notícias minhas.

RICO – Vocês são bem diferentes mesmo, hein?! E faz tempo que você saiu de casa?

LEÔNIDAS – Uns seis ou sete anos, já perdi a conta.

RICO – Nossa! E a família da Cordélia?

76 LEÔNIDAS – Cordélia deve ter aprontado alguma. Foi expulsa de casa quando tinha quinze anos. É outra que nunca mais viu a família. Sabe aquele camafeu que ela vive pedindo? Parece que ela ganhou da mãe, quando era menina. Um dia a mãe dela descobriu o endereço e pintou aqui. Veio buscar o camafeu. Disse que a Cordélia não era digna dele. Disse que era uma relíquia de família que vinha sendo passada de geração para geração, e que agora, por dignidade, ia para a irmã da Cordélia, que é mais correta que ela.

RICO (Sensibilizado) – E você entregou o camafeu?

LEÔNIDAS – Se eu não entregasse... acho que a mulher me estrangulava! Eu tava sozinho em casa! Cordélia tava trabalhando. Até hoje ela não sabe. Pensa que fui eu que sumi com o camafeu!

RICO – Por que você não contou?

LEÔNIDAS – Cordélia ia morrer de tristeza.

RICO – Coitada!

LEÔNIDAS – Não é de cortar o coração? (Pausa. muda de assunto. Fraterno) Sabe duma coisa? Acho você um cara muito bacana. Taí, gosto de você. Gosto de conversar com você. Eu falo, falo, você fica calado, ouvindo, interessado, registrando... Acho isso ótimo. (Pequena pausa. Medita) É... Aquário... (Levanta-se)

RICO (Cobrando) – É. Mas você ainda não me falou o que é ciclotímido.

77

LEÔNIDAS (Indo apanhar um grosso e antigo dicionário caindo aos pedaços) – Ciclotímido não. Ciclotímico. Você sempre me entende mal. (Passa o dicionário a Rico) E nunca deixe de consultar o dicionário, quando em dúvida. Letra c. (Pequena pausa) E fique à vontade, enquanto vou ao banheiro. Faça desta a sua casa. Se se sentir mais à vontade pelado, fique.

(Leônidas sai para o banheiro. Rico, na cadeira de balanço folheia o dicionário à procura da palavra. Luz vai baixando.)

CENA 2

Noitinha do dia seguinte. Em cena, Rico e Leônidas. Leônidas na cama e Rico na cadeira de balanço. Ambos absortos na leitura de revistas em quadrinhos, que Leônidas deve ter comprado com os cem cruzeiros de Rico. Soa a campainha. Leônidas pula da cama, corre e se fecha no banheiro. Rico abre a porta. Entra Cordélia desgrenhada e furibunda.

CORDÉLIA – Cadê aquele cretino?

RICO (Temeroso) – Acho que ele... (Olhando para o banheiro) saiu.

78

CORDÉLIA (Desconfiada) – Ah sei... (Vendo a porta do banheiro fechada) Vou me lavar. Quem trancou a porta do banheiro? (Pequena espera) Leônidas, vai abrindo a porta! (Espera) Leônidas, quer abrir essa porta?

LEÔNIDAS (De dentro) – Já vou. (Continua no banheiro)

CORDÉLIA – Seu cretino. Tinha que me dar uma dessa?

LEÔNIDAS (De dentro) – Sabe o que aconteceu?...

CORDÉLIA – Não vem com desculpa. Você tinha

que sujar a minha barra. (Para Rico) Telefono toda contente para a agência, pra saber como é que estava indo o meu maridinho no emprego... e sabe o que o moço responde? (Pequena pausa) Que o meu maridinho simplesmente não foi trabalhar. Nem telefonou. Já imaginou a minha cara? Tive que inventar uma desculpa. Que meu marido teve uma crise de colite na véspera. Que deve ter sido por isso que ele não foi. Mas daí o moço da agência, um rapaz por sinal muito educado, disse que não tinha importância, que tinha outro emprego. Só que pra ganhar bem menos. (Lógica) É aquela coisa: foi ao vento, perdeu o assento. (Alto, para Leônidas) Você não vai sair?

79

LEÔNIDAS – Já vou.

CORDÉLIA – Sai logo que eu não vou te bater, não. (Leônidas sai)

LEÔNIDAS – Nossa, Cordélia! Você tá destruída! Que que aconteceu?

CORDÉLIA – Que que aconteceu, que que aconteceu... (Cara amarrada) Eu tava tão puta por sua causa que assim que saí do escritório resolvi rodar a bolsa. (Pequena pausa) Daí um turco me apanhou, dizendo que me dava cinquenta cruzeiros se eu fosse com ele. (Pequena pausa) Não pensei duas vezes, claro que fui. O turco

tinha um nariz que... sai da frente. E um bigodão que só o Omar Shariff. Fiquei com medo, mas... Entramos no táxi. Mal fechou a porta, já foi logo enfiando a mão entre as minhas pernas. Nem aí com o motorista. Esqueci tudo, fui ficando fraca e o turco, mais que depressa, arrancou fora a minha calcinha. O motorista levou a gente num canto lá da Barra e foi dentro do carro mesmo. O turco bem que estava gostando que o motorista ficasse olhando a gente se sacanear. E pra encurtar a história, deixei o motorista se satisfazer com os meus pés enquanto o turco se satisfazia com o resto. Eu mesma estava noutra. Aproveitei a sacanagem pra fazer uma espécie de introspecção. E sabe duma coisa? Cheguei à conclusão de que não sou nem bem uma biscate, nem bem uma auxiliar de escritório e nem bem uma dona de casa... (Pequena pausa) E além disso, durante toda a sacanagem, eu só pensava em você.

LEÔNIDAS – Em mim?

CORDÉLIA – Em você mesmo. Nas duas vezes que atingi o orgasmo, eu chamei o seu nome.

LEÔNIDAS – Como?

CORDÉLIA – Disse o seu nome em voz alta, ora!

LEÔNIDAS – Você é muito burra, Cordélia! Não

precisava ter passado por esse vexame. Podia ter vindo pra casa.

CORDÉLIA – E a gente ia comer o quê? O quê, me diz? Não posso mais fazer vale no escritório.

LEÔNIDAS – Mas desde ontem o Rico está aqui...

CORDÉLIA – Eu disse comer. Dinheiro pra comer!...

RICO – Eu trouxe cem cruzeiros...

CORDÉLIA (Imediatamente contente) – Cem cruzeiros!!! Maravilha! Com os cem do Rico mais os cinquenta do turco... (Saindo para o banheiro) A gente podia dar uma festa! (Sai e começa a cantar uma música qualquer do *hit parade* da época)

81

(Luz vai baixando).

CENA 3

Noite do dia seguinte. Uma luz verde-azulada em resistência cria um *déjà-vu* de sonho. Em cena, Leônidas e Rico, um em cada canto do pé da cama, soprando bolhas de sabão. Leônidas de vez em quando para de soprar e, obstinado, vira páginas do dicionário a seu lado, procurando alguma palavra.

LEÔNIDAS (Admirando as bolhas que soprou) – Olha só, que lindas!

RICO – Que é que você tá procurando no dicionário? Ciclotímico?

LEÔNIDAS – Não! Ciclotímico nem passou pela minha cabeça.

RICO – Você se enganou. Eu não sou nada disso.

LEÔNIDAS (Soprando bolhas) – Eu gosto quando elas demoram a estourar. Eu gosto quando elas se desfazem no chão.

82

RICO (Sopra rápido e diz) – Eu gosto quando *estóra* logo.

LEÔNIDAS – Eu não quis dizer que você, particularmente, é um ciclotímico. O que eu quis dizer é que algumas pessoas do teu signo são. Ou mesmo de qualquer outro signo.

RICO – Ah, bom! Aí sim, concordo. (Pequena pausa) Uma que é completamente ciclotímica é a Cordélia.

LEÔNIDAS (Interessado) – Em que sentido?

RICO – Toda hora ela muda. Uma hora tá alegre, de repente fica triste. Tá boazinha, de repente vira fera.

LEÔNIDAS – Você tem razão, eu nem tinha percebido! A Cordélia é ciclotímica, quem diria?!!!

RICO (Apertando o pau, distraidamente) – Ela tá demorando...

LEÔNIDAS – É que é fim de mês... Fim de mês ela sempre faz hora extra.

RICO – Ela não vai te pegar de tapa? (Pequena pausa) Você nem deu as caras no outro emprego que ela te arrumou...

LEÔNIDAS – Não posso começar a trabalhar dum dia pro outro. Primeiro tenho que preparar o meu espírito. Fazer meu espírito se acostumar com a ideia... (Pequena pausa) Isso leva tempo!

83

(A porta se abre e entra Cordélia)

CORDÉLIA (Desanimada) – Não foi trabalhar de novo, não é?

LEÔNIDAS (Desculpando-se) – Não... Eu ia trabalhar mas depois pensei: (Decidido) Não, não vou trabalhar.

CORDÉLIA (Irônica e amarga, ainda que afetiva, vai lá e acaricia os cabelos dele) – Você deve ter queimado todos os seus neurônios, até chegar a essa decisão.

LEÔNIDAS – Não, até que não. Bastou uma frase...
(Pequena pausa) Me lembrei de quando era menino e frequentava o catecismo... Tinha um padre que dizia, sempre: *Seja honesto consigo mesmo*.

CORDÉLIA (Distante) – E o que é que tem a ver o cu com as calças?

LEÔNIDAS – Adivinha o que eu fiquei fazendo o dia inteiro?

CORDÉLIA (Preguiçosa) – Não tô com vontade.

LEÔNIDAS (Insistindo) – Adivinha.

84

CORDÉLIA – Eu ia ter que passar a noite inteira adivinhando. Sua imaginação não tem limite e a minha paciência já tá na raspa do tacho.

LEÔNIDAS (Animado) – Passei o dia lendo o dicionário... Procurando uma palavra linda, diferente...

CORDÉLIA – Mais um adjetivo?...

LEÔNIDAS – Não, um substantivo. Um substantivo para eu usar como adjetivo para a minha pessoa. Uma palavra fora de moda, esquecida...

CORDÉLIA (Preparada para mais uma) – Sei.

LEÔNIDAS – Fui procurando, procurando... até que...

CORDÉLIA (Cortando) – Encontrou?

LEÔNIDAS – Encontrei. Na letra *p*. Estou apaixonado. Adivinha que palavra?

CORDÉLIA (Conhecendo Leônidas como ela o conhece): Prestidigitador.

LEÔNIDAS (Estupefato) – Nossa, Cordélia, às vezes você me assusta! Às vezes você me parece tão ligada! Como foi que você adivinhou?!

85

CORDÉLIA (Quilometrada) – Uma vez eu também fiz isso. (Mudando o tom, impaciente) Passei o dia lendo o dicionário. Atrás, talvez, dessa mesma palavra. De modo que, quando você disse *Letra p*, eu pensei: só pode ser prestidigitador.

LEÔNIDAS – Você sabe o que significa?

CORDÉLIA – Menor ideia.

LEÔNIDAS – Vem do Latim... *Praesto* igual a rápido; e *Digitu* igual a dedo...

CORDÉLIA – Sei.

LEÔNIDAS – Aquele que possui o dom de produzir ilusão pela rapidez das mãos.

CORDÉLIA – Bem, até aí morreu o Neves...

LEÔNIDAS (Dicionário) – Aquele que, pela ligeireza das mãos, faz deslocar ou desaparecer coisas, sem o espectador ver como...

CORDÉLIA – Haja vista o camafeu de minha mãe...

LEÔNIDAS (Continuando) – Ilusionista, pessoa que exerce a prestidigitação, ou seja, a bruxaria, a magia, o encanto...

86

CORDÉLIA – Não vejo nenhuma ligação nisso que você acaba de dizer... com aquilo que você é.

LEÔNIDAS – A vida é uma ilusão...

CORDÉLIA – Isso pra mim nunca foi novidade.

LEÔNIDAS (Continuando) – A vida é uma ilusão e eu, como prestidigitador, faço da vida o que bem entendo. Isto é, nada, por enquanto. (Silêncio)

CORDÉLIA (Fatídica) – Tô numa fossa, hoje! Que fossa!

LEÔNIDAS (Vendo Rico cochilando na cadeira de balanço, com a mão abandonada no pau) –

Acho engraçado o seu novo namorado, dorme o tempo todo.

CORDÉLIA (Abstraída) – Que fossa!

LEÔNIDAS – Que é que você tem?

CORDÉLIA (Esmaecida) – Estou arrasada.

LEÔNIDAS (Suave) – Cordélia...

CORDÉLIA (Apagada) – Arrasada...

LEÔNIDAS – Cordélia...

CORDÉLIA – Fala.

87

LEÔNIDAS – Com quantos homens você já mandou brasa?

CORDÉLIA (Reanimada) – Deixa eu ver. (Salta e corre para a estante, de onde pega um caderninho) Deixa eu ver, meu diário tá meio desatualizado... Deixa eu ver... (Pequena pausa) 114.

LEÔNIDAS – Nossa!

CORDÉLIA – 114, não é mole!

LEÔNIDAS – E os dois de ontem?

CORDÉLIA – 115.

LEÔNIDAS – Não foram dois?

CORDÉLIA – Não, seu besta. Fiz sacanagem. com os dois, mas só um...

LEÔNIDAS – Sacanagem não conta?

CORDÉLIA – Claro que não! Se eu fosse contar...

LEÔNIDAS – Puxa! E você ainda se queixa...

88

CORDÉLIA – Se você estivesse na minha pele... Se passasse o que eu passo... (Mudando de assunto, alegre) Ah, mas eu estou tão feliz! (Conta) Eu tava rodando a bolsa pela praia, quando um fotógrafo americano, vistoso, a cara do Steve McQueen, só que mais encorpado... (Pequena pausa) Ele me viu, me chamou num canto e perguntou se eu deixava ele tirar umas fotos... (Pequena pausa) Ele disse que estava fazendo uma reportagem sobre mulheres típicas, para uma revista da pesada. Eu não sei o que é que tenho de típica. Mas daí ele me levou num lugar ali na praia... Tava escuro, mas a máquina dele era de *flash*... (Pequena pausa) Ele queria que eu ficasse pelada. Eu disse... *pelada, não*. Mas daí ele me ofereceu dez dólares e eu... tu já viu, né... Aceitei na hora. Não tinha ninguém na praia...

(Pequena pausa) Se você visse as posições que eu fazia...

LEÔNIDAS – É até capaz de você ficar famosa!

CORDÉLIA – Enquanto ele me fotografava, eu pensava: *Se eu morrer amanhã, morro descansada. Pelo menos uma coisa eu deixo neste mundo: a minha fotografia.*

LEÔNIDAS – Passarinho que come pedra sabe o cu que tem.

CORDÉLIA – Que foi que você disse?

LEÔNIDAS – Nada. Estava só lembrando dum ditado que minha avó usava muito.

89

CORDÉLIA (Contente) – O americano fotografou tanto a minha bunda! Estou tão feliz! Hoje eu queria... Hoje estou preparada, mesmo, para ouvir música. Nada de *cha-cha-cha*. Hoje eu quero música clássica. Clássica. Cheia de trompas, pratos, tambores, sinos, violinos. Uma música exultante, exaltante. Hoje eu quero ópera, Bizet! Quero ouvir vozes, vozes humanas... Gritando, berrando! Qualquer coisa que exulte o sexo e exalte a bunda! Opera, ópera! Nem que seja uma ópera bufa! (Mudando o tom, normal) Que que é mesmo ópera bufa?

LEÔNIDAS – Tem nada disso aqui. Só tem aquele disco do Perez Prado.

CORDÉLIA – Serve também. (Leônidas põe um mambo na vitrola) Estou tão excitada! Imagina, ser chamada para ser fotografada nua! Vou até fazer uma extravagância...

LEÔNIDAS – O quê?

CORDÉLIA – Vou fumar um cigarro. Deixo a bagana pra você. (Vai ao lugar onde deixara guardado o maço, pega-o, olha desconfiada para Leônidas e começa a contar, ao som do mambo, acompanhando o ritmo com o corpo enquanto conta) Por via das dúvidas... Um, dois, três, *cha-cha-cha*, quatro, cinco, seis, *cha-cha-cha*! E sete, oito, nove, *cha-cha-cha*, e dez, *cha-cha-cha*, e onze e doze e treze e catorze, quinze dezesseis, dezessete... (Olhar furioso para Leônidas) Não é possível! (Espalha os cigarros sobre a mesa e recomeça, sem ligar se toca música ou não) Um, dois, três, quatro...

LEÔNIDAS (Com medo) – Eu fumei um cigarro seu.

CORDÉLIA (Cobrindo o rosto com as mãos crispadas) – Minha mãe santíssima!

LEÔNIDAS (Temendo) – Cordélia...

CORDÉLIA – Meu Deus do céu!

LEÔNIDAS – Eu fumei só um. Tinha dezoito! Um não ia fazer falta!

CORDÉLIA – Você não tem o menor respeito por mim!

LEÔNIDAS – Não foi falta de respeito! Foi só um cigarro!

CORDÉLIA – Você fumou meu cigarro pelo simples prazer...

LEÔNIDAS (Adiantando-se) – De fumar!

91

CORDÉLIA (Putada da vida) – De me deixar furiosa.

LEÔNIDAS (Humilde) – Eu estava ansioso. Precisei fumar.

CORDÉLIA – E se não tivesse cigarro?

LEÔNIDAS – Mas você tinha 18!

CORDÉLIA – Então! Dava pra 18 semanas! Um cigarro por semana!

LEÔNIDAS (Pouco caso) – Pra fumar um cigarro por semana...

CORDÉLIA – Você sabe que eu vivo a semana inteira em função do meu cigarro semanal!

LEÔNIDAS – Que ideia mais fixa!

CORDÉLIA – Você é mau pra mim. Você não tem a mínima consideração por mim! Apesar de tudo o que eu faço por você! Dois anos me matando pra te sustentar!

LEÔNIDAS – Mas Cordélia...

92 CORDÉLIA – Fazendo o papel de puta sem ser. Dois anos dando pra Deus e o mundo, mas na hora H sempre com o pensamento em você, dizendo o seu nome! Desde que te conheci sempre fui fiel a você!

LEÔNIDAS – Em pensamento.

CORDÉLIA – Em pensamento mesmo. Quer fidelidade maior que essa? (Chorando) Desgraçado! Ordinário! Coisa ruim! Enquanto eu me apodreço, engordo, emagreço, barriguda, bunduda, cheia de pneus, barrancos, varizes, rugas, olheiras e papadas, você fica deitado, se conservando...

LEÔNIDAS – Você sabe que eu sofro de pressão...

CORDÉLIA – Ainda por cima, debochado. O dia que eu virar um bucho completo você se manda, pensa que eu não sei?

LEÔNIDAS – Cordélia, é mais fácil você me abandonar primeiro! Ai como você exagera!

CORDÉLIA – Você me enganou. Você vive me enganando. A cada dia você me agride com uma nova trapaça. Você rouba o meu cigarro, toca a campainha da francesa, não comparece ao trabalho, some com o camafeu de minha mãe, que ela me deu antes de morrer... camafeu que tinha sido da minha bisavó, da minha avó, da minha mãe e meu! Era uma joia que a minha maldita família vinha passando de geração a geração!

93

LEÔNIDAS – O camafeu não fui eu.

CORDÉLIA (Patética) – Eu guardava aquele camafeu com todo o carinho. Na esperança de um dia passar pra minha filha. Eu, que sonhava tanto ter uma filha! Uma filhinha a quem eu pudesse ensinar tudo o que essa vida maldita me ensinou. Pra minha filhinha não cair na mesma! (Retoma, forte) Burra que fui! Idiota, que sou! (Volta) Uma filhinha me esperando de sorriso na cara toda tarde, depois de um maldito dia de serviço! Uma filhinha pra dar de mamar, embalar e fazer nanar, toda noite, com o mesmo sorriso

encantador! Claro que eu ia acabar acreditando em Deus! Ia ter pelo menos um motivo pra acreditar em Deus! (Pequena pausa) Mas não. Com a vida que eu levo, com a vida que passo, não dá para acreditar em nada, quanto mais em Deus! Estou exausta, exausta de te aturar! De ver você com essa cara de inocente me passando pra trás.

LEÔNIDAS – Por um cigarro?!

CORDÉLIA – Por um cigarro, sim. Mas podia ser por qualquer outra coisa. Se tivesse outra coisa.

LEÔNIDAS – E você? Você também não me engana?

CORDÉLIA – Não, meu amor, eu nunca te enganei. Tudo que fiz, tudo que faço, não teve um dia que, chegada em casa, eu não contei pra você. Além do mais, (Aponta) meu diário sempre esteve ali. (Pequena pausa) Eu não te engano, não. Nunca menti pra você.

LEÔNIDAS – Eu é que vou saber?

CORDÉLIA – Além de tudo é mesquinho.

LEÔNIDAS – Você pode ter me escondido muita coisa...

CORDÉLIA – Nunca deixei de te contar um só detalhe dos vexames que passei, seu ordinário. (Pausa. Aos prantos) Eu quero a minha mãe! (À comoção) Sou uma amaldiçoada!

LEÔNIDAS (Constrangidíssimo) – Que coisa desagradável Que vergonha, meu Deus!

CORDÉLIA – (Brusca e possessa) – Quer saber duma coisa? RUA!

(Cordélia continua, não para. Enquanto isso, na cadeira de balanço, Rico, que durante esta sequência vez e outra teve espécies de princípio de convulsão no cochilo, sempre apertando o pau e mudando de lado na cadeira, agora tem quase um orgasmo no cochilo e se contorce. Cordélia não percebe nada disso e continua. Para Leônidas)

95

LEÔNIDAS – O quê?

CORDÉLIA – RUA!

LEÔNIDAS – Mas Cordélia...

CORDÉLIA (Desvairada) – Rua, já disse! (Para Rico) E ele também. Já me encheu o saco esse silêncio idiota! (Sacudindo Rico e acordando-o) Você também, RUA!

RICO (Acordando atônito) – Ahnn???

CORDÉLIA (Ignorando os dois) – Quero ficar sozinha, sozinha! Quero pensar, planejar. (Louca) Já sei o que vou fazer! (Dá uma olhada ampla para o cômodo todo) A partir de amanhã vou trabalhar feito louca, fazer muito extraordinário, vou levantar um dinheiro e vou pintar tudo isso aqui de vermelho e vou transformar esta merda num bordel!

LEÔNIDAS – Mas Cordélia, você não pode fazer isso! Puxa, nós vivemos tão bem nesses dois anos de casados!

96 CORDÉLIA – Casados, uma ova! Você lembra? Quando eu quis casar com você? O que você disse? *Casamento sei lá o quê, bebebé-bababá...* Você não lembra? (Pausa) Casar mesmo, você nunca quis. Você continuou Leônidas Barbosa, e eu, Cordélia Brasil... Unidos enquanto deu pé. Agora não dá mais. Pode pegar suas coisas e se mandar.

LEÔNIDAS – Você quer que eu vá embora, eu vou. Só que eu acho que você está sendo precipitada! Por causa de um cigarro...

CORDÉLIA – O cigarro foi apenas a gota d'água. Cansei. Descobri agorinha mesmo que, do jeito que a gente vive, a gente simplesmente não existe. Eu e você não existimos.

LEÔNIDAS – Jogar dois anos fora?! Isso é maldade...

CORDÉLIA – Eu sempre fui má. Só que agora vou ser péssima. Vou dar sentido à minha vida. Quero ser uma putona. (Pequena pausa) Não sei como te aturei até hoje. Você é muito gelado pro meu gosto. Uma mulher com o MEU temperamento!

LEÔNIDAS – Você nunca se queixou...

CORDÉLIA – Porque eu era tímida. Os primeiros quatro meses juntos até que você mandava uma brasa legal. Depois, de repente, parou. E eu não tinha coragem de chegar perto. Você me intimidava. Sei lá, você tinha uma cara de padre. E eu aflita, precisada, sem ter coragem...

97

LEÔNIDAS (Intimidado) – Não gosto de falar dessas coisas.

CORDÉLIA – Passei seis meses na maior ansiedade. Uma mulher com o meu temperamento! Seis meses... Daí que vi que você não regulava. Perdida a paciência, resolvi sair por conta própria. (Pequena pausa) Aguentei sua presença dois anos! (Leônidas, desolado, começa a juntar suas coisas). Dois anos. Esperando que, com o tempo, você mudasse. No fundo eu levava a sério a sua ideia de ser cartunista. Esperava que um dia você caísse na real e, em vez de história em

quadrinhos, escrevesse um romance. Um grande romance, um romance de quase trezentas páginas, o romance da MINHA vida. (Pequena pausa) Um livro pra virar *best-seller*, render muito dinheiro, pra gente dividir os lucros e tirar o pé da lama. (Mudando o tom) Agora pode ir embora. Pode deixar que esse romance eu mesma escrevo. (Pequena pausa) Amanhã mesmo vou falar com duas biscates que conheço. Trago elas pra cá. Boto uma tabuleta na parede: NESTA CASA ABUNDA O PRAZER. Ou então: NESTA CASA IMPERA A DEPRAVAÇÃO E O VÍCIO. (Pequena pausa) Quero muita sordidez, muita sacanagem. Quero ser (Abrindo os braços) A RAINHA DA ZONA! Vou ser a maior exploradora de lenocínio da paróquia e da história. Vou começar com as meninas na janela mostrando tudo, bundas e tetas!

LEÔNIDAS – A polícia vai fechar esse bordel antes da abertura!

(Cordélia de repente bate com os olhos em Rico, acuado num canto apertando o pau. Vai até ele, empurrando-o com ambas as mãos.)

CORDÉLIA (Para Rico) – E você? Pensei que daí fosse pintar um malandro, um futuro gigolô, algo mais que essa insuportável cara de anjo! Você, de quem eu esperava trouxesse ao menos

um clima pra esta casa, não faz outra coisa que apertar esse pauzão e ficar aí, com essa cara de ponto de interrogação.

LEÔNIDAS (Tendo um lampejo, para Rico) – Vamos imediatamente pro caís do porto. A minha intuição feminina, quero dizer, masculina, me diz que tem um cargueiro holandês atracado lá. Vamos diretamente ao comandante. Tenho certeza que ele vai nos empregar. Nem que seja pra descascar batata. Já vi isso num filme. Na época em que frequentava cinema. (Sonhando alto, empolgado com a ideia) Puxa, quem diria que a gente acabaria nos Países Baixos! Já tenho até passaporte! Faz tempo que tirei. Intuí que isso um dia ia acontecer! (Para Rico) Você não precisa de passaporte. Você é menor, e menor não precisa dessas formalidades. Ao menos na Holanda. Vai ser um saco, no começo, a gente descascar batata. Mas depois, quando o navio estiver em pleno oceano, Atlântico ou Pacífico, sei lá, quando o navio deixar para trás o Cabo da Boa Esperança e cruzar o Equador, longe de terra à vista, a gente manda o navio pras picas! (Sai para o banheiro).

CORDÉLIA (Atônita) – Meu Deus, que loucura!

LEÔNIDAS (Retornando, com uma granada na mão) – Esta granada, eu estava guardando para

um dia explodir esta casa. Estava escondida atrás da descarga. Como esta casa agora vai ser transformada em serviço de utilidade pública, ou seja, um bordel, a granada agora vai explodir o navio, no meio do oceano, com a gente dentro. O navio afunda e a gente vai conhecer uma coisa que sempre me pareceu essencial: O FUNDO DO MAR. (Pequena pausa) Mas a gente leva também algumas caixas de busca-pés, pra enfiar no cu dos marinheiros. Assim eles vão conhecer a Lua, que também me parece essencial. (Pequena pausa) Vamos, que vou dar um jeito do navio sair ainda hoje, se possível agora mesmo! (Pequena pausa, à saída, triunfante) E já que não consegui me realizar como autor de história em quadrinhos, vou me transformar em personagem de história em quadrinhos. Nós dois. Serei o Simbad, e você, o marujo. (Puxa Rico pela mão). Vamos. (Os dois saem de cena).

CORDELIA (Abandonada) – Não era bem assim que eu queria... (Ouve-se um estrondo de explosão de bomba, efeitos de tremores bruscos e luzes lusco-fuscantes) A granada explodiu! Foram pras picas! (Caminha, desolada, até o armário e retira um pacotinho embrulhado de farmácia. Vai à mesa, assenta-se desanimada e desembrulha. É um vidro de soníferos.) Sei que estou fazendo uma bobagem... mas não há outra saída...

(Levanta-se, pega um copo com água e engole todos os comprimidos) Diz a bula que o efeito é quase imediato. (Pequena pausa) Melhor. Assim nem dá tempo de arrepender. (Inspeciona a sala) Aparentemente está tudo em ordem. (Raciocinando) Mas não foi bobagem, o que fiz? Ainda não tentei tudo! Mas também, quem manda ser impaciente?! (Pequena pausa) *O começo é sempre difícil, Cordélia Brasil, vamos tentar outra vez.* Quem foi que disse isso? Minha professora de economia doméstica? (Pequena pausa) Minha memória já começa a falhar. Mas será que a morte vem mesmo? Não consigo acreditar. Nem medo eu sinto. Só uma solidão que não tem tamanho. Será que dá tempo de escrever uma carta explicando tudo? Mas explicar o quê? A quem? Já não tenho mais ninguém. (Tenta levantar, desiste) Engraçado!... Meu corpo tá ficando duro... Não sinto as minhas pernas. Só a cabeça, que já começa a pesar. Meu sentimento é de aflição, mas, fisicamente, parece que meus nervos me abandonaram. (Aflita) Que é que não vão pensar de mim, me encontrando morta sem nem um bilhete?! Merda! (Soa a campainha) Quem será? (Soa novamente, Cordélia esforça-se para levantar e não consegue) A porta está só encostada, por que não entram? (Silêncio) Desistiram. Foram embora. E as minhas forças já me abandonaram. Já não tenho mais força nem para

gritar, pedindo socorro. Arrependi, mas agora é tarde. Merda! (Pequena pausa) Por que será que digo tanto *merda*? Deve ter sido a convivência com a Solange. Solange só diz *merda*, por tudo e por nada. (Pausa) Tô ficando fraca, mas a minha cabeça continua viva. Tenho a impressão que desta vez eu vou mesmo. Mas vou em paz. Pelo menos deixei a marca da minha passagem pela Terra, a minha fotografia... (Último suspiro) A minha fotografia...

(Luz vai baixando enquanto é projetada a imagem de um corpo feminino nu, do pescoço pra baixo).

**Abre a Janela e
Deixa Entrar o Ar Puro
e o Sol da Manhã**

Peça em dois atos



Maria Della Costa e Thelma Reston em Abre a Janela...



Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã estreou em julho de 1968, no Teatro Maria Della Costa, em São Paulo, produção de Sandro Polloni. Elenco: Maria Della Costa (Heloneida), Thelma Reston (Geni Porreta), Yolanda Cardoso (Azevedo) e Jonas Mello (Carcereiro). Cenários e figurinos de Sarah Feres, direção de Fauzi Arap.

Em 7 de março de 1969 estreou no Teatro Gláucio Gil, no Rio de Janeiro, com Célia Biar (Heloneida), Rosita Tomás Lopes (Geni), Maria Gladys (Azevedo) e Roberto Bonfim (Carcereiro). Cenário de Joel de Carvalho, direção de Emílio di Biasi.

Personagens

107

Heloneida – 36 anos aproximadamente. Mulher fina.

Geni – 34 anos. Ex-lutadora livre de circo.

Carcereiro – 25 anos, aproximadamente.

Jandira Azevedo – Uns 35 anos. Carcereira.

Cenário

Uma cela de prisão disfarçada em confortável compartimento. Bem no alto, ao centro esquer-

do, uma pequena janela de grades coberta com uma enorme cortina florida. Duas camas. Duas cadeiras. Ao centro, bem junto à parede do fundo, uma privada com uma delicada capa disfarçando. Bem no centro, no teto, uma lâmpada coberta com uma cúpula já bem velha. Enormes flores de papel crepom espalhadas pela cela. Ao abrir o pano, estão em cena Heloneida e Geni. Heloneida está pintando florzinhas numa cúpula nova. Geni observa, admirada.

Primeiro Ato

CENA 1

GENI – Você sabe que até hoje eu não consegui entender...

HELONEIDA (Sem tirar os olhos da cúpula) – O quê?

GENI – Você... essa sua paciência... (Pausa. Heloneida continua pintando)

HELONEIDA – Eu sempre fui assim... no ginásio a minha matéria predileta era Economia Doméstica...

109

GENI – Eu detestava Economia Doméstica...

HELONEIDA – Você não tem mesmo tipo de quem gosta de Economia Doméstica.

GENI – Mas eu adorava Geografia... aqueles mapas... viajar... conhecer o mundo... pra falar a verdade, a única matéria que eu gostava era Geografia... um pouco pela Geografia, mesmo... um pouco pela professora...

HELONEIDA – Engraçado, eu também gostava de Economia Doméstica um pouco por causa da matéria, um pouco por causa da professora, Dona

Elza. Ela se parecia muito com a Hedy Lamarr. Um dia ela levou a nossa turma pra conhecer a casa dela. Que beleza! O bom gosto dela me fez acreditar mais ainda na matéria...

GENI – Comigo era diferente...

HELONEIDA –... tudo nos seus devidos lugares... como assim?

GENI – Eu gostava da minha professora não porque ela fosse uma boa professora, mas pelo jeito dela.

110 HELONEIDA – Como assim?

GENI – O nome dela era dona Zilá. Tinha outra irmã, dona Hermínia, que dava aula de Ciências. Da dona Hermínia eu não gostava muito. Primeiro porque eu odiava Ciências e depois, porque dona Hermínia era muito implicante comigo. Mas a dona Zilá não. As duas eram solteironas.

HELONEIDA (Suspirando) – Por hoje chega.

GENI – O quê?

HELONEIDA – Estou com a mão doendo de tanto pintar.

GENI – Ainda falta muito?

HELONEIDA – Amanhã eu acabo. (Pausa) Que dia é hoje?

GENI – Não tenho a menor ideia.

HELONEIDA – Eu queria ver se terminava esta cúpula pra domingo.

GENI – O Carcereiro também é um tratante.

HELONEIDA – Por quê? Coitado.

GENI – Prometeu trazer um calendário pra gente e até hoje...

111

HELONEIDA – Coitado, Geni. Ele tem outras coisas mais sérias pra se preocupar.

GENI – Então, por que promete?

HELONEIDA – Ora, Geni, ele faz tudo pra agradar a gente... (Olhando para a cúpula velha no teto) Estou aflita pra trocar a cúpula. Aquela está toda suja de mosca

GENI – Você também...

HELONEIDA – O quê?

GENI – ... só pensa em limpeza. Aqui não tem mosca.

HELONEIDA – Mas já teve... no verão.

GENI – Em que estação nós estamos?

HELONEIDA – Sei lá, parece primavera, mas deve ser fim de outono.

GENI – Como você sabe?

HELONEIDA – Eu sinto...

GENI – Eu só sinto o verão... por causa das baratas...

HELONEIDA – Agora é você, aqui não tem baratas.

GENI – No verão tem. Elas passeiam pela barriga da gente quando a gente está dormindo. Que nojo!

HELONEIDA (Censurando) – Geni!

GENI – Eu tenho vontade de morrer, quando chega o verão.

HELONEIDA – Por quê?

GENI – Por causa das baratas, ora. Elas aparecem aos bandos.

HELONEIDA – Esquece, meu bem. (Alegre de repente) Sabe o que é que me dá a impressão de que estamos na primavera? (Mostra as flores de papel crepom espalhadas pela cela). Estas flores. Não são lindas?

GENI – Não têm perfume.

HELONEIDA – Ainda bem, a gente morria sufocada pelo cheiro. Se bem que uma vez pensei em jogar talco nelas, mas aí, iam parecer empoeiradas.

GENI – O jardim da casa da minha professora de Geografia era cheio de girassol. O jardineiro da Dona Zilá era cego dum olho. Ela também tinha um defeito físico. (Pausa) Era na cabeça. Tinha um lugar na cabeça dela que não tinha cabelo. Deve ter sido de nascença. (Mostra o lugar) O cabelo dela era todo branco. Ela devia ter uns sessenta anos. O cabelo dela era todo branco e num lugar, bem aqui perto da testa, tinha um pedaço de peruca preta toda cacheada – devia ser de quando ela era mocinha quando o cabelo dela era preto e usava cachos.

HELONEIDA – Coitada!

GENI – Eu adorava ela. Um dia fizeram uma maldade com ela. Um cara da nossa classe enfiou um traque debaixo da saia dela. A coitada usava

uns vestidos antigos que iam até o chão. Quando a bombinha explodiu, ela levou um susto tão grande que os cachinhos dela caíram. Coitada. A classe caiu na gargalhada, menos eu. Morri de pena dela. Fui lá e peguei os cachinhos dela no chão e entreguei pra ela. Tinha uma cara tão infeliz, mas ficou agradecida.

HELONEIDA – Coitada! Que gente desumana.

GENI – Mas espera um pouco. Quando acabou a aula eu chamei o sujeito que tinha feito aquilo e quase acabei com a raça dele. Naquela época eu já era a rainha da porrada. Todo mundo me respeitava.

114

HELONEIDA – Sabe duma coisa, Geni? (Pequena pausa) Eu te adoro.

GENI (Sem jeito) – Obrigada.

HELONEIDA – Você tem um jeito tão honesto. Se não fosse a fatalidade...

GENI – O quê?

HELONEIDA – A fatalidade...

GENI – Como assim?

HELONEIDA – Foi ela quem nos uniu e por causa

dela a gente vai passar o resto da vida juntas.
(Olha para o céu) Se Deus quiser...

GENI – Deus que me livre! Eu ainda tenho esperanças...

HELONEIDA – De quê?

GENI – Sei lá... de sair... de viajar...

HELONEIDA – Você?

GENI – ... Começar vida nova num outro lugar...

HELONEIDA – Pobre Geni... às vezes eu tenho a impressão de que sou sua mãe... ou pelo menos sua irmã mais velha...

115

GENI – Você não tem mais esperanças?

HELONEIDA – ... Apesar da nossa pouca diferença de idade... quantos anos você tem mesmo?

GENI – Trinta e quatro.

HELONEIDA – Sou só dois anos mais velha que você e no entanto... (Pausa)

GENI – No entanto o quê?

HELONEIDA – Sei lá, você me parece tão criança...

GENI – Quer me enganar que você não espera sair daqui?

HELONEIDA – Claro que não, meu anjo. Acho engraçado como você esquece...

GENI – Ah não, se for pra passar o resto da vida presa, eu prefiro a morte.

HELONEIDA – Você se esquece que está aqui porque é uma assassina...

GENI (Ofendidíssima) – Você precisava lembrar isso?

116

HELONEIDA – Claro, você se esquece.

GENI – Às vezes eu penso que me enganei a seu respeito.

HELONEIDA – Por quê?

GENI – Como você é cruel..

HELONEIDA – Eu sou cruel?

GENI – Você sabe que eu não gosto de lembrar.

HELONEIDA – É isso que eu quero te ensinar! LEMBRAR.

GENI – Mas eu não quero!

HELONEIDA – Eu quero que você seja feliz como eu.

GENI – Como você?

HELONEIDA – É. Como eu. Lembrando.

GENI – Eu juro que não te entendo.

HELONEIDA – Vou te dizer uma coisa, Geni. (Pausa) Eu estou muito feliz de estar aqui. Primeiro, porque foi aqui neste retiro...

GENI – Prisão.

HELONEIDA – Prefiro chamar de retiro.

117

GENI – Está vendo? Você também gosta de tapar o sol com a peneira.

HELONEIDA – Puxa, Geni, você não entende.

GENI – Você fica me lembrando uma coisa que eu quero esquecer...

HELONEIDA – Tá bem, deixa pra lá. (Pausa) Mas como eu estava te dizendo, eu estou muito feliz de estar aqui. Primeiro, porque foi aqui que eu descobri o verdadeiro sentido da vida e depois, porque o destino, ou a fatalidade, sei lá, nos uniu e eu estou imensamente grata de ter conhecido

você e o Carcereiro. Não sei o que seria de mim sem vocês dois. (Pausa) Sabe duma coisa? Foi aqui neste retiro (Geni ameaça corrigir Heloneida, mas esta se corrige sozinha)... desculpa, prisão (Sorri pra Geni) que eu descobri o verdadeiro significado de três palavras essenciais: paz, liberdade e amor.. Não é engraçado? (Pausa)

Não é engraçado eu precisar ter praticado um crime pra descobrir isso? (Pausa. Geni está calada) Você não diz nada, Geni?

GENI – Pra falar a verdade, não sei.

118 HELONEIDA – Você não está feliz por ter me conhecido?

GENI (Sem jeito) – Claro que estou.

HELONEIDA – E então?

GENI – Sei lá...

HELONEIDA – Você se lembra de quando nos botaram juntas nesta cela? Isso aqui era horrível.

GENI (Mais animada) – A gente não se suportava.

HELONEIDA – Pudera, você era tão grossa, chutava tudo, tinha uma aparência horrível...

GENI – E você que não parava de chorar... .

HELONEIDA – Eu morria de medo de você.

GENI – E eu, de você.

HELONEIDA – De mim?

GENI – É. Eu tinha um medo danado de você.

HELONEIDA – Nossa, por quê?

GENI – Sei lá. Ficava com medo de você me matar.

HELONEIDA – Deus me livre.

119

GENI – Um crime a mais, um crime a menos, que diferença faz pra quem está condenado à prisão perpétua mesmo. Era isso que eu pensava e morria de medo.

HELONEIDA – Depois eu fui me animando. O Carcereiro, a bondade dele ajudou muito e pouco a pouco isso aqui foi se transformando num verdadeiro lar. Você se lembra do esforço que eu tive pra transformar você numa moça fina?

GENI – Eu era tão impaciente.

HELONEIDA – Você foi maravilhosa.

GENI (Sem jeito) – Obrigada. (As duas se abraçam, comovidas. Pausa). Que vergonha, meu Deus!

HELONEIDA – Do que, boba?

GENI – Eu estava me lembrando, eu era tão vulgarona. Também, tinha acabado de sair dum circo.

HELONEIDA – Imagina. Você vinda do circo, e eu da mais alta sociedade. Juntas praticamente até que a morte nos separe. Não é engraçado?

GENI – Não brinca, Heloneida!

120 HELONEIDA – Você transformada numa moça fina, e eu numa espécie de assistente social...

HELONEIDA (Dando com os cabelos de Geni desarrumados) – Geni, meu anjo, seu cabelo está horróroso! (Pega uma escova e começa a dar um jeito no cabelo de Geni)

GENI – Que é que você quer que eu faça?

HELONEIDA – É só escovar de vez em quando.

GENI – Ah, eu não tenho jeito pra essas coisas.

HELONEIDA (Censurando) – Ora, Geni!

GENI – E não tenho mesmo.

HELONEIDA (Censurando) – Geni!

GENI – Eu nunca liguei pra isso.

HELONEIDA – Mas é preciso ligar.

GENI – Pra quê?

HELONEIDA – Ora, Geni. Você sabe...

GENI – Me diz, pra quê?

HELONEIDA – A aparência faz a pessoa. Ou será que você não sabe disso?

GENI – Claro que sei.

121

HELONEIDA – Não parece.

GENI – Não sei pra que é que eu vou ficar me arrumando. Hoje não é meu dia de namorar.

HELONEIDA – Mas é o meu.

GENI – E daí?

HELONEIDA – Você pensa que eu não sinto vergonha quando o Carcereiro vem me namorar e vê você toda desleixada?

GENI – Quando é dia dele me namorar eu me cuido.

HELONEIDA – Mas é preciso estar sempre arrumada, com os cabelos penteados, as roupas limpas, as unhas limpas...

GENI – Deixe pra lá, o Carcereiro é homem e homem não liga pra essas coisas.

HELONEIDA – Você é que pensa.

GENI – Eu conheço bem o Carcereiro.

HELONEIDA – Você pensa que conhece. Outro dia ele andou se queixando de você.

GENI – De mim? Que é que ele falou?

HELONEIDA – Deixa pra lá. (Pausa)

GENI – Não, conta.

HELONEIDA – Deixa pra lá.

GENI – Não, agora conta.

HELONEIDA – Ele gosta muito de você, de nós duas.

GENI – Isso tá na cara. Mas que foi que ele andou falando?

HELONEIDA – O Carcereiro é muito delicado.

GENI – Disso eu sei, mas desembucha logo, que é que ele falou de mim?

HELONEIDA – Se você soubesse a sorte que a gente tem. Já pensou essa prisão sem ele?

GENI – Não cozinha o galo, conta logo.

HELONEIDA – A hora que ele quiser ele pode se mandar. Ele só está aqui pra variar. Ele é uma das melhores famílias do Rio Grande do Sul.

GENI (Aborrecida) – Ai Meu Deus! Conta.

HELONEIDA – Rapaz idealista. Rico do jeito que ele é, podia estar gozando a vida e a juventude. Mas ele não. Primeiro foi se meter com a política. Num país como este, tentar mudar as coisas. Melhorar. Como se adiantasse. A Terra inteira está à beira da destruição. Ele achava que podia melhorar o mundo. Coitado. A gente vê, pela cara dele, que ele sofre pela humanidade inteira. Outro dia, ali na cama comigo, ele chorou. Eu me senti como se estivesse sendo possuída por um santo. (Pausa) Ele já te falou de São Francisco de Assis?

123

GENI (Impaciente) – Já.

HELONEIDA – Ele segue o exemplo de São Francisco de Assis.

GENI – Você não está inventando, Heloneida?

HELONEIDA – Ora, Geni, imagina. (Pausa) Ele acha que a única solução para o problema da miséria na América Latina é a revolução.

GENI – Bidu.

HELONEIDA – Mas não a revolução que nega o princípio religioso da América Latina, mas uma revolução partindo do cristianismo. Eu não compreendo nada disso, mas meu coração compreende tudo.

124 GENI – Essa história ele já me contou, mas agora ô Heloneida (Com raiva), eu queria saber o que ele andou falando de mim? (Pausa. Heloneida não responde) Anda, diz.

HELONEIDA – Não foi nada não.

GENI – Não cozinha o galo, diz logo (Pausa).

HELONEIDA – Ele disse que estava preocupado com você.

GENI – Comigo, por quê?

HELONEIDA – Disse que você anda muito relaxada ultimamente.

GENI – Ele disse isso?

HELONEIDA – Disse.

GENI – Ordinário.

HELONEIDA – Coitado. Ele pensa que você tem algum problema.

GENI – Eu manjo esse carcereiro.

HELONEIDA – Não fala assim, Geni.

GENI – Por que é que ele não fala isso pra mim?

HELONEIDA – Porque ele é educado.

125

GENI – Ah, que nada. Esse negócio de educação já me deu na paciência. Fico possesso quando falam de mim. Esqueço até quem eu sou.

(Barulho de chave abrindo a cela. Heloneida corre e se ajeita rapidamente, sentada na cadeira, numa pose faceira, bem feminina. Geni continua de cara amarrada. O Carcereiro entra trazendo numa bandeja dois pratos de sopa e dois pedaços de pão seco. Não dá uma palavra. Deixa a comida e sai)

GENI (Desconfiada) – Te juro que eu não entendo esse cara. (Pausa)

HELONEIDA (Sonhadora) – Não é uma gracinha?

GENI – Na hora de namorar parece um papagaio. Quando vem trazer a comida nem olha pra gente. Eu, hein?!

HELONEIDA – Ele não brinca em serviço

GENI – Custava perguntar como é que a gente vai?

HELONEIDA – Pra quê? Ele é muito prático. Só fala quando é preciso. Em boca fechada não entra mosquito.

GENI – Isso na minha terra é falta de educação.

HELONEIDA – Esquece, meu bem. Você ainda não se acostumou?

GENI – Eu não. Cada vez que ele entra aqui e não fala com a gente, eu fico pra morrer.

HELONEIDA – Depois ele volta, e aí vai perguntar como é que foi o seu dia e tudo.

GENI – Não me interessa.

HELONEIDA – Ele gosta tanto da gente. É o jeito dele. (As duas começam a tomar a sopa. Heloneida toma a sopa com elegância. Geni gulosa-

mente. De vez em quando assobia por entre os dentes para expelir os restos)

GENI – Se ele gostasse mesmo, ele dava era um jeito de melhorar a nossa comida. Que nojo!

HELONEIDA – Ele não pode fazer nada. (Pausa) Preciso fazer regime.

GENI – Porque não quer.

HELONEIDA – Ahn?

GENI – Não faz nada pra melhorar a nossa comida porque não quer.

HELONEIDA – Ele faz o que pode. Você se esqueceu da semana passada?

127

GENI – O quê?

HELONEIDA – Viu?

GENI – O que aconteceu a semana passada?

HELONEIDA – Ele foi tão gentil... Trouxe um estoque de sorrisal pra gente.

GENI – Grande coisa!

HELONEIDA – Puxa, Geni, como você é mal-agradecida.

GENI – A prisão recebe caixotes de sorrisal. Se não dão pra gente, estraga mesmo. É propaganda.

HELONEIDA – Seu mau humor me deixa desanimada. (Bota o prato de lado) Estou satisfeita. (Deixa um pouco de sopa no prato) É nessas horas que eu sinto como Deus é grande.

GENI – Não falei, olha! (Segura um fio de cabelo na mão) Olha um cabelo. Deus me livre, que comida nojenta! (Cospe para o lado).

HELONEIDA – Em qualquer restaurante, mesmo no mais chique, tem sempre um cabelo na comida.

GENI – Duvido. Se eu tivesse guardado todos os cabelos que aparecem na comida daqui, podia abrir uma fábrica de perucas.

HELONEIDA – É uma boa ideia. Só assim você não anda mais despenteada.

GENI – Você é muito engraçada.

HELONEIDA (Levantando-se e carregando o prato de alumínio dela e o de Geni) – Deixa eu dar uma arrumadinha nessa casa que daqui a pouco o Carcereiro está de volta. (Quando vai levando os pratos para um canto um deles cai. Heloneida

faz cara de ódio, de quem ia dizer um palavrão, mas recua em tempo)

GENI (Acudindo Heloneida em tempo, diz o palavrão por ela) – Merda!

HELONEIDA (Gratíssima) – Obrigada, Geni. Não sei o que seria de mim sem você nessas horas. (Pega um pano e limpa o chão. Pausa) Ah, descobri por que você está de mau humor. (Observa Geni com malícia)

GENI – Estou muito cheia.

HELONEIDA (Maliciosa) – Eu te conheço, Geni.

129

GENI (Aborrecida, mas gostando da brincadeira) – Nem eu me conheço.

HELONEIDA – Quer que eu diga por que você está de ovo virado?

GENI – Fala.

HELONEIDA – Posso dizer?

GENI – Diz logo.

HELONEIDA – Você não vai ficar chateada?

GENI – Não faz doce, diz logo.

HELONEIDA – Tá bem. Você está assim... (Pausa) porque hoje... (Pausa. Faceira) é meu dia de namorar o Carcereiro.

GENI (Ri falsamente) – Eu?!

HELONEIDA (Maliciosa) – Sei, Geni.

GENI – Imagina!

HELONEIDA – Se eu não te conhecesse...

GENI – Você acha que eu vou ficar de mau humor por isso? Se eu estivesse atrasada...

130 HELONEIDA – Mas se você quiser... eu posso abrir mão hoje.

GENI – Deixa de ser boba. Ainda anteontem eu namorei o Carcereiro... Estou me sentindo em dia.

HELONEIDA – E o seu temperamento?

GENI (Suspirando) – Ah, como você insiste. O Carcereiro não me faz a menor falta.

HELONEIDA – Porque ele está perto. Você não sabe dar valor àquilo que a gente tem.

GENI – Eu sou uma mulher muito vivida...

HELONEIDA – Sei!

GENI – Homem não é novidade pra mim.

HELONEIDA – Você não sabe a colher de chá que deram pra gente. .

GENI – O Carcereiro?

HELONEIDA – Nas outras prisões femininas em vez de carcereiro, tem carcereira.

GENI – Que diferença faz?

HELONEIDA – Você sabe. (O Carcereiro vem chegando. Barulho de chaves abrindo a cela. Heloneida se ajeita rapidamente. Geni continua impassível. Ele entra feliz e galante).

131

CARCEREIRO – Pronto. Já estou de volta. (Cumprimenta Geni, beijando-lhe a mão) Não estou gostando nada da sua cara hoje. Que foi que aconteceu?

GENI – Não, nada.

CARCEREIRO – Não acredito.

GENI – Não, nada.

CARCEREIRO – Você vai ter que me contar o que foi que te aconteceu... (Pausa) E então?

GENI – Ah Carcereiro, deixa pra lá.

CARCEREIRO – Anda menina, fala.

GENI – Ah Carcereiro, me esquece...

CARCEREIRO (Olhando pra Heloneida) – Mal educada!

HELONEIDA – Sabe por que é que ela está assim?

GENI – Heloneida!

HELONEIDA – Ela está com ciúmes.

GENI (Para Heloneida) – Deixa de ser engraçadinha.

CARCEREIRO – De quem?

HELONEIDA – Da gente... (Para Geni) Mas eu posso abrir mão...

GENI – Imagina, que pretensão! Quero ser a última...

HELONEIDA – Vai querer me enganar? Se eu não te conhecesse...

GENI – Heloneida, filha da mãe!

CARCEREIRO (Rindo) – Ah não, Geni. Você me desculpa, mas hoje é o dia da Heloneida.

GENI – Imagina, Carcereiro, quem você pensa que é?

HELONEIDA – Ela ficou emburrada o dia inteiro.

GENI – Ô, Heloneida, você quer calar a boca?

HELONEIDA – Fala a verdade, Geni.

GENI – Não estou achando graça nenhuma nessa brincadeira.

CARCEREIRO – Se for pra vocês duas ficarem brigando, eu vou embora. (As duas param na hora. Pausa. O Carcereiro tira um maço de cigarros do bolso. Bota três cigarros na boca, acende-os e passa um pra Geni, outro pra Heloneida e fica com um. Os três ficam em silêncio um instante, fumando abstraídos). Mais um dia na vida...

133

GENI – Quando eu penso que numa hora dessas eu podia estar viajando pelo mundo...

HELONEIDA (Para o Carcereiro) – No ginásio a matéria predileta dela era Geografia.

GENI – Era mesmo, e daí?

CARCEREIRO – Você não se sente bem aqui, Geni?

GENI (Irritada) – Num verdadeiro paraíso.

CARCEREIRO (Tirando a camisa) – Vocês me dão licença, depois dum dia de trabalho eu gosto de ficar à vontade. (Geni olha o Carcereiro com cara amargurada)

HELONEIDA (Para o Carcereiro) – Que é que você fez hoje?

CARCEREIRO – Praticamente quase nada. Pensei muito. Ouvi as notícias pelo rádio...

HELONEIDA – Que é que há de novo?

134 CARCEREIRO – As mesmas guerras, novas guerras...

GENI – Novas guerras?

CARCEREIRO – Porque esse espanto? Cada dia surge uma nova guerra... pra se juntar com as outras...

GENI – Deus me livre!

CARCEREIRO – Às vezes eu penso que estou perdendo meu tempo aqui nesta ilha...

HELONEIDA (Censurando com carinho) – Ah Carcereiro...

CARCEREIRO – Desculpa, se não fosse por vocês... (Heloneida sorri, sensibilizada) Esta prisão está esquecida... ninguém pratica nenhum crime digno de ser mandado pra cá. Só tem vocês duas aqui.

GENI – Que solidão!

HELONEIDA (A Geni) – Você queria mais gente aqui?

GENI – Não é isso. É que dá um certo conforto saber que tem mais prisioneiras perto da gente. Com só nós duas presas, fico com a impressão que somos as únicas condenadas... fico doida pra fugir.

135

CARCEREIRO (Brincando) – Como?

GENI – Sei lá, nadando, voando, andando sobre as ondas.

HELONEIDA – Que gracinha!

GENI – O quê?

HELONEIDA (Para o Carcereiro) – Ela não é um amor? Ninguém me tira da cabeça que ela está aqui por engano.

CARCEREIRO – Como assim?

HELONEIDA – Eu não consigo pôr na cabeça que ela é uma assassina.

GENI (Furiosa) – Heloneida, sua peste! Eu já te disse mil... (Correndo atrás de Heloneida, que se esconde atrás do Carcereiro)

HELONEIDA – Foi sem querer, Geni.

GENI – Sem querer? Eu te ensino...

CARCEREIRO – Parem com isso, se não...

HELONEIDA (Para Geni) – Foi sem querer, você acha...

136

GENI – Na frente dele? Foi sem querer, na frente dele?

HELONEIDA – Eu juro que não falo mais. Pronto.

CARCEREIRO – Vamos parar com isso já. (As duas param de brigar. Pausa) Como se não bastasse o trabalho que tive durante o dia... Que foi que deu em vocês? Gostaria que vocês tivessem ouvido as notícias que eu ouvi pelo rádio... se vocês soubessem o que anda acontecendo pelo mundo... aí vocês iam dar valor àquilo que têm... e não é preciso ir longe não, aqui perto mesmo, em toda a América pra cima e pra baixo... mesmo

na América Central, a Costa Rica que foi sempre um país calmo, declarou guerra à Nicarágua... e eu aqui por causa de vocês, e o mundo explodindo lá fora. É bom que vocês saibam que isso me deixa muito deprimido. Eu devia estar lá, dando a minha mão. Se acontecer mais uma dessas, eu não respondo por mim.

GENI – Ih, Carcereiro, você também faz um drama...

HELONEIDA (Para Geni) – Deixa de ser ingrata.

GENI – Você também... (Para o Carcereiro) Pois olha, se eu pudesse me mandar daqui já estava longe uma hora dessas.

137

CARCEREIRO – Como é bobinha... o mundo mudou muito, minha filha, depois que você veio pra cá.

GENI – Vai ver que foi porque eu saí dele.

CARCEREIRO – Não digo que não.

GENI – Olha, pra seu governo, eu não acredito nessa de guerra. Eu sei que guerra é guerra, mas só entra nela quem quer...

HELONEIDA – Deixa de ser boba, também não é assim, Geni.

GENI – Vai querer mudar a minha filosofia de vida? Imagina! Eu acho que não tem o menor sentido a gente viver pra ficar sentindo o problema da humanidade inteira. Não é um absurdo, na nossa época, tão esclarecida, ainda ficar tendo essas guerras?... Ah não, quero ser a última. No que depender de mim, eu estou aqui mais é pra distribuir bondade e amor a todo mundo...

CARCEREIRO (Brincando) Como na época do circo?

138

GENI – No circo eu era lutadora, vivia da porrada, estava ganhando a minha vida honestamente, e tem mais, quando acabava a luta eu sempre levantava a outra. Nesse ponto eu tenho a consciência tranquila. (Irritada) E quer saber duma coisa? Quero que esse pessoal que inventou a guerra faleça.

HELONEIDA – Você é uma alienada, Geni!

GENI – E sou mesmo. Quero que morram todos esses indecentes...

HELONEIDA – Eu nem sei o que pensar... quando ouço essas notícias terríveis sobre essas guerras espalhadas pelo mundo inteiro, dou Graças a Deus de estar aqui, presa. Quando ouço sobre essa pobre gente inocente morrendo aos milha-

res, eu não vejo o menor sentido em coisas assim como, por exemplo, o teatro.

GENI – O teatro?

HELONEIDA – É. Só pra citar uma dessas artes que andam espalhadas por aí. Não vejo o menor sentido na literatura, no cinema, na pintura, na música... Bem, pra música eu ainda faço uma certa concessão, mas mesmo na arquitetura ou até mesmo na televisão... Isso pra não falar na escultura.

GENI – Escultura?!

HELONEIDA – Odeio a escultura.

139

GENI – Por quê?

HELONEIDA (Envergonhada) – Tenho uma passagem trágica ligada à escultura, minha filha.

GENI – Conta.

HELONEIDA – Ah não, esse segredo eu levo pro túmulo.

GENI (Para o Carcereiro) – É só porque você está aqui. Depois ela vai me contar... e com prazer.

CARCEREIRO – É mesmo, Heloneida?

HELONEIDA (Abstraída) – Eu era virgem naquela época...

GENI – Então faz muito tempo?

HELONEIDA – Você nem pode imaginar quanto.

GENI – Desculpa...

HELONEIDA – Um dia, na falta do que fazer, eu resolvi passar uma tarde no museu. Queria ficar sozinha e escolhi um museu. Vocês sabem que museu é museu e que mesmo esses de arte moderna estão sempre vazios e aquele, que nem era de arte moderna, era um museu mesmo. Entrei numa sala e encontrei a estátua dum homem nu, no tamanho normal, tudo era no tamanho normal. Fiquei fora de mim, eu estava sozinha e aquela estátua... bonita... me deixou cega. Eu, nunca tinha tido um namorado, naquele tempo eu não era o que sou hoje, eu era muito feia, cheia de espinhas e muito jogada fora. Pra encurtar a história, tirei toda a minha roupa e... nem tenho coragem de falar dessas coisas – Que vergonha, Meu Deus, quando eu me lembro...

CARCEREIRO – E daí?

HELONEIDA – De repente eu dei de cara com um homem horroroso me vendo fazer aquilo... e ele mesmo, que nojo, fazendo uma coisa nojenta...

GENI – Eu sei o que é... que sujeito cretino... e o que foi que você fez?

HELONEIDA – Espera só... Mas naquele tempo eu era muito medrosa e por isso andava sempre armada... tinha um revólver na liga.

CARCEREIRO – E mandou fogo no cara?

HELONEIDA – Não tive outra saída.

GENI – E não te prenderam?

HELONEIDA – Que é que estou fazendo aqui?

GENI – Mas você disse que foi há tanto tempo 141

HELONEIDA (Impaciente) – E daí?

GENI – Mas você está presa há tão pouco tempo.

HELONEIDA – Como é que você sabe?

GENI – Vai querer me confundir? Nós entramos juntas aqui.

HELONEIDA – E daí, você marcou no calendário? A gente tem por acaso um calendário? Tempo é uma coisa que passa mesmo, às vezes passa mais depressa, às vezes mais devagar. Mas que passa, passa.

GENI – Mas é por causa desse crime que você está aqui?

HELONEIDA – Por que não havia de ser?

GENI – Essa história me parece muito mal contada.

HELONEIDA – Eu tenho cara de assassina profissional?

GENI – Carcereiro, será que você podia dar uma olhada no livro de registro pra ver quando foi que a gente entrou aqui?

CARCEREIRO – Impossível.

GENI – Por quê?

CARCEREIRO – Um dia, faz tempo já, na falta do que fazer, eu peguei o livro e fui ler numa rocha, pra ver se tinha algum nome famoso nele. Mas aí o livro caiu n'água e sumiu.

GENI – Mas que azar!

CARCEREIRO – Desde então nunca mais houve outro livro, mas também...

GENI – Mas eu e a Heloneida, a gente estava registrada nele, não estava?

CARCEREIRO – Não digo que sim...

GENI – E então?

CARCEREIRO – Mas também não digo que não...

GENI – Que é que você diz então?

CARCEREIRO – Sei lá, me parece que depois de vocês duas nunca chegou outra assassina aqui.

HELONEIDA – Verdade?

GENI – Carcereiro, você lembra que tinha prometido trazer um calendário pra gente?

CARCEREIRO – É... o rapaz que traz as encomendas do continente prometeu trazer, mas o coitado nunca mais apareceu... às vezes eu tenho a impressão de estar no meio de um pesadelo... estamos só nós três aqui na ilha... me parece.

143

HELONEIDA – Misericórdia!

GENI – Eu não fico mais aqui.

HELONEIDA – Fica tranquila meu bem, nós estamos aqui com você.

GENI – Não, aqui eu não fico.

HELONEIDA – Geni!

GENI (Quase histérica) – Eu quero ir embora, sabe Heloneida, eu estou ficando louca aqui nesta prisão, eu quero ir embora, eu ainda sou moça, Heloneida. Eu fui de circo, Heloneida. Eu nunca parei em nenhum lugar. Pra mim, chegada sempre foi véspera de partida... eu quero ir embora (Chorando)... eu quero ir embora...

HELONEIDA – Calma, meu bem, não fica assim. (Acariciando Geni, que a repele)

GENI – Me larga, não ponha a mão em mim, falsa!

HELONEIDA (Sem ligar continua acariciando Geni. Diz para o Carcereiro) – Não parece uma criança?

144

GENI – Já disse pra tirar a mão de mim (Repele bruscamente Heloneida, que dá um tapa em Geni e depois se arrepende). Você me bateu, você gosta de me bater, você é uma depravada, pensa que eu não sei? Meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui? (Berrando) Eu quero ir embora.

CARCEREIRO – Vem Geni, vem dormir. (Geni está mais calma) Vem. (Conduz Geni para sua cama. Geni passivamente vai tirando a roupa e coloca uma camisola de dormir. O carcereiro espera. Heloneida está sentada, abstraída.)

CARCEREIRO (Para Geni) – Deita, deita. (Geni deita. Está calma e chora baixinho)

GENI (Chorando baixinho) – Eu quero ir embora...

CARCEREIRO (Para Geni) – Dorme. Daqui a pouco você vai sonhar e vai estar longe daqui. Dorme. Muito longe daqui... (Geni geme um pouco baixinho, depois silencia. O Carcereiro senta ao lado de Heloneida)

HELONEIDA – Ela está ficando cada dia pior. Coitada. Se não fôssemos nós dois, ela já teria se matado. Ela sempre foi muito aventureira, muito livre.

CARCEREIRO – Eu custo a acreditar que ela tenha praticado um crime.

145

HELONEIDA – Foi um crime de amor.

CARCEREIRO – Custo a acreditar que você também...

HELONEIDA – Por favor...

CARCEREIRO – Desculpe.

HELONEIDA – Deixa pra lá. Vem cá. (Os dois vão até a cama de Geni. Pausa. Heloneida vê que Geni está dormindo e a cobre) Não é uma gracinha? (Silêncio) Vem (Os dois começam a tirar a roupa. Luz baixa devagar)

CENA 2

(Manhã do dia seguinte. Heloneida e Geni em cena, fazendo flores de papel crepom. Há flores espalhadas pela cela)

HELONEIDA – Hoje você está tão feliz! Ontem você não me parecia tanto.

GENI – Mas ontem era domingo.

HELONEIDA – Como é que você sabe que ontem era domingo?

GENI – Muito simples: ontem eu estava triste.

HELONEIDA – E daí?

GENI – Eu sempre fico triste nos domingos.

HELONEIDA – Essa explicação não me parece lógica.

GENI – Por quê?

HELONEIDA – Ainda ontem eu me lembro que eu perguntei a você que dia era e que você não soube me responder...

GENI – É que na hora que você me perguntou eu devia estar feliz, por isso...

HELONEIDA – Não me venha com essa...

GENI – Mas é claro. Na hora que eu fiquei triste, o dia passou a ser domingo, com toda certeza.

HELONEIDA – Não foi o domingo que fez você ficar triste...

GENI – O que é que foi então?

HELONEIDA – Foi outra coisa.

GENI – O que, por exemplo?

HELONEIDA – Eu é que vou saber?

147

GENI – É isso que dá a gente não ter um calendário... acabamos sempre brigando.

HELONEIDA – Agora você vai querer pôr a culpa em mim?

GENI – Não estou dizendo isso. O Carcereiro outro dia...

HELONEIDA – Esquece.

GENI – Tá bem. Foi você quem começou. (Pausa)
Uma coisa que eu não entendo são essas encomendas de flores de papel.

HELONEIDA – É que o excesso de mortes faz com que haja um déficit na produção de flores verdadeiras. Estamos numa época da indústria plástica...

GENI – Se a gente está na época da indústria plástica, por que é que esse pessoal fica encomendando flores de papel?

HELONEIDA – É que as flores de papel são geralmente feitas à mão e isso lembra as artes mais antigas, sei lá... e esse pessoal é meio romântico.

GENI – Frescura.

148

HELONEIDA – Não fala assim.

GENI – É frescura mesmo.

HELONEIDA – Deixa de ser agressiva, Geni. Se não fossem essas encomendas, como é que a gente ia ter dinheiro pra se vestir e o resto?

GENI – Vai querer me dizer que eles não exploram a gente?

HELONEIDA – Não quero nem saber. Só sei que com essas encomendas a gente ganha um dinheirinho e faz esta cela parecer um verdadeiro lar.

GENI – Isso é verdade. A única coisa que faz essa prisão não parecer um verdadeiro lar é que a gente não tem faca, gilete, arma de fogo e o resto.

HELONEIDA – Isso me dá uma segurança... é por isso que eu me sinto bem aqui. (Entra o Carcereiro)

CARCEREIRO – Bom-dia, meninas!

GENI – Que é que você vem fazer tão cedo?

CARCEREIRO – Está um lindo dia lá fora... o mar está calmo e não tem uma nuvem no céu...

HELONEIDA – Você veio buscar a gente pra passear?

CARCEREIRO – Não, nada disso. Eu vim buscar as flores. O rapaz do continente está aí.

GENI – Traz ele aqui pra gente ver.

CARCEREIRO – Bem que eu gostaria...

GENI – Então por que não traz? Sempre que ele vem aqui, diz que está com pressa.

HELONEIDA – Coitado! Vai ver que ele tem medo da ilha... da gente.

CARCEREIRO – O barco dele está cheio de gente, gente moça... alegre...

GENI – Ai, como eu gostaria de tomar um pouco de sol... faz tanto tempo... (O Carcereiro pega as flores).

HELONEIDA – Eu não diria o mesmo.

GENI – O quê?

HELONEIDA – Na minha idade... seria uma imprudência...

GENI – O quê?

150

HELONEIDA (Com cara de vítima) – Me expor ao sol..

GENI – Imagina, Heloneida, que bobagem! Por quê?

HELONEIDA – Ora, minha filha, depois dos trinta, não digo dos trinta, mas dos trinta e cinco, qualquer mulher com um pouquinho de *senso de autocritica* não vai mais à praia.

GENI – Que besteira. Eu sei o que você está querendo...

HELONEIDA – O quê?

GENI – Você está querendo que eu diga o contrário... que você está linda...

CARCEREIRO (Saindo com as flores) – Tchau, bonecas. Logo mais eu estou aqui.

HELONEIDA – Tchau!

GENI – Dá um beijo no bonitão por mim. (Pausa) Que tristeza! (Pausa) Isso aqui ficou tão triste sem as flores.

HELONEIDA – É... na mesma hora eu fico com a impressão de que estamos no outono... (Pausa) mas não tem importância... logo a gente faz outras... Sabe, Geni, na época que eu frequentava a praia, quando eu era mocinha, eu tinha um passatempo tão esquisito... (Abre o vestido e mostra o umbigo para Geni) Olha!

151

GENI – Nossa! Que coisa indecente!

HELONEIDA – Pois é. Eu tinha um orgulho desse meu umbigo enorme. Eu tinha um peixinho pequenininho de estimação. Eu ia para a praia e levava ele comigo. Me deitava, punha água no umbigo e o peixinho dentro. Ele ficava nadando e fazia uma cócega gostosa... Ah, que saudade! Um dia, o sol estava quente demais; eu dormi,

a água secou e o peixinho morreu. Quase morri de tristeza. Aí eu nunca mais fui à praia.

GENI – Eu nem sei o que pensar.

HELONEIDA – Hein?

GENI – Sei lá, eu não tenho opinião formada sobre nada, e isso que te aconteceu, realmente eu não sei o que pensar.

HELONEIDA – Não fica preocupada. Esquece. (Heloneida apanha um vestido e começa a costurar a mão) Será que ainda está na moda a manga japonesa?

152

GENI – Que diferença faz?

HELONEIDA – Se você soubesse... eu sempre fui uma escrava da moda, minha filha (Espeta o dedo e geme.) Ui!

GENI (Diz por Heloneida) – Merda!

HELONEIDA – Obrigada, meu anjo, espetei o dedo (chupa o sangue do dedo). Eu adoro costurar, mas se tem coisa que eu detesto é chulear.

GENI – Por quê?

HELONEIDA – Sei lá...

GENI – Não é o mais simples?

HELONEIDA – Deve ser por isso.

GENI – Ai meu Deus, como você é complicada.

HELONEIDA – Que é que eu posso fazer?, é a minha natureza.

GENI – Juro que eu não te entendo. Se eu costurasse... e olha que eu detesto costurar... não sei nem mesmo pregar um botão. Mas se eu costurasse, acho que eu gostaria mesmo era de chulear.

HELONEIDA – Como assim?

153

GENI – Porque... (Hesita) sei lá... vai ver que é porque é o mais simples e eu não tenho muita paciência...

HELONEIDA – No fundo você também é complicada...

GENI – Eu me lembro... quando eu era pequena... isso antes de entrar para o circo... eu adorava ajudar minha mãe na limpeza da casa...

HELONEIDA – Que engraçado... não consigo imaginar você morando numa casa...

GENI – Por quê?

HELONEIDA – Só consigo imaginar você num circo... sempre se mudando dum lugar para o outro...

GENI – Mas eu já tive a minha casa... faz tanto tempo... Eu me lembro. Minha mãe... ela era tão engraçada... ela costumava fazer limpeza na casa às sextas-feiras... eu acordava bem cedo e eu era tão preguiçosa naquele tempo... (Heloneida ri) Só pra ajudar a minha mãe... e sabe por quê?

HELONEIDA – Por que, Geni?

154

GENI – Porque eu adorava mudar as coisas do lugar... eu adorava arrastar aqueles móveis antigos... pesados... puro jacarandá... tinha um órgão lá em casa... a nossa família era protestante... se eu não me engano... Adventista ou metodista, sei lá... Tinha até um hino que eu gostava muito (Geni canta *Rocha Eterna*). *Rocha Eterna, foi na cruz / Que morreste tu, Jesus. / Vem de ti um sangue tal / Que me limpa todo mal. / Rocha Eterna, que prazer / Eu terei em ti morrer.*

HELONEIDA – Que bonito, Geni.

GENI – Eu adorava esse hino... de vez em quando, quando eu me lembro dessa canção... uma das poucas que ficaram na minha memória...

HELONEIDA – Engraçado, eu também tenho um hino... minha família era católica... não praticante... isso sempre me deixou frustrada... eu tinha uma amiga... a Dulcineia... a família dela era católica praticante... eu me lembro... eu tinha uma inveja dela... ela detestava a igreja... ir à missa... mas a mãe dela obrigava ela ir à missa, ao catecismo... a minha não. (Pausa) não é engraçado esse nome... Dulcineia?

GENI – Não acho nada engraçado.

HELONEIDA – Mas dá licença de que eu ache? Hoje ele parece tão estranho... chego a ficar corada...

GENI – Eu também tinha uma amiga com um nome mais ou menos assim, a Sirineia...

155

HELONEIDA – Nossa! (Pausa) Naquela época me parecia tão normal... Dulcineia... (Começa a cantar) *O meu coração é só de Jesus. / A minha alegria é a Santa Cruz*... Não é um absurdo?

GENI – O quê?

HELONEIDA – Esse verso: *A minha alegria é a santa cruz*... Estranho como eu me lembro...

GENI – Depois apareceu um circo lá na minha cidade. Eu tinha dezesseis anos... era tão diferente das outras meninas... vivia na companhia

dos rapazes... jogava futebol e brigava muito. Eu era a rainha da porrada. Adorava brigar... qualquer discussão me esquentava e eu mandava o braço. As outras meninas fugiam da minha companhia... acho que as mães proibiam... Esparramaram que eu não era mais *moça* e que ia ter um fim bem triste... eu sofria um pouco com isso, mas deixava pra lá. Quando eu não tinha nada pra fazer, descia a rua principal com a cabeça bem levantada... e quando eu ouvia os comentários, aí é que eu requebrava mesmo. Eu gostava mesmo era da companhia dos rapazes.

Com eles eu nunca tive problema. Tinha até um namorado... bonito... parecia com o Tyrone Power... foi com ele que eu mandei a minha primeira brasa... num canavial... que beleza... às vezes... quando eu paro pra pensar eu sinto que vale a pena viver... pra recordar... mas eu batia nele também... as outras meninas eram taradas por ele... mas ele, só gostava de mim... Nessas alturas a Dulcineia...

HELONEIDA – Dulcineia?

GENI – Sirineia, desculpa. Nessas alturas a Sirineia já era a maior biscate do lugar e um dia o meu namorado me traiu com ela... eu quase matei os dois de tanta porrada... foi nessa época que apareceu o circo... um circo bonito... tinha até três

picadeiros. Minha mãe me levou pra ver *O Ébrio*... eu gostei tanto... (Saudosa) O que eu chorei naquela noite! Mas o que me deixou vidrada foi o palhaço... o nome dele era Piolho... meio anãozinho... uma cara triste... ele brincou comigo... Aí eu comecei a frequentar o circo... fiz amizade com os artistas... eles gostavam de mim... (Pausa)

HELONEIDA – Sinto um pouco de vergonha pelo que eu vou dizer... mas que beleza deve ter sido a sua vida, Geni.

GENI – Um dia o circo foi embora... e eu junto. Logo descobriram que eu era de briga e fui pra luta livre.

157

HELONEIDA – Ainda bem.

GENI – Você nem pode imaginar o sucesso. Em cada cidade que a gente chegava o alto-falante do circo anunciava: *Hoje luta sensacional entre Geni Porreta...*, era esse o meu nome artístico... Ficava assim de gente. Eu sempre vencia. Eu fazia mais sucesso que *O Ébrio*...

HELONEIDA – Se você soubesse como eu morro de inveja de você.

GENI – Eu estava gamada pelo palhaço – o Piolho –, e ele por mim, no começo. Tudo ia bem no

começo. Como eu era feliz no amor, eu brigava com prazer. E com que classe. No fim de cada briga eu levantava a outra e era aplaudidíssima pela plateia. Eu, quando me sinto feliz, sinto vontade de dar porrada em todo mundo...

HELONEIDA (Censurando simpaticamente) – Geni!

GENI – Era uma vida muito dura, mas eu gostava. Tudo ia bem até que apareceu uma nova artista...

HELONEIDA – Isso tinha que acontecer... que azar!

GENI – Uma loirona desbotada que tinha vindo do teatro...

HELONEIDA – Qual era o nome dela?

GENI – Pra que é que você quer saber?

HELONEIDA – Não, pode ser até que eu conheça... conheço praticamente todo mundo do teatro...

GENI – Mas aquela você não deve conhecer... faz muito tempo, Heloneida... até já esqueci o nome dela...

HELONEIDA – Quem seria?... ah, esquece. Continua.

GENI – Ela chegou toda metida, usando uns boás e umas plumas feitos de pena de galinha pintada... aquilo era uma droga, mas fazia um efeito... tudo quanto era homem do circo ficava vidrado nela. Mas como quem fazia sucesso mesmo com o público era eu, a mulher tratou logo de me destruir me tirando o meu palhaço. O besta ficou vidrado por ela e me deixou na mão. Eu, como não podia deixar de acontecer, andei dando umas porradas nos dois, mas foi até pior. Todo mundo ficou contra mim e eu, chateada da vida, comecei a beber. Perdi o gosto de lutar e comecei a perder...

159

HELONEIDA – E o que é que você fez?

GENI – Você nem pode imaginar. (Pausa)

HELONEIDA – Conta.

GENI – É tão difícil...

HELONEIDA – Eu posso imaginar.

GENI – Quando eu me lembro do que eu fiz... (Deprimida) Onde eu estava com a cabeça, Santo Deus!

HELONEIDA – Não fica assim. Se não quiser contar não precisa. Eu compreendo.

GENI – Não. Agora que eu comecei, eu acabo. Custe o que custar.

HELONEIDA – É melhor. Assim você pelo menos desabafa.

GENI – Você não vai me perdoar nunca. (Pausa) Azar! (mais animada) Eu estava puta da vida mesmo. Um dia eu enchi a cara e esperei todo o pessoal do circo dormir, e aí peguei gasolina...

HELONEIDA (Horrorizada) – Geni!

160

GENI – É isso mesmo. Peguei gasolina e joguei em volta do circo e taquei fogo... enquanto o circo pegava fogo eu me apresentei no distrito... nesse ponto eu fui muito honesta.

HELONEIDA – Francamente, eu não sei o que pensar.

GENI – E eu sei?

HELONEIDA – Não sobrou ninguém?

GENI – Só eu pra contar a história.

HELONEIDA – E depois?

GENI – Sei lá, só sei que estou aqui. (Pausa)

HELONEIDA – Às vezes esta prisão me parece uma espécie de... purgatório.

GENI – Não entendo.

HELONEIDA – A gente está aqui pra sofrer. É um lugar tranquilo pra gente pensar e sofrer. Como um purgatório.

GENI – Cada vez entendo menos.

HELONEIDA – Sofrer por aquilo que nós fizemos lá fora... e compreender...

161

GENI – Vai querer me enganar que você sofre?

HELONEIDA – Bom, sofrer mesmo eu não sofro. Mas também não quero sair daqui.

GENI – Pra falar a verdade, eu não me arrependo nada do que eu fiz. Aquele pessoal do circo bem que merecia o fim que teve... quem mandou me sacanear. Durante toda a minha vida eu fui muito sacaneada... Não sei o que é que eu estou fazendo aqui na Terra.

HELONEIDA – Hein?

GENI – É, não sei mesmo.

HELONEIDA – Eu também não sei. Mas isso não interessa. O que importa é que a gente tem uma missão a cumprir. Acho mesmo que cada pessoa tem uma missão específica a cumprir aqui na Terra. Umas mais importantes, outras menos importantes. Cada pessoa tem por obrigação dar a sua contribuição para a melhoria do mundo e da condição humana.

GENI – Qual é a nossa contribuição?

HELONEIDA – Fazer flores de papel.

GENI – Isso é novidade pra mim. Quer dizer que todo mundo é artista?

HELONEIDA – De certa forma. (Geni observa Heloneida curiosamente)

GENI – Sabe Heloneida, às vezes você me parece uma santa.

HELONEIDA (Acariciando Geni) – Obrigada meu anjo, eu não sou nada disso. Eu também pratiquei vários crimes. Eu também não sou nenhuma santa...

GENI – Vários crimes?

HELONEIDA (Elegíaca) – Muitos... (Pausa)

GENI – E nunca te pegaram?

HELONEIDA – Ora Geni, o que é que estou fazendo aqui?

GENI – Mas você disse vários?

HELONEIDA – Ora Geni, não exija de mim uma coerência que eu não tenho. Estou presa por causa de um dos meus crimes. Por qual, não me pergunte... perdi a memória.

GENI – Que coisa mais absurda.

HELONEIDA – Mas eu me lembro de um... (Geni sente que Heloneida vai contar e se ajeita como quem vai ouvir uma história interessante) Você quer ouvir?

163

GENI (Fingindo-se não muito interessada) – Se você quer contar...

HELONEIDA (Toma uma atitude afetada, superior, como quem vai fazer um discurso) – Foi no carnaval. (Fazendo doce) Eu não estou com muita vontade de contar essa história... fico muito abatida sempre que me lembro dela... mas enfim... já que você insiste... (Suspira) vamos lá... foi no carnaval.. Eu era muito rica naquela época... a minha casa vivia assim de gente. (Com

ênfase) Uma que não saía de lá era a Aracy de Almeida. Também não faltava uísque escocês e a Aracy você sabe como ela era... Mas eu era muito infeliz... vivia na maior solidão... (Geni se mostra impaciente. Heloneida percebe) Estou demorando pra entrar no assunto, não é?

GENI (Sem jeito) – Não, não é isso.

HELONEIDA – Não, pode falar. É tão difícil pra mim...

GENI – Se não quiser contar, deixa.

164 HELONEIDA – Não meu bem, agora eu comecei, vou até o fim, custe o que custar.

GENI – Então conta.

HELONEIDA (Retomando a posição) Foi no carnaval. Eu estava sozinha em casa... minha casa parecia um castelo... o terraço era cheio de colunas... lembrava a Grécia...

GENI – Você já foi à Grécia?

HELONEIDA – Nunca... e eu não me perdoo por isso... (Pausa) mas como eu estava dizendo, eu estava tão infeliz que resolvi sair pra rua... aí eu vi um rapaz muito bonito... também sozinho.. aí eu fui falar com ele...

GENI – Nossa, Heloneida!

HELONEIDA – O que, Geni?

GENI – Você acha que agiu direito? Por que não esperou ele vir falar com você?

HELONEIDA – Ah não, minha filha. Eu estava muito impaciente e não podia perder tempo... (Pausa) Aí eu fui falar com ele... ele me contou uma história tão estranha... ele estava sem dinheiro... era de outra cidade... aí eu fiquei com pena e o convidei pra ir até a minha casa. Ele aceitou e... aí, não gosto nem de me lembrar... uma noite, no quarto, perdi a cabeça e fiz uma coisa terrível com ele

165

GENI – O quê?

HELONEIDA – Uma coisa terrível... você nem pode imaginar.

GENI – O que é que pode acontecer de tão terrível entre uma mulher e um homem numa cama?

HELONEIDA – Eu não disse que você não podia imaginar?

GENI – Então conta.

HELONEIDA – De jeito nenhum. Este segredo eu levo para o túmulo. (Pausa) mas no dia seguinte eu recebi a visita duma amiga minha, e como eu estava com a consciência pesada, eu não resisti e imediatamente contei pra ela. O rapaz me ouviu contando pra ela, ficou com ódio e queria me matar... e ele era a coisa mais bonita que eu já tinha visto.

GENI – Qual era o nome dele?

HELONEIDA – Ah, você me desculpa Geni, mas eu não digo.

166 GENI – Por quê?

HELONEIDA – Sei lá, você pode conhecer. Nem pensar.

GENI – Está bem, não precisa dizer o nome, mas o que foi que você fez com ele?

HELONEIDA – Não, Geni, este segredo eu faço questão de levar para o túmulo.

GENI – Mas você não disse que contou pra sua amiga?

HELONEIDA – E eu não me perdoei por isso.

GENI – Se você contou pra ela, você não vai levar o seu segredo para o túmulo.

HELONEIDA – Ah, mas a minha amiga morreu logo depois.

GENI (Espantada) – Você matou?

HELONEIDA – Não foi bem assim.

GENI – Conta a verdade, Heloneida.

HELONEIDA – Ora, Geni, você acha que eu ia matar a minha melhor amiga?

GENI – Você?!

167

HELONEIDA (Introspectiva) – Resolvi ser honesta comigo mesma, já que não consigo ser honesta com os outros...

GENI – Que foi que você disse?

HELONEIDA – Não é nada não, eu desliguei... desculpa.

GENI – Então continua.

HELONEIDA – No dia seguinte ele me fez jurar que eu não ia fazer mais aquilo... e eu jurei...

GENI – Mas fez.

HELONEIDA – Que é que eu podia fazer?, a carne é fraca.

GENI – E eu que pensava que você fosse uma pessoa forte...

HELONEIDA – E sou mesmo... mas se você conhecesse aquele rapaz. Na manhã do segundo dia, então... você não pode imaginar... o ódio dele era mortal, e quando digo mortal quero dizer mortal mesmo. Quase me estrangulou (Pausa. Saudosa) Foram quatro dias maravilhosos dos quais eu jamais me esquecerei nem que queira – e olha que eu não quero mesmo...

GENI – Que vexame!

HELONEIDA – Ora, Geni, você não tem o direito de dizer isso...

GENI – Nossa, Heloneida, que papel você me faz... qual era a idade desse rapaz?

HELONEIDA – 16 anos.

GENI – Jesus!

HELONEIDA – Não adianta você querer me julgar porque eu nesse ponto sou muito responsável.

Eu estou aqui, pagando muito caro pelo que eu fiz. (Pausa) Pensando bem, onde eu estava com a cabeça... você acha que o fato de uma mulher de 36 anos fazer isso com um rapazinho de 16 é pecar contra a natureza?

GENI – Depende do caso...

HELONEIDA – No meu caso, por exemplo.

GENI – Bom, no seu é.

HELONEIDA – Onde eu estava com a cabeça. Ele podia ser quase meu neto...

GENI – Também não exagere.

169

HELONEIDA – Hoje em dia? Na nossa época as coisas acontecem muito depressa...

GENI – Já estou perdendo a paciência, conta de uma vez o que você fez com ele...

HELONEIDA – Imagina! Não posso, meu bem. Você se esquece que estamos num teatro?

GENI – Que teatro?

HELONEIDA – Ora, Geni.

GENI – Você tem a mania de achar que está num teatro... por quê?

HELONEIDA – Hoje em dia, no palco de um teatro a gente ouve as verdades mais secretas do ser humano. Coisas que a gente não ouve na rua, por exemplo. Pode-se dizer praticamente quase tudo num palco de teatro.

GENI – E então?

HELONEIDA – De uma vez por todas, não me peça mais pra contar o meu segredo. Este prazer eu não vou dar à plateia...

GENI – Tá bem, mas é você quem fica lembrando.

170 HELONEIDA – Então não se fala mais nisso. (Pausa) Sabe duma coisa, Geni? Eu sempre amei o teatro acima de todas as coisas. E descobri que o melhor palco é a própria vida. Fazia o meu teatrinho particular representando, se possível, um papel por semana. Nessas alturas eu estava representando Fedra...

GENI – Quem?

HELONEIDA – Fedra, uma grega... (Pausa) Essa história está te cansando? (Heloneida vai até a boca de cena e fica um instante olhando a plateia) Fico com receio de estar cansando a plateia.

GENI – Azar!

HELONEIDA – Mas essa história a plateia vai ter que ouvir, quer queira quer não queira. Senão eu acabo com a vida de alguém aqui hoje. Não se esqueçam de que eu sou uma assassina. (Para Geni) Você sabe que eu sou de levar a tragédia até as últimas consequências.

GENI – A tragédia em si já não é uma última consequência?

HELONEIDA (Irritada) – Maneira de dizer, Geni, não seja impertinente. (Pausa. Para Geni) Que cara é essa? Vem cá, vamos descansar um pouco (Pega a mão de Geni e vão as duas para a boca de cena. Luz sobre a plateia)

171

HELONEIDA (Para Geni) – E depois você se queixa, Geni. Imagina a colher de chá. Uma prisão com plateia. Você não pode dizer que estamos sozinhas no mundo. Essa plateia, pelo menos duas horas por noite, faz companhia pra gente. Não é uma delícia? É por isso que eu amo o teatro. Olha! (Mostra a plateia) Hoje em dia quem não representa bem o seu papel é melhor cair morto.

GENI (Lamentando) – Ai de mim, eu quero sair dessa ilha, dessa prisão. Será que não tem um filho de Deus que queira me levar embora?

HELONEIDA (Chocada) – Geni!

GENI – Eu quero ir embora daqui.

HELONEIDA (Decidida e prepotente) – Vem! Vamos voltar. Você tinha que ser inconveniente e constrangedora. Logo agora que a gente estava se comunicando com o público. Vem! (Para o público) Desculpa, gente! Vem Geni (Quando elas estão voltando entra o Carcereiro. As duas levam um susto) Nossa! Que é que você vem fazer agora?

CARCEREIRO – Adivinha?

172 GENI – Você está com uma cara esquisita, Carcereiro.

CARCEREIRO – Trago uma notícia pra vocês.

GENI – Que tipo de notícia... é uma boa notícia?

CARCEREIRO – Depende.

HELONEIDA (Desanimada) – Será que vão soltar a gente pelo nosso bom comportamento?

GENI (Animada) – Será?

CARCEREIRO – Não é tão ruim assim.

GENI – Então o que é?, diz logo.

CARCEREIRO (Sentando-se) – Espera um pouco, deixa eu tomar respiração.

HELONEIDA (À parte) – O que será?

GENI – Quer um pouco d'água, Carcereiro?

CARCEREIRO – Aceito, (À parte) pra dar tempo.

HELONEIDA (Para o Carcereiro) – Estou aflita pra saber.

GENI (Trazendo a água) – Toma.

CARCEREIRO – Obrigado, minha filha.

173

GENI – Você tem um cigarro?

CARCEREIRO – Tenho. (Tira o cigarro, ele mesmo acende e passa a Geni). Toma.

GENI (Tirando uma longa baforada) – Estou que não aguento mais. Se você diz que é uma boa notícia...

CARCEREIRO – Eu não disse... *uma boa notícia...* eu disse... depende. (As duas ficaram olhando para o Carcereiro em silêncio. Pausa)

CARCEREIRO – Estourou uma guerra total e geral. O mundo inteiro.

GENI (Decepcionada) – Essa não é mesmo uma boa notícia.

HELONEIDA – Que coisa horrível.

CARCEREIRO – Mas espera um pouco. O mundo inteiro está explodindo, bombas em toda a parte. Todo mundo foi convocado. Eu, inclusive.

AS DUAS – Você?!

CARCEREIRO – É, a minha classe foi chamada.

HELONEIDA – Mas você não vai se apresentar, não é?

174

CARCEREIRO – Não sei. Francamente não sei.

GENI – Se você não se apresentar, vai ser dado por insubmisso.

CARCEREIRO – Eu sei, eu sei.

GENI – Mas azar, nem pensa em deixar a gente.

CARCEREIRO – É isso que me preocupa.

HELONEIDA (Andando pelo palco, como se tentasse resolver o problema) – Que situação, Meu Deus! Como é que a gente vai resolver este problema?

GENI – Não estou gostando nada de sua cara, Carcereiro. Você está escondendo alguma coisa da gente.

CARCEREIRO – Eu?

GENI – Vai, diz logo o que você tem pra dizer.

CARCEREIRO – Vocês não me deixam falar.

GENI – Está bem. Desembucha logo.

(As duas, uma de cada lado, de braços cruzados, aguardam. Pausa)

CARCEREIRO – Vocês... vão ter uma nova companheira... no meu...

175

AS DUAS – O quê?

CARCEREIRO – Era essa a notícia.

HELONEIDA – Repete. Eu não ouvi bem.

CARCEREIRO – É. Vem outra pra cá. Eu vou ter que...

GENI – Você está gozando a gente.

CARCEREIRO – Eu?

HELONEIDA – Fiquem quietos. Deixa eu pensar um minutinho só. (Heloneida anda de um lado pro outro, com uma mão na testa, como se estivesse se concentrando. Pausa. Geni e o Carcereiro acompanham com os olhos os movimentos de Heloneida). Pronto.

CARCEREIRO – E então?

HELONEIDA – Geni, deixa eu dar uma tragada no seu cigarro. (Geni passa o cigarro. Heloneida dá uma longa tragada e devolve o cigarro a Geni). Toma, obrigada. (Para o carcereiro) O caso é o seguinte. (Pausa. Muda de expressão. Furiosa, segura o Carcereiro pelos ombros e o sacode). Aqui nesta cela não entra ninguém.

CARCEREIRO – Mas você não entendeu...

GENI (Segurando um braço do Carcereiro e torcendo-o) – Mas eu entendi muito bem.

HELONEIDA – Imagina! Era só o que faltava...

GENI – A gente preparar a cama pra outra dormir... imagina!

CARCEREIRO – Não é nada disso.

GENI – Não vem com conversa mole.

HELONEIDA – Aqui não entra ninguém.

CARCEREIRO – Tá bem. Vocês não querem me ouvir...

GENI – Chega de papo furado.

CARCEREIRO – Depois não diz que eu não avisei.

HELONEIDA – Era só o que faltava. Chega, Carcereiro. Não quero ouvir mais uma palavra. Estou muito puta da vida. (Chocada, cobre a boca)

GENI (Cobre o rosto) – Desculpa, Heloneida.

HELONEIDA – Por quê?

177

GENI – Eu devia ter dito por você.

HELONEIDA – O quê?

GENI – O palavrão.

HELONEIDA – Não tem importância. Estou muito puta da vida mesmo.

GENI – Eu nunca vou me perdoar por isso. (Pausa. Olhando o Carcereiro) E quem é o culpado?

HELONEIDA – ... senão o Carcereiro?

CARCEREIRO – Eu?!

GENI (Para o Carcereiro) – Quer saber duma coisa? Fora daqui!

CARCEREIRO – Tá bom. Eu vou.

HELONEIDA – Então anda, vai. (O Carcereiro sai)

CARCEREIRO (Saindo) – Depois vocês...

GENI (Empurrando) – Vai...

HELONEIDA (Depois de o Carcereiro ter saído) – Imagina, que pretensão!

Segundo Ato

CENA 1

(Heloneida e Geni estão em cena, discutindo)

GENI – O que será que aconteceu com o Carcereiro? Há dois dias que ele não aparece.

HELONEIDA – Eu desconfio que ele não aguentou e foi pra guerra...

GENI – O quê?

HELONEIDA – Acho que ele não aguentou e foi pra guerra...

179

GENI – Bem que eu te avisei.

HELONEIDA – Avisou o quê?

GENI – Você lembra quando eu dizia: *Esse Carcereiro não me engana...* Você se lembra?

HELONEIDA – Pois olha, se ele realmente foi pra guerra, ele fez muito bem.

GENI – E nós?

HELONEIDA – Esquece, meu anjo. Você se lembra quando eu dizia: *O Carcereiro está aqui só de passagem...*?

GENI – Me lembro sim. Mas ele devia ter avisado que ia embora... estou morrendo de fome. Faz dois dias que eu não como.

HELONEIDA – Como é que você sabe?

GENI – Você sempre me pergunta essas coisas.

HELONEIDA – Você está sempre falando do tempo e isso me deixa irritada. Você fala como se tivesse certeza. Vê se põe na cabeça, de uma vez por todas, que aqui a gente não tem a menor noção do tempo. Como é que você sabe se faz só dois dias que ele foi embora? Eu, por mim, acho que ele foi embora há muito tempo.

180

GENI – Estou com fome.

HELONEIDA – Um jejum de vez em quando faz muito bem ao espírito.

GENI – Ah, não me venha com teorias.

HELONEIDA – E faz mesmo. Quando eu frequentava a igreja, eu fazia jejum uma vez por mês. Era quando eu me sentia melhor.

GENI – Estou sentindo umas ferroadas na boca do estômago. Só pode ser fome.

HELONEIDA – Também a culpa é nossa.

GENI – Que culpa?

HELONEIDA – Se o Carcereiro foi embora, a culpa só pode ser nossa.

GENI – Por quê?

HELONEIDA – Estou sentindo uma tonteira...
(Pausa) É normal. Sempre que eu penso no tempo sinto uma espécie de nuvem na minha cabeça.

GENI – Mas que culpa?

HELONEIDA – Você se lembra da última vez que ele esteve aqui?

181

GENI – Ele quem?

HELONEIDA – Ora Geni, a gente está falando de quem?

GENI – O Carcereiro?

HELONEIDA – É. Ele mesmo. A última vez que ele esteve aqui a gente tratou ele tão mal..

GENI – Foi mesmo?

HELONEIDA – E então? Ele até trouxe uma notícia pra gente... não foi?

GENI – É mesmo... agora estou me lembrando...

HELONEIDA – Qual foi mesmo a notícia?... Nós botamos ele pra fora... não foi?

GENI – É... foi.

HELONEIDA – Então só pode ter sido uma péssima notícia...

GENI – Que é que foi mesmo?

HELONEIDA – Não me lembro... deixa eu ver...

GENI – Puxa pela memória.

182

HELONEIDA – Minha memória anda tão fraca... deixa eu ver... primeiro ele falou da guerra... como sempre... depois...

GENI – É isso mesmo.

HELONEIDA – Depois... Ah... (Com raiva) me lembrei...

GENI – E então?

HELONEIDA – Ele disse que nós íamos ter uma nova companheira.

GENI – Uma assassina?

HELONEIDA – É.

GENI – Aqui dentro?

HELONEIDA – Acho que sim.

GENI – Nem pensar. Aqui não entra mais ninguém.

HELONEIDA – Claro que não. Foi por isso que nós expulsamos o Carcereiro.

GENI – E com toda razão... imagina só faltava essa... viu? Até passou minha fome.

HELONEIDA – É natural.

183

GENI – O quê?

HELONEIDA – É natural você não sentir mais fome. Foi a reação. Mas se aparecer outra aqui, você deixa pra mim. Quero fazer tanta maldade, até essa mulher ficar louca.

GENI – A gente obriga o Carcereiro mijar na cara dela.

HELONEIDA – É. E também dar muito choque elétrico nela.

GENI – Eu por mim gostaria de torcer o nariz dela com alicate.

HELONEIDA – E eu de espetar o olho dela com a minha agulha até ela ficar cega.

GENI – Isso é fácil.

HELONEIDA – O quê?

GENI – Ela ficar cega. É só dar uma espetadinha em cada olho.

HELONEIDA – E você acha que eu me contento com tão pouco? Depois de espetar os olhos, a gente enfia a agulha no ouvido pra furar o tímpano.

GENI – Não quero nem saber. Eu, por mim, pago pra ver o Carcereiro mijar na cara dela.

HELONEIDA – Você acha que ele vai topar?

GENI – Sei lá. Se ele não topar, a gente obriga. Quero ver quem é mais forte.

HELONEIDA – Estou até sentindo uma nova vontade de viver.

GENI – Vai ser como nos tempos do Circo.

HELONEIDA – Acho que a gente não deve se precipitar.

GENI – Por quê?

HELONEIDA – É melhor a gente pensar com calma...

GENI – Que é que essa xereta vem fazer aqui?

HELONEIDA – Pelo jeito, deve ter praticado um crime sem a menor imaginação.

GENI – Um crime de amor...

HELONEIDA – ... sem o menor requinte de maldade. Ah, não. Aqui não entra. Se tem coisa que eu não aguento é gente medíocre. Uma criminosa medíocre então, nem se fala.

GENI (Fazendo uma cara estranha) – Se bem...

185

HELONEIDA – Que cara é essa?

GENI – Eu estava pensando...

HELONEIDA – O que, Geni?

GENI (Peremptória) – Entra sim.

HELONEIDA – O quê?

GENI – Eu estava pensando... até que vai ser bom a gente ter uma nova companhia...

HELONEIDA – Geni!

GENI – Claro, sua boba!

HELONEIDA – Deixa de ser idiota.

GENI – Mas claro... uma nova companheira... a gente vai se divertir como nunca... Isso aqui anda tão sem graça ultimamente... vai ajudar a matar o tempo.

HELONEIDA – Não, Geni. A gente tinha conseguido dar uma ordem na nossa vida... O tempo todo livre pra pensar, pra viver...

GENI – Nada disso, Heloneida.

186 HELONEIDA – Viver. Aqui, foi aqui que eu tive a agradável sensação de que o tempo não passa.

GENI – Não Heloneida, entra sim.

HELONEIDA – Não Geni, você me desculpa, mas aqui não entra ninguém. Imagina! Eu pratiquei todos os meus crimes só para que me mandassem para a pior prisão do mundo. Eu queria ser mandada para uma solitária, pra ficar bem longe da humanidade, que eu detesto. (Olha para a plateia) Não, Geni, você me desculpa, sinto muito, mas aqui não entra ninguém.

GENI – É aí que você se engana. Entra sim. Não quero me chamar Geni.

HELONEIDA – Sabe duma coisa! Tem hora que eu te detesto.

GENI – Bem que eu desconfiava.

HELONEIDA – O quê?

GENI – Toda aquela sua conversa mole de dizer que era uma mãe pra mim. Mas eu também te detesto. Eu também passei todo esse tempo te aturando, sofrendo pra não dizer que te detesto. Mas agora me sinto até bem. Essa verdade eu tinha que acabar te dizendo mais cedo ou mais tarde. Mas agora eu não quero saber... Estou doida pra que essa mulher chegue logo...

187

HELONEIDA – Não, Geni, aqui não entra ninguém.

GENI – Claro que entra meu bem, não quero ser chamada de assassina.

HELONEIDA – Puxa, como você mudou...

GENI – Que é que você quer dizer com isso?

HELONEIDA – Antigamente você não gostava de reconhecer que era uma assassina...

GENI – Os tempos mudaram minha filha... sinto uma nova vontade de viver... (Barulho de chaves abrindo a cela. Sem olhar para a porta, as duas

se ajeitam como se esperassem a visita do Carcereiro. Heloneida, como sempre que o Carcereiro aparece, está sentada numa pose bem faceira e feminina. Geni, impassível. Entra Jandira.)

AZEVEDO (Com vez masculinizada) – Boa-noite! (Heloneida surpresa, sem se virar.)

GENI (Também surpresa e sem saber o que está acontecendo) – Quem é você?

AZEVEDO – Ah, minha paciência, toda vez que eu entro aqui tenho que dizer quem sou eu?

188 GENI – Eu não te conheço.

AZEVEDO (Prepotente) – Senta aí, minha filha. (Geni obedece, emburrada)

HELONEIDA (Levantando-se, irritada) Afinal de contas, quem é você?

AZEVEDO – Vocês estão brincando comigo?

HELONEIDA – Eu não estou brincando. Quem é você?

AZEVEDO – Tá bem, minha filha. Sou a Carcereira.

HELONEIDA – Carcereira?

GENI – Estou sentindo umas tonteiras...

HELONEIDA – Então é você...

AZEVEDO – Sou a nova Carcereira... Quantas vezes vou ter que ficar repetindo? Meu nome é Azevedo.

GENI (Lembrando-se) – Ah! Jandira!

AZEVEDO – Já disse que meu nome é Azevedo.

HELONEIDA (Tentando ser simpática) – Mas Jandira é tão...

AZEVEDO (Explodindo) – A-ZE-VE-DO! Não me chamem de Jandira, detesto esse nome. Vê se eu tenho cara de Jandira?

189

HELONEIDA – Tá bem, desculpa.

AZEVEDO – Se me chamar de novo de Jandira, não respondo por mim.

GENI (À parte) – Imagina!

AZEVEDO – E tem mais! Vamos acabar duma vez com essa frescura de ficar enfeitando esta cela. Isso aqui é uma prisão ou o quê?

HELONEIDA – Mas Azevedo... (Se constrangendo ao pronunciar o nome, à parte) Que vergonha...

AZEVEDO – Tá resmungando o quê?

HELONEIDA – Desculpa meu bem, eu olho pra sua cara e fico sem jeito de te chamar de Azevedo... é isso.

AZEVEDO – Que é que tem a minha cara?

HELONEIDA – Nada. Eu até que gosto da sua cara.

AZEVEDO – Sei, e daí?

HELONEIDA (Tentando ser simpática) – Você não acha, Geni, você não acha que Azevedo não é nome pra ela?

190

GENI – Francamente, não sei...

HELONEIDA (Feminina) – Azevedo, por gentileza, deixa eu te chamar de Jandira?

AZEVEDO (Possessa) – Você está brincando comigo?

HELONEIDA – Não, eu quero ser a última, juro...

GENI (Para Azevedo) – Quando a Heloneida cisma com uma coisa...

AZEVEDO – Chega! Se me chamar outra vez de Jandira, vai levar tanta bordoadada, tanto cacete,

que num instante você não vai passar dum coágulo de sangue.

GENI – Nossa!

HELONEIDA – Tá bem, Azevedo.

AZEVEDO – E chega de conversa. Daqui pra frente vocês vão cortar o doze comigo.

GENI – Eu também?

AZEVEDO – Você, principalmente.

GENI (Rindo) – Eu?!

191

AZEVEDO – Você sim, por quê? E não ri, não.

GENI (Séria) – Que foi que eu fiz?

AZEVEDO – Eu sei. Essa sua cara não me engana.

HELONEIDA – Por favor, não fala assim com ela, Azevedo.

AZEVEDO (Para Heloneida) – E você para de ficar toda hora repetindo o meu nome. Parece deboche.

HELONEIDA – Desculpa.

AZEVEDO (Para Heloneida) – E por que você se dói tanto por ela?

HELONEIDA – É que ela é tão frágil. (Tentando dialogar com Azevedo) Imagina, nem parece que ela foi lutadora de circo.

GENI (Censurando) – Heloneida!

AZEVEDO (Para Heloneida) – Que foi que você disse?

HELONEIDA – É. Ela foi lutadora de circo. Não parece um sonho?

192 AZEVEDO – Bem que eu estava desconfiando dessa cara.

GENI (À parte) – Santo Deus!

HELONEIDA – Que foi, Geni?

AZEVEDO (Para Heloneida) – Está vendo estes cinco dentes?

HELONEIDA – Perfeitos.

AZEVEDO – Postiços.

HELONEIDA – Que azar!

AZEVEDO (Para Heloneida) – E me pergunta quem foi? (Olha para Geni)

HELONEIDA (Olhando Geni desconfiada) – Não!

AZEVEDO – Pois é.

GENI (Sem graça) – Como esse mundo é pequeno.

HELONEIDA (Para Geni) – Você tirou a palavra da minha boca.

AZEVEDO (Com raiva) – E da minha também.

HELONEIDA (Para Azevedo) – Se você soubesse como ela mudou... (Geni consente humilde) 193

AZEVEDO – Isso tá na cara. (Pausa) Quem diria?

HELONEIDA – O quê?

AZEVEDO – Essa menina... se você visse... uns dez anos atrás...

HELONEIDA – Foi há tanto tempo assim?

AZEVEDO – Ou menos, sei lá. Essa mulher era uma peste... (Com raiva) Imagina... (Pega Geni pelo pulso e torce. Geni geme)

HELONEIDA (Para Azevedo) – Por favor... sem precipitação... é conversando que a gente se entende... (Azevedo larga Geni)

AZEVEDO – É como dizem: a justiça falha, mas não falta.

HELONEIDA – Que foi que aconteceu entre vocês duas?

AZEVEDO – Não quero nem lembrar.

HELONEIDA – Ah, não. Agora conta. Estou morrendo de curiosidade.

194 GENI – Pelo amor de Deus, não lembra essas coisas.

HELONEIDA (Para Geni) – Ah, não, Geni. Agora deixa ela contar.

GENI – Heloneida! Eu nunca pensei isso de você.

HELONEIDA – Não, Geni. Essa história eu faço questão de saber.

GENI (Para Heloneida) – Você também é uma peste... eu nunca esperava...

AZEVEDO (Para Geni) – Você cala a boca. Aqui quem manda sou eu.

HELONEIDA (Para Geni) – Desculpa, Geni.

AZEVEDO – E você também, não fica muito à vontade, não.

HELONEIDA – Desculpa. (Pausa)

AZEVEDO – Naquele tempo... antes de eu entrar para a Polícia Feminina... meu sonho era a luta livre... daí, um dia eu apareci no circo dessa aí pra procurar emprego... me arranjaram uma luta com ela. Eu, que lutava honestamente, fiquei até fora de mim, de tanta alegria. Ia ter a oportunidade de lutar com ela, que naquela época tinha fama de grande lutadora... Falsa! (Pausa) Eu quase morro quando me lembro... parece até que estou vendo eu e ela lá no pica-deiro central... (Para Heloneida, mostrando Geni) Olha pra cara dela... Você pode imaginar ela, me apresentando à plateia com uma simpatia que você não pode nem imaginar. Falsa! Nem bem começou a luta e lá vinha ela só de golpe baixo... (para Heloneida) Você sabe que numa luta livre feita com arte ninguém dá murro na cara do outro, não é? Mas ela deu. E usava um anel, de propósito. Ela me deu um murro tão forte que eu caí desmaiada, sem os cinco dentes da frente. Aí ela, que em vez de lutadora era uma verdadeira palhaça, jogou um balde d'água fria na minha cara. É claro que eu acordei na hora. E

ela, bancando a educada, se ajoelhou e apanhou os dentes que sobraram. Porque eu, por mal dos pecados, ainda acabei engolindo uns dois com o murro dela. (Mostra o estômago) Estão até hoje aqui dentro. Ela me entregou os dentes, me levantou muito educadamente e eu, com a cara de tacho, tive que sorrir para a plateia. Foi uma gargalhada só. E ELA recebeu todos os aplausos. Falsa!

HELONEIDA – Minha Nossa Senhora, Geni!

GENI (Reagindo) – Essa história não foi bem assim...

196

AZEVEDO (Possessa) – E cala a boca! E não diz uma palavra!

HELONEIDA – Essa história você nunca me contou, hein Geni? E eu que tinha outra ideia de você. Que maldade!

GENI – Sua peste! Fica puxando o saco da outra, fica. (Vira-se para Azevedo) Ela não parece uma santa? (Azevedo olha pra Heloneida que sorri, fingindo inocência) Manda ela te contar as histórias dela.

HELONEIDA (Inocente) – Imagina!

GENI (A Azevedo) – Manda ela te contar.

HELONEIDA – Imagina! Eu tenho a minha consciência tranquila.

AZEVEDO (Para Heloneida) – Tranquila? Pois é aí que você se engana.

HELONEIDA (Desconfiada) – Que é que você quer dizer com isso?

AZEVEDO – Calma minha filha. Depois a gente conversa.

HELONEIDA (À vontade) – Ah, não Azevedo, se a gente tem que conversar, vamos conversar agora.

197

AZEVEDO – O quê? Onde você pensa que está? Na sua casa? Aqui quem dá ordens sou eu.

HELONEIDA – Eu tinha me esquecido, desculpa.

AZEVEDO – No que depender de mim, vocês vão acabar loucas. (Azevedo sai)

HELONEIDA (Preocupada, falando consigo mesma) – Que é que ela quis dizer com isso? (Pausa) Geni.

GENI – Não fala comigo.

HELONEIDA – Que será que ela quis dizer? (Pausa) Não adianta pensar agora, Geni.

GENI – Nunca mais fale comigo.

HELONEIDA – Por quê?

GENI – Você ainda pergunta?

HELONEIDA – Que foi que eu fiz?

GENI (Possessa) – Olha aqui, essa mulher hoje me lembrou muito bem dos meus tempos de circo. Se você me encher a paciência eu vou te dar muita porrada.

198

HELONEIDA – Deixa de ser estúpida. Quando é que você vai raciocinar com a cabeça?

GENI – Que é que você quer dizer com isso?

HELONEIDA – Quando a Jandira começou a contar aquela história eu pensei: ou isso é uma verdadeira coincidência, ou nós estamos realmente num teatro. Aquela situação me pareceu muito teatral e bastou eu pensar em teatro pra ir logo tratando de escolher o meu papel: o da pérfida. Você acha que eu fiz bem? (Pausa. Geni não responde) É claro que você não vai responder. Você estava muito preocupada com o seu papel: o da

vítima. E sabe duma coisa? Você estava divina! (Olhando para a plateia) E a plateia nem aplaudiu... E a Azevedo? Podia ser melhor? Ninguém me tira da cabeça que a Azevedo também gosta muito de teatro... (Pausa). Geni!

GENI – O quê?

HELONEIDA – Vem cá.

GENI (Mal-humorada) – Não.

HELONEIDA – Por que, Geni?

GENI – Isso que você fez não se faz.

199

HELONEIDA – Ora meu anjo, o que eu fiz foi uma espécie de relações públicas...

GENI – Sei.

HELONEIDA – Foi sim. Eu fingi que estava contra você e do lado da outra...

GENI – Você fingiu nada. Você estava mesmo puxando o saco da outra.

HELONEIDA – Parece que você não entendeu...

GENI – Eu entendi muito bem.

HELONEIDA – Eu estava fingindo... só pra aquilo não acabar em briga... se eu tivesse te defendido ela tinha batido em nós duas... então eu fingi, e nada aconteceu.

GENI – Estou me sentindo humilhada.

HELONEIDA – Esquece, bobinha. Você acha que eu acreditei naquilo que ela contou de você?

GENI – Você não acreditou?

HELONEIDA – Mas claro que não. Você acha que eu era capaz de acreditar que você fosse capaz de tanta maldade?

200

GENI – Mas era verdade.

HELONEIDA – Mentira!

GENI – Era verdade mesmo. Sou muito honesta pra reconhecer que naquele tempo eu era uma peste.

HELONEIDA – Santo Deus!

GENI – Mas isso era naquele tempo. Eu mudei muito.

HELONEIDA – Ainda bem.

GENI – Hoje, quando eu me lembro do que eu fui naquela época é que eu sinto o quanto o tempo passou.

HELONEIDA – Por quê?

GENI – Porque eu não sou mais a mesma.

HELONEIDA – Mas isso é normal.

GENI – O quê?

HELONEIDA – O tempo muda as pessoas, até mesmo as coisas.

GENI – Quer dizer que eu não sou mais a mesma? 201

HELONEIDA – Não sei, eu digo isso por mim.

GENI – Como?

HELONEIDA – Eu sinto que também eu não sou mais a mesma.

GENI – Quer dizer, se eu não sou mais a mesma, logicamente eu não sou mais culpada pelo que fiz em outra época, não é assim?

HELONEIDA – Mais ou menos.

GENI – Então eu posso esquecer.

HELONEIDA – O quê?

GENI – Todas as maldades que eu fiz.

HELONEIDA – Também não é assim. Pra gente mudar mesmo, é preciso lembrar e compreender.

GENI – Não é mais fácil a gente esquecer?

HELONEIDA – É muito mais fácil.

GENI – Então, pra que lembrar?

HELONEIDA – Justamente pra compreender.

202

GENI – O quê?

HELONEIDA – O verdadeiro sentido da vida.

GENI – Como é difícil. (Pausa)

HELONEIDA – Geni, bem que você podia cantar um pouco pra mim.

GENI – Agora?

HELONEIDA – Canta.

GENI – Por que justamente agora? Ah, eu não estou com vontade.

HELONEIDA – Por favor, Geni?

GENI – Tá bem. (Se prepara e começa a cantar)
Que manhã maravilhosa / Brilha o sol no céu de anil / As abelhas... (Heloneida começa a chorar baixinho)

GENI – Por que você está chorando?

HELONEIDA – Estou me lembrando...

GENI – Lembrando o quê?

HELONEIDA – De tudo o que eu podia ter feito, todas as coisas proibidas, todas as maldades que eu não fiz e por isso eu choro...

203

GENI – Ainda tem tempo.

HELONEIDA – Não, Geni, agora já é tarde.

GENI – Não fica assim, Heloneida.

HELONEIDA – Mas eu não estou triste. Estou até contente. Não parece absurdo?

GENI – Francamente, não sei o que pensar.

HELONEIDA – Estou contente porque você está aqui comigo.

GENI – Você acha?

HELONEIDA – Mas claro. Você não está contente?

GENI – Contente por quê?

HELONEIDA – Por isso.

GENI – Francamente, não sei.

HELONEIDA – Não. Você está contente, sim. Está sim. E eu estou ainda mais feliz por isso. (Heloneida está feliz) Imagina! Olha as minhas mãos (Heloneida mostra as palmas das mãos para Geni) Estão suadas. Estou transpirando de alegria. Sabe, Geni, nós duas, eu e você, estamos vivas.

204

GENI – Engraçado, quando você fala assim eu sinto uma coisa esquisita aqui dentro. (Mostra a barriga) Uma espécie de febre, não sei explicar.

HELONEIDA – É assim mesmo. (Pausa) Me diz uma coisa, Geni: Você me acha atraente?

GENI – Acho.

HELONEIDA – Você jura?

GENI – Juro mesmo.

HELONEIDA (Desconfiando) – Deixa eu ver. (Apanha um espelho e fica se olhando um pouco) Eu

adoro o espelho. Antigamente, antes de tomar qualquer decisão, eu ficava horas me olhando... me dava uma segurança... parecia que eu via a minha alma no espelho... (Pausa) Me diz uma coisa, Geni: Você me adora?

GENI (Sem jeito) – Adoro.

HELONEIDA – Viu, eu não disse? (Com toda segurança) Diante do espelho, de olhos bem abertos, eu me sinto capaz de tudo.

GENI – E você também me adora?

HELONEIDA – Bem, adorar, adorar... (Numa atitude de superioridade, sem tirar os olhos do espelho, finge pensar antes de responder e depois, complacente) Às vezes... eu... gosto muito de você.

205

(Luz vai baixando devagar)

CENA 2

(Estão em cena Heloneida e Geni. Heloneida está acabando de pintar a cúpula. Geni está com fome)

GENI – Estou pra morrer, de tanta fome.

HELONEIDA (Sem ouvir, está orgulhosa do seu trabalho) – Pronto, acabei. Pensava que não ia acabar nunca mais. Também não é mole pintar essas florzinhas...

GENI – Estou morrendo de fome.

HELONEIDA (Mostrando a cúpula a Geni) – Você gosta, Geni?

GENI (Com a mão no estômago, com fome) – Por que você não deixa a outra, mesmo?

HELONEIDA – Imagina! Você acha que eu ia ter esse trabalho à toa?

GENI – Não sei como a Azevedo ainda não levou esse chapéu.

HELONEIDA – Isso não é chapéu Geni, é uma cúpula.

GENI – Eu sei, mas é que eu tenho medo de dizer essa palavra. Já entrei em muita fria por causa dela.

HELONEIDA – Como assim?

GENI – Em vez de dizer cúpula, sempre digo cópula.

HELONEIDA – Não liga pra isso. Isso acontece com muita gente. (Pausa) Deixa eu trocar. (Tira a cúpula velha e põe a nova) Bom, assim está bem melhor.

GENI – Estou com uma fome!

HELONEIDA – Que coisa feia, Geni, você só pensa em comer... (Olhando a cúpula) Que é que você acha?

GENI – Não vejo a menor diferença... estou morrendo de fome. (Explodindo de repente) Não aguento mais essa prisão.

207

HELONEIDA – Como você é fraca, Geni! Eu, que sou eu, nem penso em comer... podia até passar o resto da vida sem comer...

GENI – Dá licença de eu ter fome?... Já faz dez dias que a gente não come... eu já não aguento mais...

HELONEIDA – Não diz uma bobagem dessa... é até pecado. Eu nem penso em comer... (Olha para o céu) Tenho outras coisas mais importantes pra pensar...

GENI – Mas eu estou morrendo de fome, Heloneida, dá licença.

HELONEIDA – É por isso que a humanidade é tão infeliz. Só pensa em comer, comer, comer... isso não acaba nunca.

GENI – Que é que você quer que eu faça?

HELONEIDA – Se eu fosse chorar por isso... Tudo está muito bom para mim. (Pausa) Eu não me queixo de nada. Você se lembra do tempo das vacas gordas, quando a gente podia se dar ao luxo de ter aqui, nesta cela, vinho francês, queijo camembert e até pickles, os meus pickles que eu tanto amava?

208

GENI – Não fala nisso, Heloneida.

HELONEIDA – A vida é assim mesmo: Você já leu o Eclesiastes?

GENI – Você se esquece que eu fui protestante?

HELONEIDA – E então? É o próprio Eclesiastes quem diz: *Tem o tempo das vacas magras, o tempo das vacas gordas e depois, outra vez, o tempo das vacas magras...*

GENI – Você é muito conformada.

HELONEIDA – Eu não sou conformada, não meu anjo... eu sou é otimista.

GENI (Irritada) – Tá bem, Heloneida... fica combinado assim.

HELONEIDA – Se eu fosse chorar pelo que eu perdi nessa vida, eu nessas horas não passava dum vale de lágrimas. Mas eu não, nem penso nisso. Quando a Azevedo levou as nossas coisas, eu nem liguei. Você viu que eu nem toquei no assunto... tive até a impressão de ter atingido um grau de superioridade.

GENI – Que fome.

HELONEIDA – Cada vez que eu perco uma coisa que eu gosto muito eu fico até feliz, pois tenho a impressão de que ganhei outra e até dou graças, mas graças mesmo, ao nosso pai eterno por isso. Cada vez eu compreendo mais o verdadeiro sentido da vida. Acho até que, se eu morresse agora, ia direto pro céu.

209

GENI – Só porque você não sente fome? Quer dizer que, quem tem fome, se morrer de fome vai pro inferno?

HELONEIDA (Irritada) – Não é isso, Geni, tem hora que você me desespera... você leva tudo ao pé da letra.

GENI – Que é que você quer dizer com isso?

HELONEIDA – Deixa pra lá, desiste. Tem hora que você me lembra meu irmão.

GENI – Que irmão?

HELONEIDA – O meu irmão, Geni, ora...

GENI – Você nunca me falou desse seu irmão.

HELONEIDA – Geni, sua cabeça de vento, eu vivo falando do meu irmão. Não falo de outra coisa. O Hermann se parecia muito com você.

GENI – Quem?

210 HELONEIDA – O Hermann, Geni. O meu irmão. Vê se presta atenção.

GENI – Que fome!

HELONEIDA – O meu irmão era assim... vivia com fome... até parece que tinha o estômago furado. Quando eu tentava mostrar a ele que nessa vida tem coisas mais importantes do que comer, ele me perguntava: *O que, por exemplo?* Aí eu ficava tão possessa que não sabia responder, e só de raiva uma vez eu disse pra ele: *Olha aqui Hermann, enquanto você não compreender o que eu quero dizer eu não te dou comida.* E não dava mesmo. É de pequenino que se torce

o pepino... esse ditado eu aprendi com uma freira. Portanto...

GENI – E quantos anos tinha esse seu irmão?

HELONEIDA (Culpada) – 16.

GENI – Que maldade, Heloneida. Na idade dele você fazer uma coisa dessa.

HELONEIDA – Se você conhecesse o meu irmão. Eu só queria o seu bem. Ele parecia um santo. Toda vez que eu olhava pra ele eu me lembrava de São Francisco de Assis. A única coisa que estragava era aquela fome. Os meus pais morreram quando o meu irmão nasceu.

211

GENI (Espantada) – Do parto?

HELONEIDA (Impaciente) – Não, Geni, de alegria. Morreram de alegria.

GENI – Que coisa absurda.

HELONEIDA – Se você conhecesse o meu irmão...

GENI – Que fome!

HELONEIDA – Eu era muito mais velha que o meu irmão. Era que nem uma mãe pra ele. Eu ensinei tudo a ele e nunca deixei que ele se aproximasse

desse mundo depravado que a gente vive. Mas ele era um fraco... vivia com fome.

GENI – Estou sentindo umas pontadas no estômago.

HELONEIDA – Aí eu dei a vida de São Francisco de Assis pra ele ler... Tranquei o Hermann num quarto e disse: *Você vai ficar aí trancado lendo a vida de São Francisco até compreender que tem coisas mais importantes do que a fome...* Sabe, Geni, São Francisco era um moço muito rico que levava uma vida boêmia e desregrada até que um dia descobriu Deus e o verdadeiro sentido da vida, e aí deixou a família, tudo, fez voto de pobreza e de fome e saiu por aí, pregando o amor e a bondade a todo mundo. Eu também queria preparar o meu irmão pra que um dia ele também saísse por aí espalhando o amor e a bondade...

GENI – Uma coisa que eu não entendo...

HELONEIDA – O quê?

GENI – Você não disse uma vez que detestava a humanidade inteira?

HELONEIDA – Eu disse?!

GENI – Eu me lembro muito bem. Você até disse que estava aqui, presa, só pra ficar bem longe da humanidade que você detesta.

HELONEIDA – Mas eu disse isso?

GENI – Eu me lembro como se fosse hoje.

HELONEIDA – Onde eu estava com a cabeça. Imagina... (Para a plateia) Eu amo a humanidade, e se eu me afastei dela é porque as pessoas não estavam preparadas pra me compreender. Eu aceitava todo mundo, os outros é que não me aceitavam, e pra não ser desagradável eu me afastei. Foi isso... tanto que uma vez quando o Hermann...

213

GENI – Quem?

HELONEIDA (Suspira impaciente) – O meu irmão, Geni! Uma vez, trancado no quarto com o livro de São Francisco, ele chorava de fome, aí eu abri a porta e disse: *Você me desculpa, mas eu só vou te dar comida quando você compreender...* E não dava mesmo. Até que um dia eu abri a porta... eu nem gosto de lembrar... e encontrei ele morto...

GENI – Meu Deus!

HELONEIDA – Fiquei com tanto remorso... (Realista) mas foi melhor assim. Se ele continuasse

vivo, ia sofrer muito... era muito fraco... Ele era tão bonito, Geni. O que eu mais gostava nele eram as orelhas...

GENI – ...

HELONEIDA – As orelhas dele eram enormes... assim...

GENI – Nossa!

HELONEIDA – E bem abertas... pareciam duas flores desabrochadas... ele era pálido – também não saía de casa – mas as orelhas dele eram coradas... se eu não conhecesse meu irmão eu podia dizer que eram coradas de ódio.

214

GENI – Tadinho!

HELONEIDA – Eu adorava brincar com as orelhas dele... (Alegre) ele sentia cócegas... mas ele também gostava... ele até pedia pra eu brincar com as suas orelhas... até dormir... (Suspirando) Ah, Geni, se você conhecesse o meu irmão... eu pensava: *Puxa, meu Deus, com duas orelhas dessas por que é que ele não ouve o que eu digo?*

GENI – Nem sei o que pensar... (Pausa) estou desmaiando de fome. (Barulho de chave abrindo a cela. Entra Azevedo com dois pratos de sopa e dois pães secos. Geni corre e apanha a sua)

AZEVEDO – Calma, que o Brasil é nosso!

GENI (Decepcionada) – Sopa outra vez!.

AZEVEDO (Para Geni) – E não reclama. não. Você queria o quê? Filé com fritas? (Para Heloneida) Toma! Que é que você está esperando?

HELONEIDA – Não, muito obrigada, eu não estou com fome.

AZEVEDO – O quê?

HELONEIDA – Não estou mesmo. E depois, estou precisando fazer regime.

215

AZEVEDO – Toma essa sopa, minha filha, e deixa de frescura.

HELONEIDA – Mas eu não quero, Azevedo.

AZEVEDO – O que você diz não se escreve. Anda, toma a sopa.

HELONEIDA (Irritada) – Dá licença de eu não querer, Azevedo?

AZEVEDO (Empurrando a sopa) – TOMA! (Heloneida pega a sopa e começa a tomar) Depois, de noite, fica aí, me gritando de fome.

HELONEIDA (Fingindo surpresa) – Eu?!

AZEVEDO – Que cara é essa? Você mesma. Fica aí, de madrugada, gritando, dizendo que está com fome. Me acordando, me tirando do meu sono sagrado. Hoje você vai tomar toda essa sopa. Você pensa que eu não te manjo? Você enjeita a sopa e chega de madrugada começa a gritar... eu acordo e venho ver o que é e você fica aí chorando e os cambaus. Aí, como não tem mais sopa, eu sou obrigada a te dar as minhas reservas, os meus picles, a minha compota de goiaba e o meu queijo catupiri. Não, nada disso. Daqui pra frente, você vai ter que tomar a sopa na marra. Nem que eu tiver que usar uma sonda.

216

HELONEIDA (Infantil) – Que sopa nojenta. (Durante esta cena Geni está desligada, tomando a sopa gulosamente)

AZEVEDO – E não reclama, não! Não reclama que eu corto o seu cabelo. (Chacoalha o cabelo de Heloneida) Nossa mãe, quanta caspa... encheu a sopa.

HELONEIDA – Eu não tenho caspa...

AZEVEDO – Não tem caspa. Olha! (Chacoalha o cabelo de Heloneida) Parece uma tempestade de neve... olha!

HELONEIDA – É mentira. Eu só lavo a minha cabeça com xampu.

AZEVEDO – Ah, é? E onde é que você consegue xampu aqui na ilha... me dá o endereço?

HELONEIDA – É o Carcereiro quem me traz.

AZEVEDO – Não diga! E como é que é esse Carcereiro que você não me apresenta?... É assim alto, louro, bonito... alemão?

HELONEIDA – Não, não é alemão não... é filho de italiano, pra seu governo.

AZEVEDO – Sim senhora! A senhora com um bonito aí escondido e eu aqui jogada fora. 217

HELONEIDA – Deixa de ser criança, Azevedo... você sabe quem é.

(Geni, que acabou de tomar a sopa, sempre desligada, pega dois sorrisais, dois copos d'água, espera – suspirando – dissolver, toma um, e leva o outro a Heloneida. Heloneida não vê o copo. Está discutindo com Azevedo)

AZEVEDO – Não, você está enganada, eu não conheço...

HELONEIDA – Ora Azevedo, você conhece sim.

AZEVEDO (Bruscamente possessa) – Ah, é? Você me gozou, não gozou? Agora, só de vingança eu vou levar tudo que vocês têm aqui.

GENI (Como se despertasse) – O quê?

AZEVEDO (Pegando os objetos) – É... agora, vocês duas vão ver com quantos paus se faz uma canoa.

GENI – Mas o que foi que eu fiz?

AZEVEDO – Você sabe.

GENI – Eu?

218 AZEVEDO – É, você mesmo. E eu não lhe devo nenhuma explicação. Você se lembra da época do circo?

HELONEIDA – Que é isso? Deixa de ser saudosista, Azevedo.

AZEVEDO – Isso não é saudosismo não, minha filha, é vingança mesmo.

HELONEIDA (Corajosa) – O meu consolo, Azevedo, é que você também mais cedo ou mais tarde vai receber o castigo que merece.

AZEVEDO (Surpresa e possessa) – O quê?

GENI – É isso mesmo.

AZEVEDO (Tirando um chicote da cintura e estalando-o no ar. Para Heloneida) – REPETE!

HELONEIDA – Não. Você ouviu muito bem.

AZEVEDO – Então eu já sei o que é que eu vou pegar. Eu estava fingindo que esquecia o espelho – de pena de vocês – mas agora... (Vai até o espelho. Corre e pega o espelho) Não!

AZEVEDO – Nada disso. Me dá o espelho, anda! (Azevedo está com as mãos cheias de coisas, os objetos da cela)

219

HELONEIDA – Leva o que você quiser, Azevedo, mas o espelho nem pensar... O espelho eu não dou.

AZEVEDO (Explodindo) – Que não dá, o quê! (Para Geni) Segura isso aqui. (Dá os objetos para Geni segurar. Geni recusa.)

GENI – Não. Isso eu não faço.

AZEVEDO – Não faz? Então eu vou te levar pro pau de arara. Vou te deixar bem esticada.

GENI (Ponderando) – Bom, nesse caso eu seguro. (Azevedo dá os objetos a Geni)

AZEVEDO – Assim é que eu gosto (Entregando os objetos. Para Heloneida) Agora me dá o espelho.

HELONEIDA – Pelo amor de Deus, Azevedo, deixa eu ficar com o espelho.

AZEVEDO – Nada disso. O que eu puder fazer pra acabar com a festa de vocês, eu faço.

HELONEIDA – É a única coisa que eu te peço.

220 AZEVEDO – Pois esse prazer eu não te dou. Me dá imediatamente o espelho senão eu te meto a mão na cara. (Arranca o chicote e o estala no ar. Heloneida desanimada entrega o espelho) Assim. (Pausa) Pra que é que você quer o espelho?

HELONEIDA – Pra que é que você acha que eu quero o espelho? Pra me ver nele.

AZEVEDO – Só pra isso?

HELONEIDA – É. pra me arrumar pra quando o Carcereiro vier me visitar.

AZEVEDO – Chega de brincadeira. Que mania essa sua de Carcereiro... Esse Carcereiro não existe.

GENI – Não existe?

AZEVEDO – Claro que não, meu anjo. Onde já se viu prisão feminina com Carcereiro. Por que é que vocês iam ter essa colher de chá?

HELONEIDA – Me deixa o espelho?

AZEVEDO – A única pessoa que vem visitar vocês sou eu e pra mim vocês não precisam de se enfeitar.

GENI – Você está perdendo a esportiva, Azevedo.

AZEVEDO – Não meu bem. Eu detesto vocês duas. Vocês são muito metidas. Eu vou acabar com essa segurança.

221

GENI – Se eu soubesse, eu tinha quebrado esse espelho e retalhado a sua cara com um caco.

HELONEIDA (Chocada) – Não diga isso, Geni.

GENI – Digo sim.

AZEVEDO (Debochando) – Coisa boa! Quem mandou ser burra e não pensar nisso antes. Agora é tarde... (Saindo) No que depender de mim, vocês vão acabar é loucas. (Sai)

GENI – Desgraçada.

HELONEIDA – Peste.

GENI – Também, a próxima vez que ela entrar aqui eu vou chamar ela de Jandira.

HELONEIDA – Não brinca, Geni.

GENI – E chamo mesmo. Jandira. Quero ver.

HELONEIDA – Nem pensa nisso. Ela acaba com a nossa raça.

GENI – Que nada. A Jandira eu conheço. Deixa pra mim.

HELONEIDA – Ela é muito perigosa, Geni. Eu morro de medo daquele chicote.

222

GENI – Que nada. Aquele mata-mosca é só pra impressionar a gente. A Jandira não é de nada. (Barulho de chaves. Entra Azevedo)

AZEVEDO – Que discussão é essa?

HELONEIDA (Simpática) – Que é que você veio fazer, Azevedo? Não tem mais nada pra você levar.

AZEVEDO – Não é da sua conta. (Apanha os pratos de sopa e vê o copo com sorrisal que Heloneida não tomou) Você não vai tomar o seu sorrisal?

HELONEIDA – Não, muito obrigada.

AZEVEDO – Está bem. (Para Geni) Então toma você.

GENI – Mas eu já tomei o meu.

AZEVEDO – Mas vai tomar o outro.

GENI – Mas eu não quero.

AZEVEDO (Prepotente) Toma. (Geni toma) Assim é que tem que ser. Me obedecendo vocês só têm a ganhar. (Sai)

HELONEIDA (Rindo) – A Azevedo é tão engraçada. No fundo eu até gosto dela.

223

GENI (Possessa) – Falsa!

HELONEIDA (Ainda rindo) – Que é que foi, Geni?

GENI – Você, com essa mania de superioridade... é só a Azevedo entrar aqui que você logo mija pra trás.

HELONEIDA – Que é que você queria que eu fizesse?

GENI – Sei lá. Se você fosse outra, a gente já tinha acabado com a alegria dela. Mas você, não! Fica aí, se mijando de medo.

HELONEIDA (Chocada) – Que é isso, Geni? Onde você pensa que nós estamos?

GENI – Dane-se! Não quero nem saber. Só quero me mandar desta merda!

HELONEIDA – Geni!

GENI – É isso mesmo!

HELONEIDA – Respeita a plateia, Geni. Não diz palavrão. Você já esqueceu que agora você é uma moça fina?

GENI – ... só queria me mandar daqui.

224

HELONEIDA – Pra onde?

GENI – Sei lá... pro inferno mesmo... não quero nem saber... eu não posso é ficar parada... o que eu quero é movimento.

HELONEIDA – Nossa, Geni, você está cada vez pior.

GENI – Que é que você quer dizer com isso?

HELONEIDA – Esquece, meu anjo. (Pausa) Estou numa solidão... Antigamente a gente se comunicava tanto. Eu falava, você me ouvia... você falava, eu ficava te ouvindo, era tão bom. Ultimamente eu fico falando sozinha e você

também. A gente não se ouve mais... nos últimos dias eu tenho me cansado à toa.

GENI – Eu também estou pregadona. (Pausa) Isso aqui está ficando insuportável.

HELONEIDA – Por que será que a Azevedo foi levar as nossas coisas? Isso aqui não está mais parecendo um lar. Do jeito que está eu também não vou aguentar ficar aqui muito tempo. Afinal de contas, na época do ginásio a minha matéria predileta era Geografia.

GENI (Corrigindo) – Economia Doméstica.

HELONEIDA – É. Desculpa. Geografia era a sua. (Introspectiva) Como era mesmo o nome da minha professora?

225

GENI – Ela não se parecia com uma artista?

HELONEIDA – É verdade. Mas com qual artista? Com a Dorothy Malone? Com a Olivia de Havilland?

GENI – Não. Acho que não era essa.

HELONEIDA – Com a Lana Turner? Não, a Lana é muito moça... ainda outro dia a filha da Lana matou o namorado da Lana... Não, não era a Lana... era uma mais antiga, do cinema mudo.

GENI – Não era Theda Bara?

HELONEIDA – É... eu acho que sim. Ela até apareceu nua num filme.

GENI – A Theda Bara?

HELONEIDA – É. Ela mesmo.

GENI – Misericórdia!

HELONEIDA – Estou sentindo umas tonteiras, uma vontade de vomitar...

GENI – Foi a sopa. Você não tomou o sonrisal.

226

HELONEIDA – É mesmo.

GENI – Em compensação eu já estou com fome de novo.

HELONEIDA – Por quê?

GENI – Porque, além de eu ter tomado o meu sonrisal, a Azevedo ainda me obrigou a tomar o seu, e com isso eu fiz a digestão depressa.

HELONEIDA – Com todas essas irregularidades, eu nem sei como é que a gente continua viva. Às vezes tenho a impressão de que estamos nós duas sozinhas no mundo.

GENI – Meu Deus!

HELONEIDA – Me diz uma coisa, Geni. Você acredita em Deus?

GENI – Não acredito, mas morro de medo.

HELONEIDA – De Deus?

GENI – Não Heloneida, de estar sozinha no mundo.

HELONEIDA – Mas você não está sozinha, eu estou aqui com você.

GENI – Mesmo assim eu estou me sentindo tão sozinha...

227

HELONEIDA – Sabe, Geni, às vezes eu penso que estou num purgatório, mas com os últimos acontecimentos eu tenho quase a certeza de estar no inferno mesmo.

GENI – É isso que eu não entendo.

HELONEIDA – O quê?

GENI – Por causa dos nossos crimes a gente não devia estar no inferno?

HELONEIDA – Eu tenho pensado muito nisso ultimamente.

GENI – E então?

HELONEIDA – Mas acho que nós estamos é numa prisão.

GENI – Por quê?

HELONEIDA – Porque nós estamos vivas.

GENI – Você tem certeza?

HELONEIDA – De quê?

GENI – De que estamos vivas?

228 HELONEIDA – Não, Geni. Certeza eu não tenho. Eu nunca, durante toda a minha vida, nunca tive certeza de nada. Só dúvidas... isso é que é pior.

GENI – A gente estar viva?

HELONEIDA (Suspirando) – Não, meu anjo. A gente não saber se está viva ou morta.

GENI (Assustada) – Então a gente precisa de ver isso. Se não, a gente não pode saber se está num purgatório, num inferno ou numa prisão...

HELONEIDA – Mas ao mesmo tempo eu me pergunto...

GENI – O quê?

HELONEIDA – Será que precisa a gente estar morta para estar no inferno?

GENI (Com raiva). Não me faça esse tipo de pergunta. Você sabe que eu não sei responder.

HELONEIDA – Não seja agressiva, Geni. Eu fiz essa pergunta a mim mesma.

GENI – E então?

HELONEIDA – Não sei, Geni... de repente eu não sei de mais nada.

229

GENI – Estou tão confusa.

HELONEIDA – Esquece. (Pausa) Chega aqui.

GENI – Que é que você quer?

HELONEIDA – Me diz uma coisa. Como é que está a minha cara?

GENI – Normal.

HELONEIDA – O que é que você quer dizer com isso?

GENI – Não mudou nada.

HELONEIDA – Você tem certeza?

GENI – Certeza, certeza eu não tenho.

HELONEIDA (Desanimada) – Então não adianta.

GENI – Que é que eu posso fazer? Eu também já não tenho certeza de nada...

HELONEIDA – Você também já não é mais a mesma.

GENI – Você também.

HELONEIDA – O quê?

230

GENI – Já não é mais a mesma.

HELONEIDA – Essa é que é a verdade. É dura, mas a gente vai ter que assumir. Quando a gente se conheceu aqui nesta cela... a gente era tão estranha... eu não sabia nada de você e você não sabia nada de mim... depois... com o tempo a gente foi se descobrindo... você me contava as suas histórias e eu te contava as minhas... a gente se ouvia... era divertido mesmo... as nossas vidas foram tão ricas de experiências... nós nos aguentamos durante muito tempo por causa das nossas experiências passadas. Agora acabou... a gente não tem mais nada pra contar... é essa a

verdade... agora é que eu vejo como nós somos diferentes... estou me sentindo tão sozinha sem o meu espelho...

GENI – O espelho?

HELONEIDA – É. A Azevedo levou. Como é que eu vou me aprontar agora quando o Carcereiro vier me ver?

GENI – Mas o Carcereiro não existe.

HELONEIDA – Como é que você sabe?

GENI – Foi a Azevedo quem disse, você não se lembra?

231

HELONEIDA – E você acredita nela?

GENI – Por que é que eu não vou acreditar?

HELONEIDA – Por que é que você acredita nela, e não em mim?

GENI – A Azevedo é mais realista.

HELONEIDA – A Azevedo quer ser mais realista que o próprio rei. (Pausa) Isso aqui está ficando insuportável...

GENI – É por isso que eu quero ir embora.

HELONEIDA – Você vê... a gente não está mais se entendendo como antes... acho que agora acabou... vai chegar um dia em que a gente vai ficar muda... sem mais nada pra dizer... aí quem sabe se finalmente eu não vou conseguir aquilo que eu sempre quis... o meu isolamento total... (Pausa) Que solidão, Meu Deus... eu não aguento mais viver sem as minhas coisas... primeiro o peixinho...

GENI – Que foi que você disse?

232 HELONEIDA – Não... nada, eu estava só me lembrando... primeiro o peixinho... ele morreu naquele verão... o último que eu fui à praia... (Mostra o umbigo a Geni) Olha!

GENI (Censurando) – Nossa, que coisa feia!

HELONEIDA – Mas eu gosto... só tenho coragem de mostrar pra você... o meu peixinho ficava aqui... quando eu ia à praia... enchia o meu umbigo de água doce e punha o meu peixinho dentro... fazia uma cócega gostosa... depois ele morreu... (Pausa) Que solidão... depois o meu irmão... o Hermann... as orelhas dele eram grandes... assim (Mostrando).

GENI – Nossa!

HELONEIDA – Eu fazia cócegas nas orelhas de meu irmão... os olhos dele brilhavam de felicidade, mas ele também morreu... aí eu fiquei sozinha, eu que sempre fui indiferente a tudo... por isso eu brincava... a minha fantasia... eu tinha medo de sair de casa... das notícias dos jornais... medo de que acontecia no mundo... mas ao mesmo tempo eu gostava de estar viva... inventar coisas... o Piolho.

GENI – Quem?

HELONEIDA – O Piolho, Geni. Por que essa cara?

GENI – Não Heloneida, o Piolho não.

233

HELONEIDA – O Piolho, sim, Geni.

GENI – O Piolho não. O meu palhaço não... o Piolho não...

HELONEIDA – Eu inventei o Piolho, Geni.

GENI – Mentira. Essa história... quem te contou... fui eu... o Piolho é meu...

HELONEIDA – Quem sabe se não fui eu quem te contou essa história... tanto faz... você se lembra...

GENI – Não, Heloneida...

HELONEIDA – ... A gente brincava...

GENI – Eu não quero mais brincar, Heloneida... não faz isso comigo... essa história é minha... um dia... você lembra... eu peguei gasolina e joguei no circo... o circo estava cheio de gente... era domingo... aí... você lembra que eu risquei o fósforo... você lembra...

HELONEIDA – Não, Geni... essa história...

GENI – Você lembra... O Piolho... eu gostava tanto dele... ele tinha as orelhas grandes... assim... vermelhas...

234 HELONEIDA – Não, Geni... você está inventando...

GENI – ... Eu passeava com ele pelo campo... ele deitava no meu colo e dormia... ele dormia e era eu quem sonhava... eu enfeitava as orelhas dele com flores, flores do campo... eu quero o Piolho, eu quero o Piolho... eu quero... eu quero... eu quero ir embora... eu quero fugir... eu quero fugir daqui...

HELONEIDA – Mentira, Geni... tudo mentira... esse Piolho nunca existiu... esse circo nunca existiu...

GENI – Eu quero fugir daqui... eu quero fugir daqui...

HELONEIDA (Gritando) – Para com isso. Você só fala em fugir, sumir desaparecer... fugir é fácil... é só você fechar os olhos... por que é que você pensa que eu estou aqui?... eu também queria fugir... eu vivia querendo fugir... eu tinha que fugir... eu tinha que fugir... (Pequena pausa)... por isso eu estou aqui... fugir é fácil...

GENI – Não quero nem saber... não me venha com essa... mas o Piolho é meu.. não vem não...

HELONEIDA – Que é que adianta, Geni?

GENI – Não... eu quero ir embora...

HELONEIDA – De repente eu me sinto vazia... no fim mesmo...

235

GENI – Mas eu não... eu estou muito viva... eu tenho esperança... eu vou fugir...

HELONEIDA – Mas pra quê, Geni?

GENI – Sei lá... as minhas pernas estão duras de tanto ficar parada... eu quero correr... eu vou me mandar... e é agora... (Sai pela plateia)

HELONEIDA – Você não pode fugir... isto aqui não tem saída Geni...

GENI (Da plateia) – Mas eu acho... eu acho uma saída...

HELONEIDA – Não adianta, Geni... Isso aqui é um hospício... está cheio de gente lá fora... eles vão fazer maldade com você....

GENI – ... eu quero ir embora... onde é que está a porta?... será que estou ficando louca?... onde é que está a porta?...

HELONEIDA – Não adianta, Geni... isso aqui é uma prisão... está cheio de guardas lá fora... eles vão te dar choque elétrico, Geni... vão te pôr na camisa de força... Volta...

236 GENI – Não... agora eu quero ir embora... eu não aguento mais...

HELONEIDA – Não adianta, Geni... você não pode fugir... Isto aqui é um teatro, Geni... (As luzes da plateia se acendem)

GENI (Desesperada no meio da plateia) – Me ajuda, Heloneida... me ajuda...

HELONEIDA – Eu não posso, Geni... eu não posso fazer nada... a gente vai ter que ficar junta até o fim... até a morte...

GENI (Gritando) – Não, Heloneida, eu não quero... me ajuda...

HELONEIDA – Não, Geni... eu não posso fazer nada... você não pode fugir... Volta, Geni. (Barulho de chaves. Entra Azevedo com os braços cheios de papel crepom de todas as cores)

AZEVEDO – Mas que gritaria é essa? Trouxe trabalho pra vocês. (Dando pela falta de Geni) Cadê a outra?

HELONEIDA – Hein?

AZEVEDO – Cadê a outra?

HELONEIDA – Fugiu.

AZEVEDO (Sem perturbar-se) – Ah, é? Por onde?

237

HELONEIDA – Por ali. (Mostra a plateia)

AZEVEDO – Ah, sei. Então não tem problema... (Vai até a boca de cena) Geni! (Pausa. Berrando) Geni! (Pausa) VOLTA PRA CÁ! (Pausa) Você não vai voltar? Então eu vou aí te buscar de chicote. (Desce para a plateia atrás de Geni)

HELONEIDA (Procurando a Geni com os olhos. Da boca de cena) – Geni, meu anjo, é melhor você voltar... senão a Azevedo te machuca...

GENI – Não, eu quero ir embora...

AZEVEDO (Da plateia) – Ah, você está aí... espera que eu vou te pegar... (Sai correndo atrás de Geni. Geni volta correndo para o palco. Azevedo atrás. Geni sobe para o palco, desanimada) Você vai querer ficar fugindo a vida inteira? Daqui você não sai nunca mais. E não quero mais brincadeira comigo. Agora vocês vão ter que trabalhar pra cachorro. (Pausa)

GENI (Preocupada) – Me diz uma coisa, Azevedo.

AZEVEDO – Fala.

GENI – Que é isso aqui, hein?

238

AZEVEDO – Isso, o quê?

GENI – Esse lugar aqui... que a gente está?

AZEVEDO – Por que é que você quer saber... que mania é essa de querer saber tudo... eu que estou aqui há 14 anos, não sei!

HELONEIDA (Espantada) – 14 anos?!

AZEVEDO – 14 anos, sim... que cara é essa? 14 anos contadinhos na folhinha... dia por dia...

HELONEIDA – Você gosta tanto assim daqui?

AZEVEDO – O problema não é gostar ou não gostar... em qualquer lugar eu tinha que trabalhar

do mesmo jeito... quem sou eu pra escolher?... estou aqui ganhando a minha vida honestamente... cumprindo ordens.

HELONEIDA – Com quantos anos você entrou aqui, Azevedo?

AZEVEDO (Saudosa) – Eu tinha 20 anos... entrei aqui só pensando numa coisa...

GENI – No quê?

AZEVEDO – Na minha aposentadoria... a única coisa que me interessa.

HELONEIDA – Mas por que é que você não arranhou um emprego mais agradável?

239

AZEVEDO – Sabe por quê? Porque aqui eu posso dar ordens. Posso mandar... posso obrigar a vocês fazerem o que eu quiser. Aqui eu me sinto poderosa.

GENI – E ninguém te dá ordens? Ninguém manda em você?

AZEVEDO (Possessa) – Chega de conversa... aqui quem faz perguntas sou eu... e vamos começando a trabalhar... Vão fazer flor... vão... está morrendo mais gente que nunca... recebi ordens de

mandar vocês fazerem mil e quinhentos girassóis até amanhã cedo.

GENI – Mil e quinhentos!

HELONEIDA – Nossa! Será que a gente consegue? (Pegam papel e começam a trabalhar)

AZEVEDO – Consegue sim. Essa noite vocês não vão dormir... Quero tudo isso pronto até amanhã cedo. Senão, vocês vão receber um castigo que vocês nem podem imaginar. (Sai)

GENI – A Azevedo também faz um drama!

240 HELONEIDA – Que bom! Eu já estava sentindo falta dessas encomendas de flores. Estava até pensando que o mundo tinha mudado... que não tinha mais mortes... (Fazendo flores) Sabe, Geni... eu já cansei de fazer girassol... estou doida pra aprender a fazer antúrios... begônias... gerânios... hortênsias... (Pausa)

GENI – Mil e quinhentos... não vai ser mole...

HELONEIDA – Eu estava pensando...

GENI – No quê?

HELONEIDA – Na fatalidade... foi ela quem nos uniu e por causa dela a gente vai passar o resto da vida juntas. (Olha para o céu) Se Deus quiser.

GENI (Censurando) – Não brinca com essas coisas, Heloneida.

HELONEIDA – É, sim. A gente ainda tem tanta coisa pela frente. Nós já cumprimos a primeira parte da nossa missão... (Põe uma flor de lado e pega mais papel) Isso me deixa aliviada... agora vem a segunda parte.

GENI – Que missão?

HELONEIDA – Ora Geni, como você é esquecida... todo ser humano tem uma missão a cumprir... umas mais importantes... outras menos importantes... nós já cumprimos a primeira parte... agora vem a segunda.

241

GENI – E qual era a primeira parte?

HELONEIDA – Fazer flores de papel.

GENI – E a segunda?

HELONEIDA – Fazer mil e quinhentas flores até amanhã cedo.

GENI – E essa missão é importante?

HELONEIDA – Importantíssima (Olha fixamente a plateia).

FIM



Yolanda Cardoso e Emilio Di Biasi em Alzira Power

O Cão Siamês ou
Alzira Power
Peça em dois atos



Yolanda Cardoso e Antonio Fagundes na primeira montagem de Alzira Power

O Cão Siamês estreou em 6 de agosto de 1969 no Teatro do Meio (Ruth Escobar), em São Paulo, com o seguinte elenco: Yolanda Cardoso (Alzira) e Antônio Fagundes (Ernesto), direção de Emílio di Biasi.

Em janeiro de 1971 outra montagem, no Teatro Gláucio Gil, no Rio de Janeiro, com Yolanda Cardoso e Marcelo Picchi, direção de Antônio Abujamra e cenários e figurinos de Napoleão Moniz Freire.

Personagens

Alzira – Mulher de aproximadamente 41 anos, agressiva e nervosa, impaciente e insubmissa. Funcionária aposentada dos Correios e Telégrafos.

245

Ernesto – Jovem de 23 anos, vendedor ambulante típico. Terno, gravata e pasta.

Cenário

Uma sala-quarto de apartamento modesto, no estilo final dos anos 60. Uma radiovitrola, um armário, um sofá-cama. À direita, uma janela; à esquerda, uma porta que dá para a cozinha e para o banheiro. Na parede do fundo, a porta de entrada do apartamento.

Primeiro Ato

246

Ao abrir o pano, a porta de entrada do apartamento está aberta. Alzira está em cena sentada numa poltrona, de frente para o público, simulando um choro. Parado à porta, está Ernesto, que tenta chamar a atenção de Alzira, sem sucesso. Alzira continua chorando. Ernesto toca a campainha. Alzira finge que não escuta e aumenta o choro. Ernesto toca mais forte e mais vezes a campainha. Ele está nervoso e tímido. Alzira, sem ver o rosto de Ernesto, percebe que ele entrou e está de pé, atrás dela. Alzira continua na mesma posição, sentada de costas para Ernesto, e de frente para o público, o qual ela encara, de vez em quando, como que sugerindo cumplicidade. Alzira para de chorar e espera a fala de Ernesto. Alzira está visivelmente irritada. Levanta-se da poltrona e enfrenta agressivamente Ernesto.

ALZIRA – Afinal de contas, quem é o senhor? (Irritada) O senhor me desculpa, mas eu não o conheço.

ERNESTO (Sem saber como agir) – Eu posso ajudar em... alguma coisa? (Silêncio) Que foi que aconteceu? (Pausa) A senhora estava chorando... a senhora me parece muito triste... (Pausa) Por que é que a senhora está tão deprimida?

ALZIRA (Agressiva) – O senhor não tem o direito de me fazer tantas perguntas. Se eu estou deprimida é um problema meu.

ERNESTO (Gentil) – Eu sei... claro... mas é que eu...

ALZIRA – Se o senhor quer saber, estou deprimida porque perdi o meu cachorro.

ERNESTO – Qual era a raça?

ALZIRA – Me diz uma coisa, meu senhor, o senhor está querendo puxar assunto, é?

ERNESTO – Não, minha senhora...

247

ALZIRA – Que importância tem a raça de um cachorro? Que mania essa das pessoas... Meu cachorro some e o senhor já vem logo querendo saber a raça. Eu sei pra quê. E se eu dissesse pro senhor que o meu cachorro era um cão siamês, o senhor acha que ia adiantar, agora que ele sumiu?

ERNESTO – A senhora está sendo agressiva... eu só quis ser gentil... eu reconheço o quanto é difícil perder alguém que a gente tanto quer bem...

ALZIRA (Cortando, seca) – Tudo mentira. Eu conheço muito bem as pessoas. Sei que o senhor

está mentindo. O senhor pensa que eu não percebi. Está querendo é puxar assunto. Pensa que eu não sei? Eu sei muito bem qual é o interesse de todos os homens. Por isso eu detesto os homens. E as mulheres também. Que falta de respeito, eu que nem bem acabei de perder o meu cachorro e já vem logo o senhor querendo substituí-lo. Como se fosse possível.

ERNESTO – Minha senhora... a senhora está enganada... a senhora não entendeu...

ALZIRA – Eu entendi muito bem. (Provocativa)
O senhor sabe miar, por acaso?

248

ERNESTO (Começando a ficar irritado) – Minha senhora...

ALZIRA (Mudando o tom. Ilustrativa) – O meu cão siamês miava. Eu tinha um casal de cães siameses. (Ernesto se sente mais irritado, Alzira desafia-o) Me diz uma coisa: o senhor não se acha pretensioso, não? O senhor sabe o que é um cão siamês? (Pausa) Anda, responde. O senhor sabe o que é um cão siamês? (Convicta) Não existe coisa mais rara. (Alzira dá de ombros e vira as costas para ele).

ERNESTO – A senhora me exaspera.

ALZIRA (Voltando-se) – E você me desespera. Qual é a sua profissão... antes de mais nada... qual é a sua profissão?

ERNESTO (Profissional) – Eu exijo que a senhora me trate por senhor. Afinal eu estou aqui para tratar de negócios. E isso exige um tratamento mais respeitoso.

ALZIRA (À vontade) – Eu falo como eu quiser. Estou na minha casa e na minha casa eu falo como bem entender. Se o senhor não está contente, a porta está aberta. Você entrou aqui de enxerido...

ERNESTO (Suspirando) – Sou corretor de automóveis.

ALZIRA (Chocada) – Corredor de automóveis??? Fora daqui. O senhor é um louco!

ERNESTO (Impaciente) – A senhora não entendeu...

ALZIRA – Entendi muito bem. Fora daqui. Conheço bem esse tipo... corredor de automóveis... São todos uns irresponsáveis... conheci muito bem um quando eu era mocinha... O Chico Landi... (Dando de ombros) O Fittipaldi é pinto perto dele. São todos uns loucos...

ERNESTO – Mas a senhora não entendeu...

ALZIRA – Entendi muito bem. Fora (Apontando).

ERNESTO (Gritando) – A senhora quer me ouvir? (Alzira ouve) Eu disse corretor: Tôr, Tôr, corretor de automóveis.

ALZIRA (Esnobando) – E qual é a diferença?... um dê por um tê... no fundo é a mesma coisa. São todos uns vagabundos.

ERNESTO – Minha senhora, de uma vez por todas...

250 ALZIRA (Cortando) – Eu sei muito bem o tipo de vida que o senhor leva. (Pausa)

ERNESTO (Desistindo) – Tá bem... eu vou embora... (Caminha para a porta de saída).

ALZIRA (Tentando alcançá-lo) – Nem pensar. (Segurando-o pelo braço). Nada disso. Só depois de me ouvir. Quem mandou o senhor entrar aqui? Sabe que eu posso processá-lo por invasão de propriedade alheia?

ERNESTO – A porta estava aberta.

ALZIRA – Uai, e daí?!

ERNESTO – Eu toquei a campainha. Ninguém atendeu. A porta estava aberta... escancarada... e eu vi a senhora chorando... eu entrei... na melhor das intenções... agora... a senhora me desculpa, mas eu vou embora... (Ameaça sair).

ALZIRA (Segurando-o) – Nada disso. Agora que o senhor está dentro da minha casa vai ter que me ouvir. Dentro da minha casa quem dá ordens sou eu. (Solta-o, vai até a porta, tranca-a com a chave, faz como quem vai guardar a chave no sutiã, olha pra ele, vai à janela e joga a chave fora) Pronto. Hoje eu tenho muitas verdades pra jogar na sua cara!

251

ERNESTO (Atônito) – A senhora é louca! (Vai até a janela) Eu vou gritar!

ALZIRA – Grita! (Desarruma o cabelo e tira uma peça de roupa e joga pela janela. Fica de combinação preta. Cumprimenta a vizinha) Boa-tarde, Dona Esmeralda. Com licença. (Fecha a janela. Para Ernesto) Pronto. Pode gritar. (Com ódio) Cachorro! Ordinário! Indecente!

ERNESTO – Pelo amor de Deus, para com isso.

ALZIRA – Indecente! Indecente! Indecente! Eu sei o tipo de vida que o senhor leva.

ERNESTO (Cai sentado na poltrona. Afrouxa a gravata) – Será que a senhora podia ao menos abrir a janela... está fazendo um calor de matar... esse verão não está fácil...

ALZIRA – O senhor não sabe o caminho?

ERNESTO (Levanta-se e abre a janela. Fica um instante olhando para fora).

252 ALZIRA – O senhor quer sair da janela? (Ele continua na janela) Que é que os vizinhos não vão pensar de mim?... (Ele continua na janela) O senhor quer sair da janela? (Ele continua) O senhor não vai sair? Então eu vou fechar... (Vai fechar. Ele a segura. Ela grita) Me solta! (Ele continua segurando. Ela dá uma mordida no braço dele. Ele dá um grito de dor e solta-a. Ela fecha a janela).

ERNESTO (Passando a mão na mordida, gemendo de dor) – Desgraçada!

ALZIRA (Mais calma) – Isso é para aprender a me respeitar.

ERNESTO – A senhora está perdida. Tinha uma mulher na janela ali em frente e ela viu tudo... Viu a senhora me mordendo. (Alzira fica séria, preocupada).

ALZIRA – Era a Esmeralda. (Para ele) A Esmeralda viu???

ERNESTO – Tinha uma mulher na janela.

ALZIRA (Fatalista) – Era a Esmeralda, eu tenho certeza. Estou perdida. A essas horas todo mundo já sabe... (Para ele) Saia imediatamente!

ERNESTO – Com o maior prazer. (Vai até a porta. Tenta abrir. Está trancada) Está trancada.

ALZIRA – Destranca.

ERNESTO – A senhora jogou a chave pela janela.

253

ALZIRA (Não diz palavra, cai no sofá abatida, um segundo depois levanta, decidida) – Quem sabe se não tem algum desses malditos meninos lá embaixo? (Abre a janela e sorri falsamente para Esmeralda) Boa-tarde, dona Esmeralda. A senhora vai bem? Hein? (Pausa) O quê?! No cu do papagaio? (Ernesto abre a pasta, tira uma chave de fenda e tenta abrir a porta. Alzira percebe e volta, contando a Ernesto do papagaio.) Que menino mais tarado, meu senhor! Enfiou um lápis no cu do papagaio! (Percebendo que ele está com a chave de fenda na porta) Nada disso. O senhor quer estragar a minha porta?

ERNESTO (Continuando) – A senhora me desculpa, mas aqui não fico mais um minuto...

ALZIRA (Possessa, tira a chave de fenda da mão dele) – Já disse pra não estragar a minha porta. (Furiosa) O senhor arranhou... arranhou a minha porta. (Tenta feri-lo com a chave de fenda, os dois lutam e ele toma a chave dela) Me dá a chave de fenda!

ERNESTO (Irritado) – Ora, minha senhora....

ALZIRA (Irritadíssima) – Me dá imediatamente essa chave de fenda.

254 ERNESTO (Desanimado) – Está bem. (Entregando) Toma.

ALZIRA (Pegando a chave de fenda) – Assim... (Vai até a janela e joga a chave fora) A senhora me dá licença, dona Esmeralda? (Vai fechando a janela) E o papagaio? Se fodeu, né? (Fecha a janela e volta-se para Ernesto) Pro senhor aprender a não arranhar a minha porta. (Pequena pausa) O senhor não está vendo que a casa foi pintada recentemente? O senhor sabe quanto eu gastei pra pintar esta sala? (Ele não responde. Tira um cigarro do bolso e vai acendê-lo. Imediatamente ela toma o cigarro dele, abre a janela e joga o cigarro fora) Com licença, dona Esmeralda. Hein?

Tá sim, tá um calor de matar, a senhora está com tudo, hein? Se eu pudesse eu também ia curtir uma janela... (Ernesto tirou outro cigarro e está fumando. Alzira para dona Esmeralda) Um momento... (Volta-se para Ernesto) Essa mulher é uma fofoqueira... passa o dia inteiro na janela... também... sabe da vida de todo mundo... (Alzira ainda não percebeu que Ernesto está fumando. E, distraída, ela mesma pega um cigarro do maço dele e acende. Dá uma tragada e percebe que ele está fumando. Furiosa) O senhor não aprende mesmo! (Tira o cigarro da mão dele, vai até a janela e joga o cigarro fora. Para Esmeralda) Isso é que é vida, hein, dona Esmeralda? (Volta-se para Ernesto, dá uma tragada no cigarro e suspira profundamente).

ERNESTO – Mas a senhora está fumando...

ALZIRA – O senhor se esquece de que eu estou na minha casa... (Alzira fuma, com prazer) Aqui quem manda sou eu... Olha pras minhas paredes... elas foram pintadas outro dia... Fumaça de cigarro mancha a parede... principalmente esse tipo de parede... essas tintas modernas têm isso de negativo... o efeito dura muito pouco...

ERNESTO – Mas a senhora está fumando... (Com ar de interrogação)

ALZIRA – Porque o senhor me deixa nervosa...
(Pequena pausa. Ela tenta fazer rolinhos de
fumaça) Me diz uma coisa: o senhor é casado?

ERNESTO – Pra que é que a senhora quer saber?

ALZIRA – Aqui quem faz perguntas sou eu...
estou na MINHA CASA.

ERNESTO – Sou.

ALZIRA – Eu sabia. O senhor nem precisava me
dizer. O senhor tem filhos?

ERNESTO – Dois.

256

ALZIRA – Eu bem que desconfiava. O senhor é
um irresponsável. Pôr dois filhos no mundo... É
um casal?

ERNESTO – Duas meninas.

ALZIRA – Duas meninas? Eu sabia. (Joga o ci-
garro pela janela e volta-se imediatamente
para ele) O senhor tem moral para educar essas
duas pobres criancinhas? Que péssimo exemplo
o senhor deve dar... O senhor paga aluguel?
Aposto que não paga. Eu conheço muito bem
esse tipo. Tenho pena da sua mulher. O senhor
é um covarde...

ERNESTO – Minha senhora, o caso é o seguinte...

ALZIRA – Pode dizer.

ERNESTO – Eu não lhe dei essa intimidade.

ALZIRA – O quê?! O que é que o senhor quer dizer com isso? O senhor quer dizer que eu não estou me portando como devia? Que eu estou lhe faltando com o respeito? Como é que o senhor se atreve?

ERNESTO – A senhora não me leve a mal pelo que eu vou dizer... mas a senhora é uma louca. Uma louca varrida.

257

ALZIRA – Louca sim... louca porque tenho a coragem de dizer a verdade na sua cara... Louca porque não tenho medo do senhor. Aposto que a sua mulher não tem essa coragem. Ela deve ser do tipo da mulher que morre de medo do marido... uma pobre coitada. (Ele suspira) Está vendo? O senhor não responde. Conheço bem esse tipo. Tenho é pena da sua mulher. (Brusca) Pena e ódio... ódio, ouviu? Ódio porque ela é uma covardona. Todo mês... parece até que estou vendo... quando o cobrador vem cobrar o aluguel o senhor se esconde e ela, coitada, é quem vai atender... É a pobre coitada que passa pelo vexame de ter que atender o cobrador...

sim, porque o senhor, naturalmente, se esconde. Quantos meses de aluguel o senhor já está devendo? (Ele nada responde) O senhor não vai responder? (Pausa) Como se eu não soubesse. Meses e meses sem pagar o aluguel... até ser despejado... Aí o senhor, usando da sua proverbial má-fé, manda a sua mulher porque ela inspira pena, manda a sua mulher junto com as suas duas pobres filhinhas procurar um novo apartamento... E aí o novo proprietário... que deve ser um moço muito fino, já que é proprietário... fica com pena... (Ernesto, que durante esse tempo vai perdendo a paciência, levanta-se e vai até a janela) Onde é que o senhor pensa que vai?

258

ERNESTO (Desesperado, grita) – Dona Ametista! Dona Ametista!

ALZIRA – Que Ametista?, seu burro! Querendo rebaixar minha amiga! É Esmeralda! (Fecha a janela) Seu cafajeste! (Vai ao armário, tira um copo, vai até a cozinha, abre um açucareiro e põe um pouco de açúcar dentro, vai até o filtro e põe um pouco de água. Ele acompanha apavorado os movimentos dela).

ERNESTO – Que é que a senhora está fazendo?

ALZIRA (Voltando e oferecendo o copo a ele) – Não é da sua conta. Toma!

ERNESTO (Recusando) – Deus me livre, deve ser veneno.

ALZIRA – O quê??? O senhor sabe o que está dizendo? O senhor sabe que eu posso processá-lo por difamação e calúnia? (Ordenando) Toma!

ERNESTO (Recusando) – O quê que é isso?

ALZIRA (Oferecendo) – Água com açúcar... calmante... o senhor está muito nervoso... e isso me incomoda... Toma!

ERNESTO – Mas eu não quero.

ALZIRA (Berrando) – TOMA! (Ele pega o copo e toma um gole. Alzira vai virando o copo, como que ajudando) Bebe tudo... açúcar custa dinheiro... dinheiro custa a ganhar... (Ele vai tomando) assim... Detesto gente nervosa. Perto de gente nervosa, eu, que geralmente sou calmíssima, também acabo nervosa. (Pausa) O senhor está se sentindo melhor?

ERNESTO – Estou.

ALZIRA – Pois não parece. (Passa o dedo na testa dele) O senhor está suando...

ERNESTO – Deve ser o calor.

ALZIRA – O senhor está querendo insinuar que a minha casa é quente?

ERNESTO – Não é isso..

ALZIRA – Eu não admito. Eu me sinto muito bem aqui e todo mundo que vem me visitar é obrigado a se sentir bem.

ERNESTO – A senhora bem que podia abrir a janela.

ALZIRA – Abre o senhor... Eu não acabei de dizer que na minha casa todo mundo é obrigado a se sentir à vontade? Se o senhor quer abrir a janela, vá lá e abra.

ERNESTO (Levantando-se e abrindo a janela) – Obrigado. Às vezes a senhora sabe ser gentil.

ALZIRA – Nada de elogios. Eu detesto elogios. Dispenso. Isso é coisa de gente fraca.

ERNESTO – Eu não sabia que a senhora pensava assim. Desculpa.

ALZIRA – E nada de desculpas. Detesto gente que pra viver tem que ficar aí... pedindo desculpas. (Pausa) Qual é o seu nome?

ERNESTO – Ernesto.

ALZIRA – Bem que eu desconfiava. Ernesto sim, mas de quê?

ERNESTO – A senhora me desculpa...

ALZIRA – Já disse que detesto desculpas.

ERNESTO – Não, não é isso... É que eu tenho... sabe como é... eu tenho... vergonha de dizer o meu nome inteiro...

ALZIRA (Chocada) – o senhor tem vergonha do seu próprio nome???

ERNESTO (Baixando a cabeça tímido) – Ernesto Pasqualini Parmelucci.

261

ALZIRA – O quê? Fala mais alto.

ERNESTO (Levantando a cabeça) – Ernesto Pasqualini Parmelucci.

ALZIRA – Ora, sim senhor... Ter vergonha de um nome tão bonito... Que falta de caráter... Engraçado, eu também conheci um Ernesto... ele era vendedor de revistas... Ernesto Pasqualini Parmelucci... (Indiferente) Deve ser seu pai. O Ernesto era filho de italianos... O senhor é filho de italianos?

ERNESTO – Neto.

ALZIRA (Desligada, lembrando) – Eu tive um namorado... era filho de italianos... também se chamava Ernesto... Ernesto Pasqualini Parmelucci... era jornalista...

ERNESTO – A senhora já disse.

ALZIRA – Já disse e repito. O senhor não seja mal-educado... estou na MINHA casa... (Pausa. Elegíaca e nostálgica) Eu adorava o Ernesto... Desgraçado!

ERNESTO – A senhora não xinga o meu pai...

262 ALZIRA – E você cala a boca. Eu xingo o seu pai, a sua mãe, você, sua mulher, e se duvidar muito eu acabo xingando as suas filhas. (Lembrando-se de Ernesto-pai) Desgraçado! Naquele tempo eu vivia numa aldeia... (Entra, baixinho, uma música antiga e romântica, uma valsinha, ou um *fox-slow*, por exemplo) Minha mãe era professora e meu pai era guarda-livros... e eu, filha única, com 16 anos... (Ernesto ouve, esquecido e interessado) Um dia bateram na porta... e eu fui atender. Tinha um rapaz bonito... assim como o senhor... um pouco mais jovem... e também um pouco mais bonito. Desculpa, a verdade a gente deve dizer, não deve? Ele trazia duas pastas grandes... cheias de revistas... ele era vendedor de revistas... vinha de outra cidade... E eu estava sozinha em

casa. Meu pai trabalhava no escritório e minha mãe dava aula na escola. E é claro que eu não ia deixar ele entrar. Mas quando o Ernesto abriu uma pasta, que eu vi aquele monte de revistas... eu esqueci tudo, perdi o medo, e deixei ele entrar. Depois eu paguei caro essa minha fraqueza. Mas ele me parecia tão educado... conversou comigo... eu ofereci limonada pra ele... e ele me deu de presente duas revistas... eu me lembro como se fosse hoje... o *Clube dos Amores* e *A Cena Muda*... as revistas que eu mais gostava... O desgraçado adivinhou... Depois, uma vez por semana ele aparecia... E a gente começou a namorar escondido. É claro que o meu pai, um Botelho de Albuquerque, não ia me deixar namorar um... (Com desprezo) vendedor. Eu aprendi corte-e-costura e estava fazendo o meu enxoval escondida... (Alegre, mudando o tom) Espera um pouquinho... (vai até o armário, tira uma caixa de papelão, leva a caixa para o sofá e abre. Tira de dentro um vestido de noiva) Olha!

ERNESTO (Sem graça) – Que bonito!

ALZIRA – Não é joia? Eu que fiz! Inteirinho, com bordado, passamanaria e tudo. Me ajuda a vestir? (Alzira, que está só de combinação, enfia o vestido, rindo, meio desajeitada. Ernesto ajuda) Pega ali a grinalda, a guirlanda... (Ernesto pega na caixa) A gente ia fugir pra casar... (Alzira ar-

ranca a grinalda, com ódio) Aquele desgraçado! Um belo dia, no verão... fazia muito calor... e ele me perguntou se podia tirar a camisa... e eu, na maior das inocências, disse: *Claro que pode, Ernesto...* (Para Ernesto-filho) Desculpe... o senhor deve estar sentindo muito calor... se quiser tirar a camisa pode...

ERNESTO – Não, muito obrigado, estou me sentindo bem...

ALZIRA – Ora, pode tirar, fica à vontade... (ajuda ele a tirar a camisa).

264

ERNESTO (Tirando a camisa, passivo) – Obrigado! (Alzira, distraidamente, pega a camisa dele e atira pela janela. Ele assiste atônito e não diz palavra. Ela percebe)

ALZIRA – Que é que eu fiz?... Desculpe. É uma mania que eu tenho... jogo tudo pela janela. Imagine o senhor que às vezes eu esqueço e jogo até lixo pela janela... os vizinhos vivem fazendo reclamação de mim pro síndico... Quando eu jogo dinheiro bem que eles não reclamam... Um dia eu joguei uma dúzia de ovos que eu tinha acabado de comprar na feira... Por uma falta de sorte, imagina o senhor, foi cair bem na cabeça duma velhinha insuportável que mora no primeiro andar. (Pausa) Todo mundo aqui me detesta.

Mas em compensação eu também detesto todos eles. Os únicos que eu suporto é um conjunto de *rock* que mora aí no andar de cima. Eles tocam que tocam lá em cima... uma música barulhenta, insuportável, mas eu adoro! Porque eu adoro a juventude. (Silêncio. Para Ernesto) O corpo do Ernesto era tão bonito... assim como o do senhor... Um pouco mais forte, é claro. E um pouco mais bonito, desculpa. (Chegando perto de Ernesto) Ele tinha pelos no peito... (Passando a mão no peito de Ernesto, desde o umbigo) Parecia uma árvore, começava fininho no umbigo e depois abria, no peito, que nem uma árvore... (Ernesto sente cócegas e vai-se encolhendo) Ele fez aquilo de maldade.... (Com ódio e ressentimento, ela vai dar um mordida no peito de Ernesto, que escapa em tempo) Eu era uma estúpida. Que cara é essa? Me diz uma coisa... Quantos anos o senhor tem?

ERNESTO – 25.

ALZIRA – A idade do Ernesto. Ele tinha 23 anos... e eu 16 naquela época. Não sabia nada da vida... (Nervosa e perdida, começa a procurar alguma coisa) O senhor gosta de música?

ERNESTO – Gosto. (Querendo ir embora) Minha senhora... eu preciso mesmo...

ALZIRA (Cortando rápido) – O Ernesto também adorava música... Que tipo de música o senhor gosta?

ERNESTO (Impaciente) – Música moderna. Mas minha senhora...

ALZIRA – Eu tenho. Eu tenho todo tipo de música aqui em casa. Um pouquinho de cada gênero. Mas que gênero de música moderna o senhor gosta? *Música Moderna* só é uma coisa muito abstrata...

266 ERNESTO – Eu gostaria de ouvir, mas eu tenho mesmo que ir...

ALZIRA – Tudo o que o senhor quiser ouvir eu tenho... Que é que o senhor quer ouvir?

ERNESTO (Impaciente, jogando) – A senhora tem aí... os Rolling Stones?

ALZIRA – Mas é claro! Eu tenho tudo (Vai até a discoteca e pega um LP dos Rolling Stones, *Let it Bleed*) Olha! É o último! (Mostra exageradamente a capa).

ERNESTO (Admirado e sem graça) – Não é que a senhora tem mesmo?!!

ALZIRA (Invocada) – Que é que o senhor quer dizer com isso? O senhor pensa que só porque eu sou uma funcionária aposentada dos Correios e Telégrafos, e porque eu não saio de casa, que eu não sei o que se passa no mundo? Pois fique o senhor sabendo que eu sei muito bem o que se passa no mundo, e é por isso que eu não saio de casa. Justamente por isso. As pessoas têm a mania de achar que uma pessoa aposentada é uma velha caquética que fica mofando dentro dos seus aposentos... Eu leio todos os jornais, meu filho... Todos os jornais e todas as revistas do mundo... Em todas as línguas... Foi pra isso que eu aprendi línguas... Só pra poder ficar em casa e me informar de tudo. (Informativa) O senhor pensa, por acaso, que eu não sei quem é essa Florinda Bolkan? Pro seu governo o nome dela não é Bolkan não. É Bulcão. Ela é brasileira e nasceu no Ceará. O senhor já esteve no Ceará?

ERNESTO – Não, infelizmente.

ALZIRA – Então o senhor não sabe de nada. (Continuando informativa) O senhor sabia que o rei e as filhas do rei da Noruega foram tatuados por um velhinho finlandês que hoje mora em Londres, num burquinho, num subúrbio distante, onde ele recebe os Hell's Angels da Califórnia, que vão ali para serem tatuados pelo mesmo velhinho? O senhor não sabe. O senhor

sabia que em Cuiabá tem um obelisco que diz *aqui é o ponto central da América do Sul*? O senhor já esteve em Cuiabá? (Ernesto faz sinal com a cabeça que não) Então o senhor não sabe de NADA! O senhor sabia que os salmões nascem nos rios da Groenlândia e que são pescados na desembocadura por pescadores dinamarqueses que não respeitam nem os filhotes? Então o senhor não sabe de nada. Mas eu aposto que o senhor sabia que o sabiá sabia assoviar. Não sabia? Mas me diz uma coisa: o senhor sabia que a calcita e o topázio fumê são consideradas duas pedras semipreciosas? E que o brilhante nada mais é que o diamante lapidado?!

268

ERNESTO – Isso também quem não souber pode dar um tiro no ouvido (Alzira percebe que ele está sem camisa).

ALZIRA – Por que o senhor está sem camisa? O senhor não tem vergonha nessa cara?

ERNESTO – Mas foi a senhora mesmo quem me mandou tirar a camisa, dona.

ALZIRA – Bem que eu estava percebendo... Desde o minuto que o senhor entrou aqui... O senhor tem a maldade na testa. Estava querendo me seduzir, não estava?

ERNESTO (Direto e decidido) – A única coisa que eu estou querendo é me mandar daqui o quanto antes. A senhora é uma louca. Uma louca varrida. Uma louca de hospício. (Mostrando a janela) A senhora jogou a minha camisa fora... a senhora jogou....

ALZIRA (Cortando) – Se o senhor tem 25 anos, eu tenho 45. Portanto, eu sou 20 anos mais velha que o senhor. Podia muito bem ser sua mãe. O senhor tinha coragem de fazer com sua mãe o que está querendo fazer comigo?

ERNESTO – Eu é quem vou acabar ficando louco. Não foi a senhora quem me mandou tirar a camisa?

269

ALZIRA – Eu só queria ver até onde o senhor ia... Seu cafajeste!

ERNESTO – Aqui eu não fico nem mais um minuto... (Vai até a porta e força a maçaneta. Enquanto isso Alzira vai até o armário e pega um copo, põe açúcar e água, mexe com a colherzinha e entrega a ele, que nem liga).

ALZIRA – Toma.

ERNESTO (Tentando abrir a porta) – Eu vou sair e é agora.

ALZIRA (Berrando) – TOMA! O senhor está muito nervoso e eu detesto gente nervosa na minha casa. (Ele pega e toma, desanimado) Assim... (Puxando-o pelo braço) Vem, vem.

ERNESTO (Tentando se soltar) – Me larga!

ALZIRA – E não grita. O senhor não queria ouvir música? Não me forçou a procurar o disco? Agora o senhor vai ter que ouvir a música (Alzira faz Ernesto sentar na poltrona) Olha. O disco que o senhor queria ouvir. (Tira o disco de dentro da capa e põe na vitrola. Em vez dos Rolling Stones sai a voz de Jeanette MacDonald e Nelson Eddy, cantando *Sweetheart*)

270

ERNESTO (Decepcionado) – Mas não era essa...

ALZIRA – Eu detesto os Rolling Stones. O disco está aqui, olha. (mostra um desses vasos feitos de disco semiderretidos em água fervente) Eu detesto música moderna, *pop*, *rock*... Eu detesto os Rolling Stones, a Joan Baez, o Bob Dylan, o Led Zeppelin, o Pink Floyd, os Beatles e o Status Quo. Eu só respeito a Janis Joplin e o Jimi Hendrix, porque estão mortos. Quem vem à minha casa é obrigado a ouvir a Jeanette MacDonald, a Martha Eggert, a Ilona Massey, a Deanna Durbin e a Shirley Temple. E se duvidar muito eu ainda ponho a Carmen Miranda...

ERNESTO – Da Carmen Miranda até que eu gosto. É bem melhor que essa aí...

ALZIRA – Ah, é assim?! O senhor aprecia a *Pequena Notável*, a nossa *Bombshell*? (Vai até a pilha de discos e pega um 78 RPM da Carmen Miranda) Olha! (Ernesto arranca o disco da mão de Alzira. Ela corre atrás dele) Que é que o senhor vai fazer com o meu disco? Cuidado. É de cera. 78 rotações por minuto! É uma raridade. Me dá, me dá! (Ele continua correndo. Ela atrás) Cuidado. É o '*Chica Chica Boom* (Ele corre. Ela atrás).

ERNESTO – Gosta muito da Carmen Miranda, é? (Atira o disco pela janela)

271

ALZIRA (Furiosa) – O senhor jogou a minha joia rara pela janela, seu desastrado (Alzira desliga a vitrola, pega um prato de louça e quebra na cabeça de Ernesto. Como se não bastasse, ela ainda pula em cima dele, e começa a dar murros no peito dele. Ernesto tenta prender Alzira com as mãos. Os dois lutam). Me larga... seu ordinário... me larga!

ERNESTO (Lutando) – Paciência tem limite. Agora a senhora vai ver só uma coisa. (Arranca o vestido de noiva, a guirlanda, a grinalda, tudo, e atira pela janela. Alzira fica com a combinação de cetim preta).

ALZIRA – Meu vestido de noiva...

ERNESTO – Isso é coisa do passado e eu detesto saudosismo (Ela recomeça a bater nele).

ALZIRA – Meu vestido de noiva... (Batendo) Era o único símbolo da minha infelicidade.

ERNESTO – Agora a senhora vai ver uma coisa só. (Lutando, ele arrasta Alzira para a cama) Não era isso que, a senhora queria? (Tenta arrancar a combinação dela. Ela reage e consegue fugir. Ele corre atrás e agarra-a)

272 ALZIRA – Me larga... o senhor está me seduzindo... Eu já disse pra me largar... (Ela dá uma mordida no peito dele, que dá um grito de dor e a solta)

ERNESTO (Gemendo de dor) – A senhora me mordeu outra vez... (Fica de pé, fricciona o peito e geme) Ai, como dói...

ALZIRA (Enquanto pega um pano tipo tecido indiano e se cobre. Indiferente) – Ali no armário tem Merthiolate.

ERNESTO (Abrindo o armário e procurando o remédio) – De uma vez por todas, dona, me diz o que é que a senhora quer comigo e me deixa ir embora.

ALZIRA (Como que indiferente) – Eu convidei o senhor a entrar aqui, por acaso? Entrou porque quis. Porque estava a fim de alguma. Isso é para aprender a não se meter na vida de quem está em paz. Os vendedores são muito metidos.

ERNESTO (Friccionando a mordida do peito com algodão embebido) – Ai que dor! (Indo à janela) Vou ver se vejo algum menino e vou pedir pra ele procurar a chave...

ALZIRA (Bem calma e tranquila) – Pode esperar sentado... eu conheço todos eles... Só aparecem quando eu ponho música na vitrola...

ERNESTO – Essa velharia? (Aponta os discos)

ALZIRA – É por isso que eu detesto os vendedores. São todos uns grossos... que não têm a menor educação... só pensam numa coisa, na comissão, na comissão, na comissão...

ERNESTO – Que merda! (Ainda na janela) Não me aparece um menino.

ALZIRA – O senhor não diga mais um palavrão aqui na minha janela. Que é que a dona Esmeralda não vai pensar? Pensar não é nada... O que é que ela não vai dizer depois? Se o senhor quiser dizer palavrão, vá dizer na casa da sua mãe.

ERNESTO – É porque a senhora me descontrola...

ALZIRA – E não adianta ficar aí na janela... Já disse que eles só aparecem quando eu ponho música na vitrola...

ERNESTO – Não vá me dizer que eles gostam de ópera?

ALZIRA – Não é ópera, seu idiota, é opereta. E eu não estou falando de opereta. Estou falando de música moderna, moderníssima, modernérrima, disco importado, que ainda nem chegou no Brasil...

274 ERNESTO (Despeitado) – Só a senhora que tem?

ALZIRA – O senhor está querendo debochar de mim? É só eu que tenho sim, e daí, não posso ter? Eu assino a *Cash Box*, meu filho.

ERNESTO – Que é isso?

ALZIRA – Uma revista de música. É americana.

ERNESTO (Desprezando) – Humm, americana...

ALZIRA – Traz tudo que é novidade... aí eu escolho, de acordo com o *hit parade* internacional... aí eu encomendo os discos. Quando chega disco novo, então... parece até passeata... essa rua fica assim

de garotada... rapazes e moças... Daí eu ligo a vitrola no último volume... às vezes eu até boto alto-falante na janela... (Suspira) Ai... enquanto eles ficam lá embaixo na maior das alegrias, eu fico aqui em cima aos prantos e barrancos... Eu detesto esse tipo de música... (Pseudoautopiedosa) Mas eu descobri que essa é a única maneira deles tomarem conhecimento da minha inexpressiva existência. Um dia... eu tinha saído pra receber a minha aposentadoria... E quando eu ia voltando... tinha um grupinho deles ali na esquina. Quando eu passei, uma das meninas disse: *Ô coroa barra-limpa!* Eu não sabia se aquilo era um bota pra cima ou um bota pra baixo, dei um sorrisinho amarelo, meu coração ficou assinzinho... eu pensei que ia desmaiar... (Mudando o tom, vingativa) Ah, mas também quando cheguei aqui em casa... liguei a vitrola (Liga a vitrola), peguei um compacto que estava em primeiro lugar no *hit parade* (Pega um disco suingado, sensual e põe pra tocar), peguei o alto-falante... e botei na janela. Aumentei o volume e comecei a dançar, a dançar, a dançar (Ela dança sensual e debochadamente). Encheu de gente lá embaixo... Ai eu dancei, dancei, dancei... Eu estava fora de mim... Arranquei a minha blusa e o meu sutiã... pra todo mundo ver mesmo...

ERNESTO (Corre à janela e grita, e faz sinal) – A chave... a chave da porta... a chave...

ALZIRA (Histérica) – Não... não... (Ela puxa Ernesto pelo braço) Não... eu já disse que não... (Mais uma vez os dois lutam. Alzira dá um chute na canela dele, ele sai para o outro canto da sala, gemendo de dor e segurando a canela) Com licença, pessoal? (Alzira fecha a janela)

ERNESTO (Definitivamente possesso) – A senhora me tentou demais. Agora vai ver... (Agarra-a com violência. Os dois lutam. Ernesto consegue arrastar Alzira até a cadeira e obriga-a a sentar. Pega umas cordas e tenta amarrá-la. Ela se debate, em vão. Ele consegue amarrá-la. Ela tenta andar arrastando a cadeira. Para na primeira tentativa mas continua mexendo-se).

276

ALZIRA (Horrorizada) – O que é que o senhor vai fazer comigo? Pelo amor de Deus...

ERNESTO (Abrindo sua pasta tira um canivete enorme, de mola. Aperta um botão e a lâmina salta, para horror de Alzira).

ALZIRA (Gritando) – Socorro! Assassino! (Ernesto pega um lenço e a amordaça).

ERNESTO (Passando o canivete bem perto da cara de Alzira, aterrorizada. Depois ele vai passando o lado contrário da lâmina pelo pescoço, peito, barriga, pernas, e com a ponta levanta uma beira da combinação de Alzira. Ela dá pulinhos de

terror. Ernesto está, pela primeira vez, inteiramente seguro do seu próprio poder, para maior surpresa e espanto de Alzira.) – Não era isso que a senhora queria? Uma sacanagem diferente? Pois vai ter. (Brinca com o canivete) E isto é só o começo. (Numa espécie de ritual, Ernesto vai se despindo, enquanto a luz vai baixando. Depois do ritual, Ernesto desamarra Alzira e a carrega para a cama. A música de fundo, para a cena, pode ser, por exemplo, o *Voodoo Chile*, de Jimi Hendrix, ou outro *rock* sensual. Uma vez desamarrada, Alzira volta a lutar, à meia-luz)

ALZIRA – O senhor está me seduzindo... (Ouve-se o ruído de uma bofetada. Alzira dá um grito)

277

ERNESTO – Cala a boca, sua vagabunda. (Ele dá um grito) Você me deu um murro no olho! Agora vai ver só uma coisa...

ALZIRA (Gritando e suplicando) – Pensa na sua mãe... pensa na sua mulher... pensa nas suas filhinhas...

ERNESTO – Estou pensando em nós, em nós... (Alzira dá um grito de dor)

ALZIRA (Gritando) – Não, aí não, aí não. NÃO!

(A música sobe, blecaute).

Segundo Ato

Meia hora mais tarde. O dia já está morrendo. Ao abrir a cortina, Alzira está em cena sozinha, contente, sentada no sofá-cama, acabando de ajeitar os cabelos. Em seguida derrama um pouco de lavanda na mão e passa no pescoço, colo, axilas e braços. Num volume suave está tocando *Ain't Nobody's Business If I Do*, com Billie Holiday. Alzira está visivelmente relaxada e feliz. E divaga, fala sozinha, como se tivesse uma amiga invisível ouvindo.

278

ALZIRA – ... Eu adoro a Billie Holiday. Ela é tão gentil quando canta... mesmo com essa voz rouca... Ninguém diz que ela foi tão drogada... Essa música que está tocando, *Ain't Nobody's Business If I Do*, quer dizer *Não é da Conta de Ninguém o que eu Faço*. (Suspirando satisfeita) Ah, a vida, no final das contas, é a melhor coisa que nós temos... (Ponderando) Apesar dos seus altos e baixos. Ah, se tudo fosse só harmonia... (Entra Ernesto, vindo do banheiro, abotoando as calças e com um olho roxo. Ernesto também está mudado, à vontade, bem mais seguro de si, acafajestado).

ERNESTO – Falando sozinha, Alzira?

ALZIRA (Suspirando) – Ah, Ernesto, se você soubesse...

ERNESTO – Que música é essa que está tocando?

ALZIRA – É a Lady Day cantando... quando eu era *lady* eu dei...

ERNESTO (Cortando) – Você tem muito dinheiro, Alzira?

ALZIRA (Simpática) – Por que essa pergunta tão vulgar?... eu tenho jeito de rica? Nossa, Ernesto! Seu olho está roxo!

ERNESTO – Você mudou, hein, Alzira? Já está me chamando de Ernesto...

ALZIRA (Ligeiramente reprimida) – Desculpa.

279

ERNESTO – Nem parece a mesma... até me pede desculpas... Nada como uma boa sacanagem pra descontrair a gente... (Bem à vontade) Seu banheiro até que é gostoso... um pouco na base da frescura, mas é bom... (Arrota) Desculpa. (Tirando o maço de cigarros do bolso) Quer fumar? (Alzira não responde) Foi você mesma quem pintou a parede?

ALZIRA – Foi.

ERNESTO (Fazendo gesto) – Com o rolo?

ALZIRA – É. Terapêutica ocupacional.

ERNESTO – Você é que tem sorte... a aposentadoria... o tempo todo disponível. Este apartamento é seu?

ALZIRA – É, eu ainda estou pagando... Comprei pela Caixa Econômica... Eu gosto muito daqui. Os vizinhos... no começo eles me tratavam com toda a gentileza... A mulher aqui do andar de baixo disse que eu podia usar o telefone dela quando quisesse. Ela disse isso porque sabe que eu não tenho pra quem telefonar. Antigamente eu ainda tinha pai... tinha mãe... mas hoje...

ERNESTO (Cortando) – Sem essa, Alzira.

280

ALZIRA – O quê?

ERNESTO – Sem essa de hora da saudade.

ALZIRA (Sem ligar, continuando) – E mesmo que eu tivesse pai e mãe... que é que adiantava?... quando a gente tem 45 anos os pais não têm a menor importância... mesmo assim... tem hora que eu esqueço que tenho 45 e sinto falta da minha mãe... Às vezes eu esqueço que ela morreu e chego até a escrever cartas...

ERNESTO – Bem, minha flor, a cascata tá legal, mas eu preciso me mandar... A gente já brincou muito... Agora vai lá na janela e pede aí pr'um

garotão ou pra dona Esmeralda trazer a chave e a minha camisa... (Mexendo no armário) Onde foi que você enfiou o desodorante? (Ela não responde) Hein, minha flor?

ALZIRA (Se levantando, mudando o tom, seca, indo ao banheiro) – O senhor não acha que está muito à vontade, não? (Volta com o desodorante) Toma. (Ernesto passa o desodorante).

ERNESTO – Você não respondeu à minha pergunta.

ALZIRA – Que pergunta?

ERNESTO – O tutu? Eu perguntei se você tem muito tutu! 281

ALZIRA – Que é que o senhor quer dizer com isso?

ERNESTO – Sem bronca, meu anjo... Você entendeu.

ALZIRA – Meu senhor...

ERNESTO – Fica à vontade Alzira... Se você gostou... a gente pode acertar...

ALZIRA – Eu não sei o que é que o senhor está querendo dizer...

ERNESTO – Você não estava atrasada? Tava, não tava? (Alzira não responde) Você querendo eu posso vir dar uma colher de chá de vez em quando. Era isso que eu queria dizer... Agora você entendeu (Passa as costas da mão de leve no rosto dela) Claro que entendeu, minha flor... não precisa ficar com essa cara de animalzinho assustado... Fica tranquila que eu entendo... Eu sei que é duro... uma mulher como a senhora... sozinha no mundo...

ALZIRA (Séria) – A única coisa que eu lhe peço, meu senhor, é um pouquinho mais de respeito...

282 ERNESTO – Que é isso, minha filha? Agora há pouco você não me pedia respeito... Fica à vontade... você está em forma... melhor que a minha mulher...

ALZIRA (Olha pra ele, arrasada, depois cobre o rosto) – Santo Deus, que é que eu fui fazer?

ERNESTO (Seco) – Para com isso.

ALZIRA – Foi a segunda vez na vida...

ERNESTO – Para de chorar.

ALZIRA – Que vergonha, Meu Deus!

ERNESTO – Vergonha de quê, minha flor?... sem essa agora... você não gozou? (Passa a mão no rosto dela)

ALZIRA (Furiosa de repente, empurrando a mão dele) – Tira a pata de mim... (Ele leva um susto) Tira a pata de cima de mim.

ERNESTO – Pronto, já tirei.

ALZIRA – O que o senhor fez comigo, seu depravado...

ERNESTO – Calma, minha flor...

ALZIRA – E para de me chamar de minha flor... que eu não te dei essa liberdade. Foi o senhor quem me seduziu... Me seduziu debochadamente... como se eu fosse uma mulher à toa... As coisas que o senhor me fez... (Lembrando chocada) O senhor me sodomizou!!! (Começa a andar de um lado pro outro) O senhor pensa que eu não sei o que o senhor queria... (Olha bem pra ele) Era o meu dinheiro... O senhor entrou aqui só pra me dar um arrocho... Só pra tirar o meu dinheiro... pensa que eu sou idiota... pensa que eu não percebi? Mas se deu mal. O meu dinheiro está muito bem guardado, santinho. Perguntou se eu tenho muito dinheiro? Tenho sim. Tenho muito dinheiro. Uma parte muito

bem empregada, em ações. E outra parte, bem longe daqui, muito bem guardada, num banco lá na Suíça. Bem longe de gentinha ordinária como o senhor. Achou que ia conseguir tudo de mim... vendedor... conheço bem esse tipo... eu conheço bem os vendedores... conheci muito bem o seu pai... Você, seu pai, eu conheço...

284

ERNESTO (Decidido) – Chega! A senhora quer saber duma coisa? Eu detesto esse meu emprego. Eu tenho horror desse meu emprego que me obriga a conhecer gente como a senhora. Eu vim aqui, na melhor das intenções, só pra oferecer um Volks, nada mais que isso, e a senhora nem me deixou falar... Se a senhora não estava interessada, por que não me deixou em paz? Me trancou aqui dentro... eu sei pra quê... O que a senhora fez comigo, faz com todos os vendedores... pensa que eu não sei? Hein, pensa que eu não sei? (Pequena pausa)

ALZIRA – Que é que o senhor quer dizer com isso?

ERNESTO – Ora, a senhora sabe muito, bem.

ALZIRA (Inocente) – Não, não sei mesmo.

ERNESTO – Sabe sim. (Alzira faz que não) É por isso que eu detesto as mulheres... Do seu tipo.

E eu dou um azar que só cruzo com mulher do seu tipo... Toda vez que eu entro numa casa pra vender um Volks, eu encontro uma mulher assim que nem a senhora... Uma solteirona ranheta e insuportável como a senhora... que só porque tem uma toca acha que é dona do mundo... Eu prefiro é a morte. Maldita, maldita a hora que eu pus na cabeça que ser corretor de automóveis era uma boa profissão...

ALZIRA (Debochando) – Ah, achava que ia ganhar a vida nas coxas, é? Que era só aparecer com a sua carinha que todo mundo ia se derreter, por causa dos teus lindos olhos? E tem mais. Quer saber duma coisa? O que você tem mais embaixo, meu filho, não chega até lá. Fica na metade do caminho.

285

ERNESTO (Desconfiado e com ódio) – Que é que a senhora quer dizer com isso?

ALZIRA (Seca) – Ah, se toda hora eu tiver que explicar a Ave Maria pro padre, eu prefiro calar a boca pra sempre, e não falar mais.

ERNESTO – Eu odeio as mulheres... principalmente as mulheres de hoje, que ficam fazendo concorrência aos homens... São todas umas metidas, é isso mesmo, umas metidas, umas mandonas... A culpa de tanta viadagem, de tanto bissexua-

lismo, de tanta aberração hoje em dia só pode ser das mulheres...

ALZIRA – O senhor está muito à vontade... E eu vou acabar com isso é agora. Agora o senhor vai ver só uma coisa... Paciência tem limite...

ERNESTO – E tem mesmo. A minha já esgotou...

ALZIRA – Mas a minha ainda não. (Começa a procurar o vestido de noiva) Onde foi que eu enfiei o meu vestido de noiva... (Ernesto está curioso) O senhor vai ver uma coisa só, pra deixar de ser entrão... (Continua procurando o vestido).

286 ERNESTO – (Indo atrás, provocando) A senhora pensa que é a dona do mundo.. só porque tem 45 anos?

ALZIRA (Sem olhar para ele, procurando o vestido) – Sou a dona da minha casa e do meu nariz. (Falando consigo mesma) Onde foi que eu enfiei aquele maldito vestido de noiva? (Continua procurando).

ERNESTO – Fica aí... bancando a santa...

ALZIRA (Parando de frente e cúmplice da plateia, dá uma levantada ligeira na saia) Eu nunca fui santa. (Continua procurando).

ERNESTO – Quando entrei aqui já tinha sua ficha, fica sabendo disso... (Alzira procura o vestido na pasta dele).

ALZIRA (Mexendo na pasta) – O senhor, por acaso, roubou o meu vestido de noiva?

ERNESTO (Arrancando a pasta da mão dela) – Tira a pata da minha pasta.

ALZIRA – Onde foi que o senhor enfiou o meu vestido?

ERNESTO (Apontando a janela) – Está lá embaixo.

287

ALZIRA (Saindo de cena) – Foi o senhor quem jogou... (Volta da cozinha com uma vara de pescar) O senhor me deixa confusa. (Atira a linha pela janela e pesca o vestido) Agora o senhor vai ver uma coisa só...

ERNESTO (Provocando) – Meus amigos já tinham me falado da senhora...

ALZIRA (Saindo de cena) – Que amigos? (Volta trazendo um bumbo).

ERNESTO – A senhora sabe muito bem de quem estou falando...

ALZIRA – Tenho a impressão de que o senhor está um tanto equivocado, não sei não.

ERNESTO – Sabe sim... O Rogério, o Ronaldo, o Reinaldo, o Robertão, o Raimundo, e o Álvaro... são todos meus amigos, todos meus colegas, todos vendedores...

ALZIRA (Esticando o vestido de noiva no sofá, com o auxílio da vara de pescar) – Todos uns panacas como o senhor... Se eles soubessem onde encontrar, já tinham vendido até a alma ao diabo...

288

ERNESTO – Todos já comeram a senhora... (Enquanto Alzira ajeita o vestido de noiva sobre o sofá, Ernesto, cansado de andar atrás, senta-se na poltrona). Essa história de cão siamês é tudo papo furado.

ALZIRA (Vem e se ajoelha aos pés dele, à poltrona, e fala inocentemente, olhando pra cara de Ernesto) – Mas claro! E o senhor acreditou? Quanta inocência! Imagina, que absurdo! Esse cão siamês nunca existiu. Quando o senhor entrou aqui... quando eu percebi que o senhor estava parado ali na porta... eu tive que inventar um motivo bem rápido... um motivo bem forte... pra parecer que eu estava arrasada. Tive que pensar rápido demais e por isso a minha imaginação

escorregou... e eu inventei essa de cão siamês... (Rindo) E o senhor acreditou... agora imagina... onde já se viu... cão siamês...

ERNESTO – E a senhora acha que eu fui nessa? Acha que eu ia ser babaca de acreditar?

ALZIRA – O que eu tinha era uma gata pequinuesa... (Ela vai dar uma mordida no peito dele, que foge) que fugiu... por isso é que eu estava triste... a gata se esfregava na minha perna... quando estava no cio... e eu me esfregava nela, quando eu estava no cio... a gente vivia muito bem... eu e a minha gata pequinuesa...

ERNESTO – Sei. Meus amigos já tinham me falado da senhora... A senhora não passa de uma grande depravada...

289

ALZIRA (Ofendidíssima) – Mentira... o senhor está inventando... eu sou uma mulher limpa... LIMPA, ouviu? Eu nunca fui atrás e nem precisei de ninguém pra me satisfazer sexualmente, está me entendendo? Eu sempre resolvi o meu problema sozinha. Eu acho o cúmulo da falta de imaginação, gente que pra se satisfazer sexualmente precisa de outra pessoa. Eu nunca precisei de ninguém. Foi o senhor quem me seduziu... à força... Mas o senhor não pode nem imaginar a minha vingança... (Definitiva,

pegando o vestido de noiva) Agora, chega de conversa. Põe o vestido.

ERNESTO (Espantado) – O quê???

ALZIRA (Fazendo vibrar a vara de pescar) – Chega de conversa. Anda. Põe o vestido.

ERNESTO (Como quem não leva a sério) – A senhora está me gozando...

ALZIRA (Berrando) – Anda, põe o vestido... Senão eu te dou uma surra de vara.

290 ERNESTO (Rindo com medo e sem graça) – Mas Alzira... que é que é isso?... (Alzira dá uma vergastada no ar. Ernesto desiste e põe o vestido)

ALZIRA – Assim... (Entrega a grinalda) Agora põe a grinalda.

ERNESTO (Ainda não querendo) – Ah, mas que brincadeira é essa, Alzira?

ALZIRA – Põe a grinalda e cala a boca. (Ernesto põe a grinalda).

ERNESTO (Sem graça) – Que barato! (Alzira entrega um batom a ele e segura um espelho de cabo).

ALZIRA – Agora passa o batom. É da Helena Rubinstein. (Para os céus, saudosa, elegíaca) Que Deus a tenha, Helena Rubinstein...

ERNESTO – Ah não, batom não.

ALZIRA (Dá uma vergastada no ar) – Que não, o quê! Passa o batom. O Mick Jagger, que é muito macho, usa batom... anda. (Ernesto passa o batom nos lábios) Agora faz assim, ó... (Alzira faz gesto de batom, os lábios superior e inferior se pressionando e voltando, num estalo) Vai me dizer agora que nunca sentiu vontade de usar um sutiã... (Pega o bumbo e entrega à Ernesto) Agora toca o bumbo.

291

ERNESTO – Ah não, isso eu não faço. Isso já é ridículo... Já é ir longe demais...

ALZIRA (Autoritária) – Toca o bumbo. (Ernesto começa a tocar desajeitadamente)

ERNESTO (Sofrendo) – Não estou gostando dessa brincadeira.. .

ALZIRA – Anda. Toca. Toca. Toca mais forte (Ele aumenta) Mais. Mais forte. (Ele aumenta) Quero ouvir o som, o som. Mais. Mais. (Ele bate mais e mais) O senhor acha que eu devo morrer de alegria só porque o senhor entrou aqui? O senhor

acha que eu devo bater palmas? (Alzira bate palmas) Olha só pra sua cara (Ela põe o espelho de cabo na cara de Ernesto) Olha só pra sua cara. Não quis bancar o garanhão? Não me tratou que nem uma égua? Agora eu estou te tratando que nem uma mula manca. E eu me sinto vingada pelo que você, o senhor seu pai e seus amigos fizeram de mim. Isso eu aposto eles não contaram... todos eles usaram o meu vestido de noiva... todos. Teve um até que gostou... Ainda outro dia eu vi o retrato dele numa revista... fazendo um número de travesti grotesco numa boate *entendida*. (Dramática) Ah, eu não posso ver um homem de terno e gravata que eu fico roída de vontade de obrigar ele a usar o meu vestido de noiva... (Dá uma cuspidinha de lado) Uhhh... homem que usa terninho e gravatinha me dá vontade de vomitar. Ah, eu só queria que o Zé Maria fosse vivo...

ERNESTO – Que Zé Maria?

ALZIRA – Um amigo meu... o único e verdadeiro amigo de toda a minha existência... O único homem que mereceu o meu mais sincero respeito e a minha total admiração...

ERNESTO – Então devia ser um tarado...

ALZIRA – Pra gente do seu tipo era tarado sim... Tarado porque era insubmisso. Nunca usou ter-

no e gravata, a não ser quando estava a fim de curtir em cima. Era um verdadeiro representante da juventude de hoje... Era bem o contrário do senhor, que é a vergonha da juventude. O Zé Maria era um rebelde... era o meu, hum... alter ego, a minha alma gêmea... Ah, se eu tivesse vinte anos menos... se eu tivesse vinte anos eu ia botar pra foder. Quando eu penso no Zé Maria eu até sinto febre... Tenho vontade de dizer palavrão e o cacete. Ele sim, era um santo. O que a sociedade fez com ele... Essa sociedade da qual o senhor, com seu terninho e sua gravatinha, faz parte... Ele morreu por culpa de vocês... Era um santo... Ah, eu só queria era estar lá no Vaticano... no lugar do Papa... aí o Zé Maria ia ser canonizado. Por culpa de gente do seu tipo sabe o que foi que ele acabou sendo? Hein? É... foi ser traficante de drogas... Mescalina, cocaína, metedrina, anfetamina, morfina, heroína, cafetina e o cacete. No que fez muito bem, não tinha outra saída mesmo... E eu entrei num curso de enfermagem por correspondência, só pra aprender a dar injeção nele. Eu aplicava e ele ficava louco... louco e maravilhoso. Um dia roubou um carro... um carrão americano... e me convidou pra sair com ele. E eu fui, claro. Fomos até um lugar fora da cidade, onde tinha um precipício. Aí nós descemos do carro e ficamos olhando a natureza. O Zé Maria adorava e tinha o maior respeito pela

natureza. Ele era incapaz de arrancar uma folha de uma árvore seca. Depois que a gente ficou horas perdidas olhando a natureza, ele entrou no carro e pediu que eu ficasse do lado de fora, olhando o que ele ia fazer... Aí ele ligou o carro, deu marcha à ré e foi em frente... Se atirou no abismo... com o carrão e tudo... E aí eu fiquei lá em cima batendo palmas (Bate palmas) Eu achei lindo, lindo, lindo... (Muda o tom, coloquial, para Ernesto) Sabe como foi que eu conheci o Zé Maria? Hein? Um dia eu ia passando na rua e ele me chamou. Ele fez *psiu* e eu virei. Ele sentiu que eu tinha boa vibração. Ele sacou que o meu astral era altíssimo. Ele ia muito com a minha cara. Ele até me botou um apelido: ele me chamava, gentilmente, de *Alzira Porra Louca*. E eu adorava. Um dia ele me deu ácido...

ERNESTO (Inocente) – Úrico?

ALZIRA – Que úrico? Lisérgico... ácido lisérgico... LSD... foi maravilhoso.

ERNESTO – A senhora não tem vergonha, não? Nessa idade tomando droga...

ALZIRA – E LSD é droga? Ah, como o senhor é menor. LSD é uma coisa santa, uma coisa santa. Ou pelo menos foi uma coisa santa... Agora já degenerou...

ERNESTO – A senhora não regula mesmo...

ALZIRA – Depois que eu tomei... ácido eu passei a ver as pessoas como elas são... O senhor, por exemplo, eu vejo como um velhaco muito... sinistro, cheio de não-me-reles e não-me-toques, a mão suada, barriga monumental, sempre de cara amarrada, cuca fundida, morrendo de medo e muito covarde, não pode ouvir um peido que já pensa que é guerra, é canhão. Ou então... uma rumbeira. Uma Maria Antonieta Pons misto de Cuquita Carballo com Ninon Sevilla, dançando rumba vestida de noiva... Uma rumbeira muito chata e fora da rumba... ranheta, muito ranheta... com tufos de cabelo saindo do nariz e da orelha... Horrerosa... horrorosa... um pouco assim *A Noiva do Frankenstein*... com mau hálito e ácido úrico... cheirando a talco azedo... um bebê todo enrugado... um embrião de mil séculos... um monstro, entendeu? Um monstro!

295

ERNESTO – E a senhora, eu vejo assim como uma tarada, simples e modestamente.

ALZIRA – Tarada é a sua mãe, sua mulher e suas filhas...

ERNESTO – A senhora não ofende as minhas filhas, que eu não admito.

ALZIRA – Ah, que não admite, o quê! Eu estou na minha casa... eu ofendo quem eu quiser. Estou cagando e andando pro que o senhor pensa. Me chamou de tarada? Tarado é o senhor, que além de tarado é um degenerado. (Ernesto tira o vestido de noiva e joga no chão) Eu sei muito bem por que o senhor defende tanto as suas filhas... percebi muito bem... Seu degenerado... está só esperando as suas filhinhas ficarem mocinhas... sei muito bem pra quê...

ERNESTO (Furioso) – A senhora vá pra puta que a pariu.

296 ALZIRA (Autoritária, afrontando-o, séria) – O senhor me respeita, hein?

ERNESTO – Que respeito, o cacete! Enquanto a senhora não abrir essa merda dessa porta, eu digo e faço o que eu quero... É só me esquentar mais um pouco... A senhora jogou a minha camisa fora... me fez usar esse vestido de péssimo gosto... me fez passar toda sorte de vexames... Fez cu doce o tempo todo só para depois me obrigar a comer a senhora, só de raiva... tudo calculado e planejado... A senhora é uma piranha muito da escrota...

ALZIRA (Fria e indiferente) – O que vem de baixo... definitivamente... não me atinge. (Pega um

trabalho de crochê, senta na poltrona, e começa a trabalhar, de vez em quando levanta os olhos do crochê).

ERNESTO – Ô dona, acho que a gente já chegou ao fim, não chegou não? Eu tenho que ir mesmo, minha mulher está esperando, eu tenho uma casa pra sustentar... uma família, e ainda estou muito longe da aposentadoria...

ALZIRA – Esquece um pouco a família, a profissão, a aposentadoria... Me conta um pouco a seu respeito, alguma coisa assim... que me surpreenda... Anda, me diz, eu quero saber um pouco do seu ministério...

297

ERNESTO – Mas eu não tenho mistério nenhum... tudo de mim a senhora já sabe...

ALZIRA (Fazendo gesto com os olhos) – Por favor, não repita... já conheço aquela sua logorreia... eu quero é mistério... mistério...

ERNESTO – Mas eu já disse que não tenho... sou uma pessoa comum... normal...

ALZIRA – Claro que tem mistério... todo mundo tem um certo mistério... (Objetiva) Anda, me diz. Não é possível que eu não consiga arrancar uma outra verdade do senhor.

ERNESTO – Minha senhora, eu não tenho verdade nenhuma, me deixa ir embora... Eu tenho uma família pra cuidar... eu tenho que ir pra casa... tenho que passar no sapateiro... eu mandei fazer dois sapatos para as minhas filhas...

ALZIRA – Humm..., que pena que o senhor não me falou antes... aí eu podia sugerir aquele que a Judy Garland usava em *O Mágico de Oz*... (Estudando-o) Que comovente! O senhor tem duas filhas... (Pequena pausa) O senhor não quer me dar elas pra mim...? Pra eu criar? Quem sabe se eu não posso abrir um orfanato e me transformar... assim... numa nova Josephine Baker? E como é que elas se chamam... as meninas?

298

ERNESTO (Tímido) – Uma se chama Débora... a mais velha, e Alice, a caçula, de dois anos...

ALZIRA – Que bonito. O senhor se casou cedo, não? Aposto que foi sua mulher quem escolheu o nome das meninas, não foi?

ERNESTO – É. Foi.

ALZIRA – Nem precisava dizer. Me diz uma coisa, como é que é a sua mulher? Ela é assim... como é que eu digo?, moderna, despachada, prática, dada? Ou ela nasceu numa noite de ar... abafado... quando a lua passava por Escorpião?

ERNESTO – Minha senhora, eu tenho a impressão de já ter deixado claro, que eu sou um homem responsável, e eu não posso perder mais um minuto com os seus absurdos...

ALZIRA – Que responsável o que? Que mania mais bocó. Responsável... O senhor tem 25 anos e quer ser responsável... eu que tenho 45 não sou... Esse negócio de responsabilidade é papo furado... o senhor não tem cabeça? Então pensa um pouco...

ERNESTO – A minha mulher não pensa assim...

ALZIRA – Ah, é mesmo. Eu tinha me esquecido... Qual é o nome da sua senhora?

299

ERNESTO (Como que querendo que o chão se abra) – É... Zulmira.

ALZIRA – Não sei por que é que eu fui perguntar... Tinha mais que certeza... Só que a Zulmira aí tá me decepcionando... (Pequena pausa) E me diz uma coisa... A Zulmira, por acaso, sabe que é do Oriente que vem tudo que é sensato? Não sabe? Então a Zulmira não tá com nada. Será que a Zulmira sabe que lá no Oriente, no país dos magadaís, as pessoas nascem caquéticas, re-juvenescem de ano para ano, e falecem quando chegam a criancinhas? Se ela não sabe, como é

que eu posso ter um diálogo com Zulmira? Mas aposto que ela... supõe... que seja do sul que vem tudo quanto é preciso... Agora... de que sul?, não pergunte à Zulmira.

ERNESTO – Isso que a senhora está falando é destruição... e eu estou aqui no mundo é para construir...

ALZIRA (Tirando de letra) – Ah, o senhor lá sabe o que seja construir?... (Pausa) É por isso que a raça humana está praticamente perdida...

ERNESTO – Não está não.

300

ALZIRA – Vai pensando assim que o senhor acaba se fodendo...

ERNESTO – Eu acredito na salvação da raça humana...

ALZIRA – O senhor devia começar a pensar na sua própria salvação. (Abandonando o crochê e levantando-se, possessa) E o senhor quer saber duma coisa? O poder aqui dentro sou eu. A raça humana não tem mais salvação. E fim de papo! (Pausa) Mas... me diz uma coisa... O senhor se casou virgem... ou o seu irmão mais velho te levou na zona quando você fez dezoito anos?

ERNESTO – Minha senhora... eu já tinha que estar na minha casa... Minha mulher está me esperando... E as crianças choram quando eu não apareço na hora certa...

ALZIRA – Imagina só. No dia de hoje... criança vai chorar por uma coisa dessas? E a Zulmira... onde foi que ela nasceu?

ERNESTO – No Alto da Boa Vista.

ALZIRA – Do Rio?!

ERNESTO – Não, de São Paulo.

ALZIRA – Então ela também tá por fora. (Pausa) Ah, que chato, eu espremo que espremo... e não sai nada do senhor. (Sacudindo-o) Anda, eu quero que o senhor me conte uma coisinha só, uma maldadezinha só. O senhor já fodeu alguma galinha, quando era pequeno?

301

ERNESTO – Isso é contra a natureza. Eu nunca fiz isso e tenho nojo de quem fez... ou faz.

ALZIRA (Suspirando) – Ah, mas nem isso?!

ERNESTO – Mas uma vez eu vi... um menino enfiando uma bombinha de São João no cu de uma cachorrinha... vira-lata.

ALZIRA – Então o senhor também não é lá flor que se cheire.

ERNESTO (Decidido) – Eu quero ir embora daqui é agora. Nesse instante.

ALZIRA – Mas nem pensar. Eu ainda tenho muitas verdades pra arrancar da sua cara. (Ernesto tenta arrombar a porta, dá chutes, força a maçaneta).

ERNESTO – Eu sou um cidadão responsável, responsável, entendeu? Eu quero deixar isso bem claro.

302 ALZIRA – O senhor não aprende mesmo. (Impaciente) Ah, eu só queria ter um programa de televisão num horário nobre, só meu, aí o IBOPE ia ver o que é IBOPE. Eu queria ter um programa de televisão na minha mão... Aí sim eu ia mostrar... a essa cidade inteira... o que é responsabilidade. (Para Ernesto) O senhor sabe, em síntese, o que é responsabilidade? Hein? Não sabe. Pois eu vou dizer. (Sobe no sofá) Responsabilidade é uma coisa que só as pessoas de menos de 20 anos devem ter. Depois dos 20, meu filho... a gente devia mandar a responsabilidade é pras picas... Ah, eu só queria ter um programa de televisão pra dizer isso pra todo mundo, pro mundo inteiro... Depois dos 20... a gente começa a perder ponto... por causa dessa palavra tão mal entendida. Depois dos 20... a gente tem que fazer... sabe o quê? Não sabe?,

pois eu vou dizer. Depois dos 20 a gente tem é que enlouquecer. Enlouquecer a gente e os outros... a cidade inteira... o mundo inteiro... Sabe o que é que nós somos? Eu, o senhor, e o resto da raça humana? Uma merdinha assim, ó. Uma merdinha deste tamaninho. Uma pobreza, uma insignificância só. Um cu, entende?, um cu! (Suspirando, desce do sofá) E eu, tonta, só fui descobrir essa verdade depois dos 30. Mas também... o que eu já fiz pra recuperar o tempo perdido... Cada maldade, cada vingança, o senhor não pode nem imaginar... (Pequena pausa) E sabe de quem é a culpa? (Ernesto não responde, Alzira insiste) E SABE DE QUEM É A CULPA? Do seu pai. (Volta as costas pra ele).

ERNESTO (Surpreso) – Do meu pai? ?

303

ALZIRA – É, do seu pai mesmo. Do Ernesto.

ERNESTO – Minha senhora, eu quero esclarecer uma coisa...

ALZIRA – Esclarece (Pequena pausa, Alzira espera).

ERNESTO – O meu nome não é Ernesto. Quando a senhora perguntou o meu nome eu menti... Eu vi Ernesto escrito ali na parede... e disse que me chamava Ernesto...

ALZIRA (Rindo) – E o senhor acha que eu ia acreditar que o senhor se chamasse Ernesto?

Esse Ernesto aí da parede nunca existiu... eu inventei... e o senhor caiu? (Ri).

ERNESTO (Arrasado) – A senhora me esgotou. (Pega a vara de pescar).

ALZIRA (Afrontando, altiva) – O senhor vai me bater? Pode bater. Anda. Bate. Bate... (Ernesto passa por Alzira e vai direto à janela com a vara de pescar)

ERNESTO – Eu vou pescar a chave e a minha roupa...

304 ALZIRA (Arrancando a vara da mão dele) – Nada disso... (Atira a vara de pescar pela janela).

ERNESTO – Não tem importância... Eu vou ter que apelar, mas *azeite*... (Começa a gritar, da janela) Ô gente! Socorro! Dona Esmeralda! Polícia! (Alzira deixa-o gritando e vai preparar mais um copo de água com açúcar) Que merda! Não tem um desgraçado perto... Não estou vendo ninguém... POLÍCIA! SOCORRO! (Alzira entra com o copo de água com açúcar).

ALZIRA (Oferecendo o copo, complacente e direta) – O senhor está muito nervoso. Toma!

ERNESTO (Recusando) – Já cansei dessa água com açúcar. A senhora está querendo me engordar?

ALZIRA – Chega de conversa. Toma. (Ele recusa)
TOMA! (Ernesto pega o copo, bebe, Alzira ajuda,
empurrando o líquido garganta adentro, e ele
toma duma vez) Assim é que eu gosto... (Pausa)
O senhor não sentiu um gostinho estranho nessa
água com açúcar?

ERNESTO (Apavorado) – Que é que a senhora
botou dentro, dona??

ALZIRA (Fria) – Eu te dou um doce se você adi-
vinhar...

ERNESTO (Petrificado) – A senhora me matou,
dona...

305

ALZIRA (Séria) – Esta foi a última vez que você
teve oportunidade de usar as suas pernas.

ERNESTO (Tentando enfiar o dedo na goela) –
Que foi que a senhora fez...?

ALZIRA – Esta foi a última oportunidade que você
teve de usar os seus braços, a sua boca, a sua cabe-
ça... Esta foi a última vez que você teve oportuni-
dade de usar o seu sexo. (Ernesto cai, fulminado).

ALZIRA (Segreda à plateia) – Era soda cáustica.

Blecaute

Epílogo

(O público aplaude. Ernesto continua estendido no chão e Alzira faz sinal para que o público cesse os aplausos)

ALZIRA – Alguma coisa vai mal neste país. Vocês acabaram de aplaudir um crime. Vocês acabaram de aplaudir o MEU CRIME. E já que vocês aplaudiram o meu crime, eu vou dar o meu recital. (À vontade) Sabe duma coisa, gente? Eu estou precisando de falar, de falar muito, muito, muito... Mas eu tenho a impressão, de que não vou falar é nada. Porque Europa não é América... Espanha não é México... E eu não sou Eva Perón. Quero apenas deixar o meu muito obrigada. Mas muito obrigada mesmo!

Blecaute

FIM

Adendo (e Sugestões)

1) ABERTURA DA PEÇA: Antes de Ernesto surgir à porta, Alzira pode estar sentada, na poltrona, fazendo crochê, e muito alegre, conversar um pouco com a plateia. como se estivessem todos num recreio, ou então, ela, Alzira, pode cantar um número relativamente ridículo, mas cheio de humor. E como numa farsa, ela para instantaneamente quando percebe, de costas para ela e para a porta de entrada, que Ernesto está lá.

Na primeira montagem da peça, que tinha o título de *O Cão Siamês*, Yolanda Cardoso escolheu, para cantar, um samba-canção de Antônio Maria intitulado *Aconteceu em São Paulo*, gravado há muito tempo por Hebe Camargo. Na segunda montagem da peça, já *Alzira Power*, Yolanda mudava de música conforme o *mood*. Entre outras, ela chegou a cantar a *Escandalosa* de Emilinha Borba. A atriz que fizer Alzira tem todo o direito de escolher a música que quiser. Ou não cantar nada, se for do seu agrado assim.

307

2) DETALHE DO CENÁRIO: Num lugar da parede, visível para o público e para Ernesto, alguns nomes masculinos escritos, entre eles, Ernesto Pasqualini Parmelucci.

3) CURIOSIDADES: No monólogo em que Alzira fala de jornais e revistas, onde ela conta que aprendeu línguas pra ficar em casa e se informar de tudo, ler revistas, etc., a atriz que fizer Alzira pode improvisar e colocar informações recentes, sempre de cunho absurdo, a respeito de fatos e curiosidades do planeta.

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
As Três Primeiras Peças – Antonio Bivar	11
Cordélia Brasil	23
Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã	103
O Cão Siamês ou Alzira Power	243

Crédito das Fotografias

Todas as fotografias pertencem ao acervo de
Antonio Bivar

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamu

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecio Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppó

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos***

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredó – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecio Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro
e Eu Não Sei Ler***

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias

Gomes – História de um Personagem Larapista e Maquiavelento

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Bivar, Antonio

As três primeiras peças / Antonio Bivar – São Paulo:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

332p. : Il. – (Coleção Aplauso. Série teatro / Coordenador
geral Rubens Ewald Filho).

Conteúdo: Cordélia Brasil; Abre a janela e deixa entrar
o ar e o sol da manhã; O cão siamês ou Alzira Power.

ISBN 978-85-7060-921-2

1. Peças de teatro 2. Teatro brasileiro 3. Teatro – História
e crítica 4. Bivar, Antonio, 1939 I.Ewald Filho, Rubens.
II.Título. III. Série.

CDD 809.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Teatro : Literatura : História e crítica 809.2

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Teatro Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Ana Lúcia Charnyai
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Wilson Ryoji Imoto

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 332

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Applauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Nos últimos anos do decênio de 1960, surgiu espontaneamente uma leva de jovens dramaturgos antenados com o espírito de mudança que faria a história daquela década. Fizeram do teatro a trincheira de ataque e defesa do que rolava no *zeitgeist*. Desses jovens autores Antonio Bivar foi, desde o surgimento de seu primeiro texto, *Cordélia Brasil* (1968) considerado – pelo crítico Yan Michalski, no Jornal do Brasil (RJ) – *o pensamento mais moderno do teatro brasileiro*. Um talento já pronto, mas ainda aprendiz no campo da carpintaria teatral. Outras duas peças seguiram: *Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã* e *O cão siamês de Alzira Porra-Louca* (título logo abreviado para *Alzira Power*, como é hoje conhecida). Por essas três primeiras peças, Antonio Bivar recebeu os prêmios teatrais mais importantes como melhor autor de 1968 e 1971, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Aprovadas no teste do tempo – outro crítico ilustre, Sábato Magaldi definiu as três primeiras peças de Antonio Bivar como *clássicas do moderno repertório teatral brasileiro*.

Mexendo com situações absurdas, com a fantasia, a anarquia, o humor imprevisível, o hiper-realismo e a tragicomédia essas três encenações tiveram em suas primeiras montagens grande empatia com o público e hoje, clássicas, continuam surpreendentes em estilo e originalidade.

A **Coleção Aplauso** tem o prazer de disponibilizar esses três textos nesta edição da **Coleção Aplauso da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, no seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural do Brasil.

ISBN 978-85-7060-921-2



9 788570 609212